



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SÁVIO ANDRÉ DE SOUZA CAVALCANTE

**ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DA ORDENAÇÃO DE CLÁUSULAS
HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL**

FORTALEZA
2015

SÁVIO ANDRÉ DE SOUZA CAVALCANTE

ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DA ORDENAÇÃO DE CLÁUSULAS
HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan.

FORTALEZA
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C364a Cavalcante, Sávio André de Souza.
Análise sociofuncionalista da ordenação de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no espanhol mexicano oral / Sávio André de Souza Cavalcante. – 2015.
182 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Linguística; Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.
- 1.Língua espanhola – Espanhol falado – Cidade do México(México) – Adverbiais. 2.Língua espanhola – Espanhol falado – Cidade do México(México) – Orações subordinadas. 3.Língua espanhola – Aspectos sociais – Cidade do México(México). 4.Sociolinguística – Cidade do México(México). 5.Língua espanhola no México. I. Título.

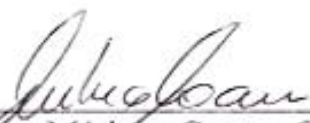
SÁVIO ANDRÉ DE SOUZA CAVALCANTE

ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DA ORDENAÇÃO DE CLÁUSULAS
HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL

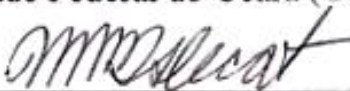
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 20/02/2015.

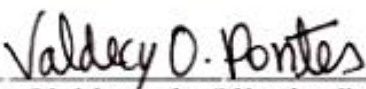
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Márluce Coan – Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Prof. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat – 1ª Examinadora
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes – 2º Examinador
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este...

À minha querida mãe, Rita.

Aos meus padrinhos, Socorro e Nilton.

À minha orientadora, Márluce Coan.

À minha pastora e melhor professora de Português, Vera Cavalcante.

Aos meus admiráveis amigos, Thomas e Rebeca.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu grande amor, em ter entregado seu único Filho para morrer por mim e, após sua morte, deixar aqui o Espírito Santo, fonte de toda a minha sabedoria.

À minha mãe, que tanto lutou para que eu pudesse chegar aonde cheguei. Foram anos de dedicação por minha vida e muito investimento. Obrigado, mãe! Não estaria aqui sem a sua ajuda e apoio.

À minha irmã Cíntia, por ter de fazer tantas coisas sem ajuda enquanto eu passava dias e dias escrevendo e estudando.

À minha avó Maria André, *in memorian*, que cuidou de mim durante toda a minha pequenez e ao meu tio Antônio, que também creu que eu iria longe.

Aos meus padrinhos Socorro e Nilton e seus filhos Lanna, Nilton e Nilson. Que família! Foram os que me educaram e me deram conselhos tão valiosos. Amo vocês!

Ao meu pai Mano e à sua esposa, minha “boadrasta”, Irlândia. Obrigado por, também, acreditarem em meu sucesso.

Aos meus parentes paternos: Alencar (o vizinho) e Maria Tilde (a vizinha – *in memorian*), Christiane e Karízia Cavalcante (irmãs), Jacinta e Lúcia (tias), Alencar (o vizinho), Gigi, Sara, Geovane e Graciele (os primos), Gilmar e Silvana Cavalcante (os primos!). Em especial, à tia Jacinta, que, gentilmente, presenteou-me com livros de Linguística cujo conteúdo muito enriqueceu as páginas que se seguirão.

À profa. Dra. Fernanda Coutinho, minha primeira orientadora, da Literatura. Foi quem formou em mim o espírito de cientista, arguto, curioso, organizado e, acima de tudo, criativo. Obrigado por acreditar em mim!

À profa. Dra. Inês Cardoso, uma amiga muito especial que muito me aconselhou e apostou que eu iria longe.

À profa. Dra. Márluce Coan, pela paciência, pelo zelo, pela dedicação. Também por ter me recebido quando a procurei, ainda “verdinho” em Linguística. Obrigado pelas leituras atenciosas, pelas indicações tão precisas e pelos encontros de orientação tão proveitosos.

À profa. Dra. Márcia Nogueira, pelas disciplinas ministradas, pelas orientações de leitura, e por, gentilmente, ter aceitado participar da minha banca de qualificação do projeto. Também à profa. Dra. Hebe de Macedo, que, com sua calma, também trouxe tantas contribuições ao meu trabalho em conversas nos corredores do PPGL.

À profa. Dra. Maria Elias Soares, por tantas contribuições valiosas dadas durante as disciplinas de “Métodos de investigação linguística” e “Seminários de pesquisa”.

À profa. Dra. Claudete Lima, que despertou em mim a paixão pela Linguística e ainda o amor pelas temporais e a ordenação. Agradeço pela sugestão de pesquisa. Este trabalho é fruto de suas disciplinas.

Ao prof. Ms. Paulo Octaviano Terra, o homem com quem aprendi a escrever bem e a ser atento aos mínimos detalhes da produção de textos acadêmicos.

Ao prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes, que também teve parte em minha formação como professor de Espanhol e, agora, como Mestre em Linguística. Obrigado pela leitura atenta do meu projeto quando ele ainda era um embrião, na época da seleção, e, depois, pela leitura minuciosa na banca de qualificação, e, agora, novamente em minha defesa.

À profa. Dra. Beatriz Decat, por, gentilmente, ter me enviado, pelo correio, seus textos, que fizeram toda a diferença nesta pesquisa. O que seria deste trabalho sem o grupo das funções textual-discursivas e as relações lógico-semânticas?

Ao prof. Ms. José Roberto Brito, meu também coorientador, que me ajudou na época a seleção, lendo o projeto e me dando dicas preciosas de como estudar e de como fazer um bom projeto. Obrigado, Zé! Você é um ser iluminado por Deus!

À profa. doutoranda Lorena Rodrigues, minha professora de graduação e, agora, “filhos da mesma orientadora”. Lorena, você também tem parte em meu amor pela Linguística.

Aos queridíssimos funcionários do PPGL, Antônia, Eduardo e Vanessa. Vocês são fera!

Ao CNPq, pelo apoio financeiro, sem o qual esta pesquisa não poderia ter ido adiante. Obrigado pelas fieis bolsas ao longo desses dois anos e pelas anteriores, que me foram concedidas quando eu era da Literatura.

À Biblioteca Central – Prof. Eugenio Pereira Salas, Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile na pessoa de Victoria Paz Muñoz Tamayo, pelo envio do texto do Bolinger. Vocês foram maravilhosos!

Aos queridos pastores Vera e Gilmar Cavalcante, minha segunda família. Tantas histórias ao longo de quase 15 anos de amizade! Vera, com suas aulas magnânimas de Português, despertou em mim a paixão pelas Letras. Ao meu pastor (e primo!), Gilmar Cavalcante, que, com profunda sabedoria, muito me ensinou os detalhes minuciosos da vida. Meu coração está cheio de gratidão!

Aos amados pastores de jovens Hermínio e Lidiane Resende, por também apostarem em meu sucesso e me apoiarem com conselhos preciosos. Vocês são muito amados!

Aos ilustríssimos amigos-irmãos Thomas de Castro, Rebeca Nagle, por entenderem meus momentos de ausência e por ouvirem minhas perguntas sobre Linguística, mesmo sem entender. Amo vocês! Vocês também são minha família!

Ao também mestre Irineu Fernandes, que, com sua sabedoria, soube discursar comigo sobre Linguística, mesmo sendo Engenheiro de Marinha Mercante, e discutir comigo sobre iconicidade e outros temas afins. Quanta sabedoria! Acho que você já é doutor, em assuntos diversos.

Aos amigos do curso de Letras-Espanhol da UFC: Vladinise, Eveline, Leidiane, Lívia, Jaqueline, Magno, Victor, Zulmira, Ravena. Também à Neurielli, companheira desde a graduação. Vamos para o doutorado, Neuri's?

Aos amigos-tutores, companheiros de trabalho e viagens da EaD: Leonel Santos, Ana Paula Trindade, Maria José e Milene Peixoto, por tantas ocasiões de conversas mui produtivas sobre meu projeto.

Aos amigos Shirley Cordeiro (a branquinha), Viviane (a bencinha), Verônica Rocha, Silvana Cavalcante (a prima também letrada, cheia de sabedoria), Geovana Cavalcante, Wilma Guimarães, Fran e Naldo Barroso (casal top!), Célia e Helton Girão (os missionários), Regivaldo e Jhamily Lima, Lucimar Barbosa, Luiza, Juliana Cordeiro e Felipe Nascimento, Helena Cordeiro, Jam e Mayara, Socorro, Eunice, Ana Nóbrega e Dvaldo Nóbrega (que família linda!), Wal e Teca Ribeiro, Eduardo e Karlla Melissa, Esaú, Josi, Glória, Fábio e Silvinha, Phelipe Torquato e toda a família, Liduína, Sara e Alberto (os compadres), Joane e João Batista, Aline, Emerciana, Fábio e Samary, Jonathas, Raphinha, Mirelly e João Victor, Martinha (a Xuxu!) e Hamílton, Ronney e Giselle, Pr. Cristiano e Rochele (meus primeiros pastores), Synara, Socorro, Israel e Débora, Darlene, Denise, Daniele, Luís e esposa (da Igreja Congregacional), Carmen, Hélio, Jimmy, Mila (os professores da Casa de Cultura Hispânica), os vizinhos D. Franci e Sr. Raimundo, à Dra. Juliana Aderaldo e Quênia, Raquel, Yves e Juan, Kaká e Marlise, Felipe, Sheiliane e Gabriel, Eti, Osmêndia, Ciene. Quão especiais todos são para mim! Vocês também me ajudaram nessa empreitada, seja com uma palavra, com uma carona, com um incentivo, com um abrigo....

Enfim, esta é a seção de vocês – a seção da honra –. E a Bíblia diz que devemos honrar os que têm honra. Vocês foram os braços que me ergueram. Obrigado! Meu coração será eternamente grato!

“Em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, assim lhe será feito.” (Jesus Cristo – Marcos 11:23)

RESUMO

O trabalho em questão tem como objetivo verificar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na ordenação de orações subordinadas adverbiais temporais em Língua Espanhola (LE), especificamente, no Espanhol mexicano oral. Apesar do posicionamento normativo de gramáticas tradicionais de LE (NEBRIJA, 1492; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781), que prescrevem a posposição, essas orações também aparecem, comumente, antepostas ou intercaladas à principal. A pesquisa conta com aparato teórico da Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), do Funcionalismo linguístico (HOPPER, 1991; HOPPER; THOMPSON, 1980; HALLIDAY, 1985; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1971, 1991, 1995, 2001) e da articulação teórica entre as duas correntes, denominada Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003). Quanto aos procedimentos metodológicos, 24 entrevistas foram analisadas e, delas, extraídas as orações que compuseram esta análise. Ao total, um número de 389 dados de temporais em diversas posições foram codificados de acordo com a atuação de fatores linguísticos (*relação cronológico-temporal, tipo de oração e de conectivo, extensão da oração temporal, paralelismo sintático, topicidade, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal, relações lógico-semânticas e funções textual-discursivas*) e extralinguísticos (*idade do falante e escolaridade do falante*). Após a codificação, os dados passaram por análise estatística através do *software Goldvarb*, que calculou frequências e pesos relativos, atestando maior ou menor relevância dos fatores em cada uma das três posições que a temporal pode assumir. Os resultados mostram que a anteposição está se convertendo na posição mais comum da temporal em relação à principal (220 dos 389 dados ao todo – 56.6%). Além do mais, também pode ser condicionada pelos seguintes fatores, em cada grupo: *funções textual-discursivas (fator guia), estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal (fator temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo), paralelismo sintático (fator anteposição), escolaridade do falante (fator nível médio) e relação cronológico-temporal (fatores simultaneidade e anterioridade)*, nessa ordem. Quanto à posposição, com 101 dos 389 dados no total (26%), os seguintes grupos, com seus fatores, nessa ordem, mostraram-se extremamente relevantes para explicá-la: *relação cronológico-temporal (fator posterioridade), funções textual-discursivas (fator figura/temporal atípica), idade do falante (fator maiores de 55 anos), relações lógico-semânticas (fatores tempo e concessão e tempo prototípico) e paralelismo sintático (fatores intercalação e posposição)*. Em relação à intercalação, que se apresentou em 68 dos 389 dados gerais (17.5%), seus

condicionamentos mais relevantes foram, nessa ordem: *paralelismo sintático* (fator *posposição*), *funções textual-discursivas* (fatores *fundo guia e figura/temporal atípica*) e *relação cronológico-temporal* (fator *simultaneidade*). Conclui-se que os grupos *funções textual-discursivas*, *paralelismo sintático* e *relação cronológico-temporal* são extremamente importantes no que diz respeito à explicação da ordem das temporais, pois foram selecionados nas rodadas das três variantes em análise. Notou-se, também, que a temporal assume, com frequência, novas funções para além de fundo cenário/moldura, a saber: figura e guia. Além disso, apresenta o valor semântico de tempo amalgamado a outros, a saber: motivo, condição, concessão. Essas funções e relações semânticas motivam ordens alternativas. Quanto à idade dos falantes, percebeu-se que os mais jovens estão sendo a parcela da sociedade que motiva a variante inovadora anteposição, enquanto os mais velhos ainda mantêm o padrão normativo-tradicional da posposição.

Palavras-chave: Ordenação. Orações temporais. Espanhol mexicano oral. Sociofuncionalismo.

RESUMEN

El trabajo en cuestión tiene como objetivo verificar la actuación de factores lingüísticos y extralingüísticos en la ordenación de oraciones subordinadas adverbiales temporales en Lengua Española (LE), específicamente, en el Español mexicano oral. A pesar del posicionamiento normativo de gramáticas tradicionales de LE (NEBRIJA, 1492; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781), que prescriben la posposición, esas oraciones también aparecen, comúnmente, antepuestas o intercaladas a la principal. La investigación cuenta con aporte teórico de la Sociolingüística variacionista (LABOV, 1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), del Funcionalismo lingüístico (HOPPER, 1991; HOPPER; THOMPSON, 1980; HALLIDAY, 1985; HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; GIVÓN, 1971, 1991, 1995, 2001) y de la articulación teórica entre las dos corrientes, nombrada Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003). En cuanto a los procedimientos metodológicos, se analizaron 24 entrevistas y, de ellas, extraídas las oraciones que compusieron este análisis. En el total, un número de 389 datos de temporales en diversas posiciones se han codificado de acuerdo con la actuación de factores lingüísticos (*relación temporal, tipo de oración y de conector, extensión de la oración temporal, paralelismo sintáctico, topicidad, estatuto informacional de los sujetos de la oración principal y de la temporal, relaciones lógico-semánticas y funciones textual-discursivas*) y extralingüísticos (*edad del hablante y escolaridad del hablante*). Después de la codificación, los datos pasaron por análisis estadístico a través del *software Goldvarb*, que calculó frecuencias y probabilidades, atestando más grande o más pequeña relevancia de los factores en cada una de las tres posiciones que la temporal puede asumir. Los resultados muestran que la anteposición está convirtiéndose en la posición más común de la temporal en relación con la principal (220 de los 389 datos en el total – 56.6%). Además, también puede ser condicionada por los siguientes factores, en cada grupo: *funciones textual-discursivas (factor guía), estatuto informacional de los sujetos de la oración principal y de la temporal (factor temporal con sujeto dado y principal con sujeto nuevo), paralelismo sintáctico (factor anteposición), escolaridad del hablante (factor nivel medio) y relación cronológico-temporal (factores simultaneidad y anterioridad)*, en este orden. En cuanto a la posposición, con 101 datos en el total (26%), los siguientes grupos, con sus factores, en este orden, se revelaron extremadamente relevantes para explicarla: *relación cronológico-temporal (factor posterioridad), funciones textual-discursivas (factor información prominente/temporal atípica), edad del hablante (factor mayores de 55 años), relaciones lógico-semánticas (factores tiempo y concesión y sólo tiempo) y paralelismo sintáctico (factores intercalación y*

posposición). En relación con la intercalación, que se presentó en 68 de los 389 datos generales (17.5%), sus condicionamientos más relevantes fueron, en este orden: *paralelismo sintáctico (factor posposición)*, *funciones textual-discursivas (factores trasfondo guía e información prominente/temporal atípica)* y *relación cronológico-temporal (factor simultaneidad)*. Se concluye que los grupos *funciones textual-discursivas*, *paralelismo sintáctico* y *relación cronológico-temporal* son extremadamente importantes en lo que respecta a la explicación del orden de las temporales, pues se seleccionaron en las rondas de las tres variantes en análisis. Se percibió, también, que la temporal asume, con frecuencia, nuevas funciones además de trasfondo escenario/moldura, a saber: trasfondo y guía. Además de eso, se presenta el valor semántico de tiempo amalgamado a otros, a saber: motivo, condición, concesión. Esas funciones y relaciones semánticas motivan posiciones alternativas. En cuanto a la edad de los hablantes, se percibió que los más jóvenes son la parcela que más motiva la variante innovadora anteposición, mientras los más viejos aún mantienen el patrón normativo-tradicional de la posposición.

Palabras-clave: Ordenación. Oraciones temporales. Español mexicano oral. Sociofuncionalismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Zona Metropolitana da Cidade do México (ZMCM).....	91
Figura 2 – A Zona Pertinente (ZP)	91
Quadro 1 – Infinitivo, gerúndio, particípio e as orações subordinadas.....	33
Quadro 2 – O complexo frasal no subsistema de expansão.....	36
Quadro 3 – <i>Continuum</i> da combinação de orações.....	37
Quadro 4 – Propriedades gradientes da combinação de orações.....	38
Quadro 5 – Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade.....	63
Quadro 6 – Parâmetros de transitividade.....	71
Quadro 7 – Divisão do <i>Corpus</i> Sociolinguístico de la Ciudad de México.....	92
Quadro 08 – Marcação e ordenação das orações temporais no Corpus Sociolinguístico da Cidade do México.....	101
Quadro 09 – Marcação e uso de temporal anteposta por funções textual-discursivas.....	105
Quadro 10 – Marcação e uso de temporal anteposta por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal.....	107
Quadro 11 – Marcação e uso de temporal anteposta por paralelismo sintático no mesmo subtópico.....	109
Quadro 12 – Marcação e uso de temporal anteposta por escolaridade do falante.....	111
Quadro 13 – Marcação e uso de temporal anteposta por relação cronológico-temporal.....	113
Quadro 14 – Marcação e uso de temporal anteposta por idade do falante.....	115
Quadro 15 – Marcação e uso de temporal anteposta por topicidade.....	117
Quadro 16 – Marcação e uso de temporal anteposta por extensão da oração temporal.....	118
Quadro 17 – Marcação e uso de temporal anteposta por tipo de oração.....	119
Quadro 18 – Marcação e uso de temporal anteposta por tipo de conectivo de temporais desenvolvidas.....	120
Quadro 19 – Marcação e uso de temporal anteposta por relações lógico-semânticas.....	122
Quadro 20 – Marcação e uso de temporal posposta por relação cronológico-temporal.....	126
Quadro 21 – Marcação e uso de temporal posposta por funções textual-discursivas.....	128
Quadro 22 – Marcação e uso de temporal posposta por idade do falante.....	129
Quadro 23 – Marcação e uso de temporal posposta por relações lógico-semânticas.....	131
Quadro 24 – Marcação e uso de temporal posposta por paralelismo sintático.....	132
Quadro 25 – Marcação e uso de temporal posposta por escolaridade do falante.....	134
Quadro 26 – Marcação e uso de temporal posposta por tipo de oração.....	135
Quadro 27 – Marcação e uso de temporal posposta por tipo de conectivo de temporais desenvolvidas.....	136
Quadro 28 – Marcação e uso de temporal posposta por topicidade.....	137
Quadro 29 – Marcação e uso de temporal posposta por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal.....	139
Quadro 30 – Marcação e uso de temporal posposta por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal.....	140
Quadro 31 – Marcação e uso de temporal intercalada por paralelismo sintático.....	144
Quadro 32 – Marcação e uso de temporal intercalada por funções textual-discursivas.....	146
Quadro 33 – Marcação e uso de temporal intercalada por relação cronológico-temporal.....	148

Quadro 34 – Marcação e uso de temporal intercalada por topicidade.....	149
Quadro 35 – Marcação e uso de temporal intercalada por extensão da temporal.....	150
Quadro 36 – Marcação e uso de temporal intercalada por idade do falante.....	152
Quadro 37 – Marcação e uso de temporal intercalada por tipo de oração.....	154
Quadro 38 – Marcação e uso de temporal intercalada por tipo de conectivo de temporais desenvolvidas.....	154
Quadro 39 – Marcação e uso de temporal intercalada por relações lógico-semânticas.....	156
Quadro 40 – Marcação e uso de temporal intercalada por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal.....	158
Quadro 41 – Marcação e uso de temporal intercalada por escolaridade do falante....	159
Quadro 42 – Síntese dos resultados.....	167
Tabela 01 – Distribuição da ordenação das orações temporais no Corpus Sociolinguístico da Cidade do México.....	100
Tabela 02 – Funções textual-discursivas e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	103
Tabela 03 – Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	106
Tabela 04 – Paralelismo sintático no mesmo subtópico e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	108
Tabela 05 – Cruzamento entre os fatores idade do falante e Paralelismo sintático no mesmo subtópico na motivação do uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	108
Tabela 06 – Escolaridade do falante e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	110
Tabela 07 – Cruzamento entre os fatores idade do falante e escolaridade do falante na motivação do uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	110
Tabela 08 – Relação cronológico-temporal e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	112
Tabela 09 – Idade do falante e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	114
Tabela 10 – Topicidade e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	115
Tabela 11 – Extensão da oração temporal e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	117
Tabela 12 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	118
Tabela 13 – Relações lógico-semânticas e uso de temporal anteposta <i>versus</i> temporal intercalada e posposta.....	121
Tabela 14 – Relação cronológico-temporal e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	125
Tabela 15 – Funções textual-discursivas e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	127
Tabela 16 – Idade do falante e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	129
Tabela 17 – Relações lógico-semânticas e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	130
Tabela 18 – Paralelismo sintático e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	132

Tabela 19 – Escolaridade do falante e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	133
Tabela 20 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	134
Tabela 21 – Topicidade e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	136
Tabela 22 – Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	138
Tabela 23 – Extensão da temporal e uso de temporal posposta <i>versus</i> temporal anteposta e intercalada.....	139
Tabela 24 – Paralelismo sintático e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	143
Tabela 25 – Funções textual-discursivas e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	145
Tabela 26 – Relação cronológico-temporal e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	147
Tabela 27 – Topicidade e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	149
Tabela 28 – Extensão da temporal e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	150
Tabela 29 – Idade do falante e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	151
Tabela 30 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	152
Tabela 31 – Relações lógico-semânticas e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	155
Tabela 32 – Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	156
Tabela 33 – Escolaridade do falante e uso de temporal intercalada <i>versus</i> temporal anteposta e posposta.....	158

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DA SUB(ORDINAÇÃO) E HIPOTAXE COM VALOR TEMPORAL	26
2.1 Por uma caracterização das Orações Subordinadas Adverbiais Temporais.....	26
2.2 Sub(ordinação) ou Hipotaxe?.....	35
2.3 Síntese da discussão.....	38
3 ANTEPOR, INTERCALAR OU POSPOR? ESTUDOS SOBRE A ORDEM DE TERMOS EM LÍNGUA ESPANHOLA	41
3.1 O tratamento dado à ordem de termos em gramáticas de Língua Espanhola.....	41
3.2 A descrição, em Linguística, da ordem das temporais.....	47
3.3 Síntese da discussão.....	51
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	54
4.1 Teorias de base.....	54
4.1.1 Sociolinguística variacionista.....	54
4.1.2 Funcionalismo linguístico.....	64
4.1.3 Sociofuncionalismo.....	78
4.2 Síntese da discussão.....	83
5 METODOLOGIA	87
5.1 Quanto ao método de abordagem.....	87
5.2 Quanto aos métodos de procedimento.....	87
5.2.1 Tipo de pesquisa.....	87
5.2.2 Procedimento para coleta de dados.....	88
5.2.2.1 Delimitação do universo.....	89
5.2.2.2 Descrição da coleta de dados.....	95
5.2.2.3 Tratamento estatístico dos dados linguísticos.....	96
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO – OS CONDICIONAMENTOS DA ORDEM	99
6.1 Anteposição, Intercalação ou Posposição?.....	100
6.2 Antepor? Por quê? Para quê?.....	102
6.2.1 Grupos estatisticamente relevantes para a anteposição das temporais.....	103
6.2.1.1 Funções textual- discursivas.....	103
6.2.1.2 Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal.....	105
6.2.1.3 Paralelismo sintático.....	107
6.2.1.4 Escolaridade do falante.....	109
6.2.1.5 Relação cronológico-temporal.....	111
6.2.2 Grupos estatisticamente não significativos para a anteposição das temporais.....	114
6.2.2.1 Idade do falante.....	114
6.2.2.2 Topicidade.....	115
6.2.2.3 Extensão da oração temporal.....	117
6.2.2.4 Tipo de oração e de conectivo.....	118
6.2.2.5 Relações lógico-semânticas.....	120

6.2.3 Contextos prototípicos que favorecem anteposição das temporais.....	123
6.3 Pospor? Por quê? Para quê.....	124
6.3.1 Grupos estatisticamente relevantes para a posposição das temporais.....	125
6.3.1.1 Relação cronológico-temporal.....	125
6.3.1.2 Funções textual-discursivas.....	127
6.3.1.3 Idade do falante.....	129
6.3.1.4 Relações lógico-semânticas.....	130
6.3.1.5 Paralelismo sintático.....	132
6.3.2 Grupos estatisticamente não significativos para a posposição das temporais.....	133
6.3.2.1 Escolaridade do falante.....	133
6.3.2.2 Tipo de oração e de conectivo.....	134
6.3.2.3 Topicidade.....	136
6.3.2.4 Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal.....	137
6.3.2.5 Extensão da temporal.....	139
6.3.3 Contextos prototípicos que favorecem posposição das temporais.....	140
6.4 Intercalar? Por quê? Para quê?.....	141
6.4.1 Grupos estatisticamente relevantes para a intercalação das temporais.....	142
6.4.1.1 Paralelismo sintático.....	143
6.4.1.2 Funções textual-discursivas.....	144
6.4.1.3 Relação cronológico-temporal.....	147
6.4.2 Grupos estatisticamente não significativos para a intercalação das temporais.....	148
6.4.2.1 Topicidade.....	149
6.4.2.2 Extensão da temporal.....	150
6.4.2.3 Idade do falante.....	151
6.4.2.4 Tipo de oração e de conectivo.....	152
6.4.2.5 Relações lógico-semânticas.....	155
6.4.2.6 Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal.....	156
6.4.2.7 Escolaridade do falante.....	158
6.4.3 Contextos prototípicos que favorecem intercalação das temporais.....	159
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS.....	169
APÊNDICE A – QUADRO-SÍNTESE DE OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	179

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como escopo o estudo da posição de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no Espanhol mexicano oral, considerando a ordem (anteposição, intercalação e posposição) como passível de variação linguística. Para alcançar esse intento, temos, como objetivo geral, analisar, à luz de pressupostos sociofuncionalistas, a variação na ordenação de orações temporais em relação à oração principal no Espanhol mexicano falado, considerando-se motivações linguísticas e extralinguísticas. Para tanto, focaremos nos seguintes objetivos específicos: (1) Examinar os condicionamentos linguísticos *relação cronológico-temporal, tipo de oração e de conectivo, extensão da oração, paralelismo sintático, topicidade, estatuto informacional, relações lógico-semânticas e funções textual-discursivas*; (2) Investigar a atuação dos condicionamentos extralinguísticos *idade e escolaridade*; (3) Analisar os contextos prototípicos de uso no que tange à posição das orações temporais em relação à oração principal; e (4) Correlacionar os resultados obtidos aos princípios givonianos de iconicidade e marcação.

A ordenação foi escolhida para ser objeto de estudo porque tem sido tema de muitas pesquisas no seio dos estudos da linguagem. Para os pesquisadores de linha estruturalista, a posição de uma palavra define suas relações com as outras num mesmo enunciado, e sua função é determinada por sua posição (SILVA, 2009), pois as partes do sistema da língua são unidas por uma relação de solidariedade e dependência (BENVENISTE, 1995; SAUSSURE, 2006). Por outro lado, o Gerativismo argumenta que esse fenômeno é resultante de regras transformacionais (CHOMSKY, 1965). Em outro extremo, abordagens ligadas ao uso efetivo da língua enxergam o fenômeno da ordenação como motivado por fatores linguísticos e/ou sociais (HALLIDAY, 1985; HOPPER, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1971, 1991, 1995, 2001; LABOV, 1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010). Em virtude de seus diversos vieses, e em cada um deles, propostas de explicação, percebe-se que o tema da ordenação está presente nas grandes correntes de estudo da língua. Sua constante menção atribui-lhe caráter de importância no entendimento de como funcionam as línguas naturais. Por sua pertinência, há questões importantes a serem levantadas quanto à descrição do fenômeno em Língua Espanhola, língua-objeto sobre a qual o trabalho se debruçará.

A abordagem tradicional explica que existe uma ordem direta e uma inversa, sendo a primeira preferida em detrimento desta última. A ordem inversa, geralmente, é

associada à escrita literária e, quando utilizada em textos não-literários, há alegação de o enunciado ficar ininteligível ou mesmo descumprir seus propósitos.

Visando ao tratamento da ordenação de constituintes, concentrar-nos-emos nos de valor adverbial, mais especificamente, nas orações adverbiais temporais, por serem termos de posição mais livre para os quais nem sempre se consegue atribuir uma ordem mais ou menos marcada. As orações temporais podem assumir várias funções no enunciado, e é provável que a ordem seja motivada por essas funções, do que decorre nosso interesse em investigar condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que motivam anteposição, intercalação ou posposição da oração adverbial em relação à principal ou nuclear.

Por muitos anos, nas gramáticas normativas (doravante GT), considerou-se que a frase estaria mais bem organizada se disposta em uma ordem natural ou direta, o modelo SVO, em que sujeito, verbo e seus complementos deveriam aparecer, respectivamente, nessa sequência. Os advérbios e/ou termos de valor adverbial, como complementos circunstanciais, deveriam, portanto, figurar após o verbo (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781).

Bello (1995) utiliza, frequentemente, exemplos de textos poéticos em Espanhol, explicando, em uma das seções de sua gramática, que a inversão da ordem de determinadas palavras é um artifício poético. Como o autor utiliza apenas exemplos de textos literários, faz-se necessário verificar se o mesmo processo também se dá em textos de gêneros distintos, escritos ou orais. O gramático também mostra que a transposição de determinados elementos não é aleatória, mas serve para dirigir a atenção para determinada ideia ou sobre a parte da ideia que se convém destacar, explicação similar à de Fernández; Fente; Siles (1996).

Sarmiento; Sánchez (2007), em exposição sobre ordem de constituintes, explicam que a estrutura oracional com complemento circunstancial permite variadas possibilidades de ordenação, mas nem todas elas são usadas da mesma forma em qualquer contexto e podem não estar permitidas pelo sistema linguístico, por vários motivos, os quais não explicitam. Alarcos Llorach (2000) tenta aclarar um desses motivos quando apresenta duas características desses termos na oração: possibilidade de elisão sem deixar rastro nem perturbar a estrutura oracional e maior capacidade de mobilidade na sentença. Para explicar a mobilidade, o autor apresenta uma motivação formal, a explicitação ou não do sujeito. Com pensamento similar, a Real Academia Española (2010) mostra que a ordem também pode ser motivada por fatores discursivos e princípios de natureza estritamente gramatical. A questão que se levanta é quais são esses grupos de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que motivam determinadas posições dos elementos adverbiais na sentença. Partimos da premissa de que a variação

linguística não é um fenômeno aleatório (SCHERRE; NARO, 2012) e pode ter suas motivações identificadas, através de instrumental de análise específico.

A modalidade utilizada para este estudo será a língua oral, consoante as ideias de Labov (1972a), que toma o vernáculo como foco de suas pesquisas. Observando ocorrências reais de falantes de Língua Espanhola, verificamos que as orações temporais podem ser movidas, podendo figurar antes, no meio ou no final de suas principais ou nucleares, como se pode ver nos exemplos a seguir, extraídos do *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM), *corpus* que será utilizado para esta pesquisa:

(01) (...) pues¹/ y **desde que estaba en el CCH** // este /// pues yo tenía contacto con las plantitas (...) (pois e **desde que estava no CCH** // este /// pois eu tinha contato com as plantinhas)².

(ENTREVISTA 18 - ME-257-32H-05)³.

(02) (...) porque yo/ **cuando vine a hablar de eso**// hablé de/ de/ cómo había estado en el examen de danza (...) (porque eu/ **quando vim falar disso**// falei de/ de/ como havia estado no exame de dança).

(ENTREVISTA 42 - ME-271-21H-06).

(03) ¿cómo estaba aquí **cuando llegaron?** (como estava aqui **quando chegaram?**).

(ENTREVISTA 25 - ME-009-33h-97).

Em trabalhos recentes com foco na Língua Espanhola, pesquisadores como Ariza (1978), Rivarola (1981), Romero Gualda (1985), Martínez Linares (1988-1989), Delbecque (1992), Fernández Soriano (1993), García De Paredes (1993), Devís Márquez (1994), Alonso Belmonte (1997), Jiménez Fernández (1997-1998), Olivares Pardo (2002), Asratian (2003),

¹ Os mexicanos costumam utilizar a conjunção *pois* como marcador discursivo ou “muleta” para fazer avançar o discurso (cf. PORROCHE BALLESTEROS, 2009), assim como acontece com o brasileiros ao utilizar os itens *aí*, *então*, *né* etc. Como não temos uma tradução que revele, também, esses aspectos discursivos, preferimos deixar a literal.

² Optamos pelo seguinte padrão de destaque das orações: o período completo, composto pela oração principal e pela temporal está em *itálico*; já a oração temporal, foco de análise, está em **negrito**. Portanto, em resumo, as principais ou nucleares ficam marcadas por *itálico*, e as temporais por **negrito e itálico**. Esse padrão se restringe aos exemplos retirados das entrevistas em análise. Exemplos retirados de autores teóricos seguirão as marcas da obra de origem, salvo exceções, devidamente explicitadas nas respectivas citações.

³ De acordo com os organizadores do *corpus*, todas as entrevistas receberam códigos para uma identificação precisa: os códigos estão organizados em quatro seções, separadas por hífen. Na metodologia deste trabalho, há detalhes sobre sua significação.

Galán Rodríguez (2005), Gutiérrez Bravo (2008), Santiago Guervós (2008), Fernández-Ordóñez (2008-2009) e Piatti (2012)⁴ investigam ordenação de constituintes, incluindo o comportamento das orações temporais. Ao longo da exposição dos pesquisadores, percebe-se que a temporal pode ter padrões de ordenação controlados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Faz-se necessário, portanto, elencar quais são os grupos de fatores que mais condicionam e mais são relevantes no que diz respeito à posição da temporal em relação à nuclear. Portanto, os resultados desta pesquisa podem ser comparados aos que já existem, apresentando mais dados para esse tipo de estudo, corroborando ou não resultados de investigações anteriores e verificando se as mesmas motivações condicionam a posição das temporais. Além do mais, o trabalho contribuirá para os estudos sobre orações temporais, instigando a construção de novos manuais sobre as manifestações da estrutura linguística, considerando também suas condições de produção.

Nos estudos anteriores, algumas importantes considerações foram levantadas sobre ordenação de orações. Tais estudos revelaram, especificamente para o caso das temporais, que a ordem não é aleatória, pois cumpre funções dentro dos enunciados e é controlada por fatores linguísticos e extralinguísticos, entre eles, o gênero textual, o peso do constituinte e o estatuto informacional.

Para uma descrição mais ampla do fenômeno, alguns outros fatores poderiam ter sido considerados, como, por exemplo, a relação temporal, que pode ser pautada por princípios de iconicidade⁵. Há fortes indícios de que as orações seriam posicionadas de acordo com a ordem dos eventos relatados. Outra questão ainda não contemplada é a que diz respeito ao tipo de conectivo que introduz as temporais desenvolvidas. É possível que determinados conectivos restrinjam a flexibilidade dessas orações. Outro ponto ainda não observado foi a relação entre a ordem e o tipo de oração (reduzida/desenvolvida). Com a hipótese de que determinados tipos de conectivos motivam/restringem a ordem, surge, também, a seguinte dúvida, ainda não respondida: será que o fato de a oração ser desenvolvida ou reduzida, isto é, com ou sem conectivo, influencia a ordem? Orações sem conectivo são menos presas à nuclear e, portanto, gozariam de maior mobilidade? De acordo com Halliday (1985) e Neves (2003), há níveis de dependência e encaixamento diferentes no que diz respeito à oração principal e as orações que a tradição inclui como subordinadas. Halliday (1985) propõe que as orações podem ser divididas de acordo com outros critérios: grau de interdependência ou taxis

⁴ Alguns desses estudos, os mais representativos, serão discutidos na seção **3.2 A descrição, em Linguística, da ordem das temporais**.

⁵ Uma descrição mais detalhada desses princípios e de sua aplicação em relação à ordenação de temporais será feita no item *4.1.2 Funcionalismo Linguístico*, da seção de Fundamentação teórica.

(hipotaxe/parataxe) e relações lógico-semânticas (projeção/expansão). Por isso, Neves (2003) explica que dificilmente se pode atribuir às temporais a condição de subordinadas da mesma forma que são tratadas as adjetivas restritivas e as subordinadas substantivas. Para os autores, as temporais são consideradas cláusulas hipotáticas de expansão (realce)⁶. Notou-se que não houve, nos estudos anteriores referentes à Língua Espanhola, uma discussão mais ampla acerca da articulação hipotática de orações temporais. Pelos motivos apresentados acima, a discussão se faz necessária, e é uma lacuna que se tentará preencher nesta pesquisa.

Outra ausência localizada nos estudos anteriores é a que diz respeito à importância dos fatores sociais em pesquisas linguísticas. As pesquisas acerca da ordenação carecem ainda de estudos que validem os princípios da Sociolinguística variacionista, postulados por Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010). Os estudos desenvolvidos por Labov, principalmente os que dizem respeito às variantes linguísticas e aos grupos de fatores que as controlam, sempre ligados às comunidades de fala, trouxeram importantes contribuições no que diz respeito à identificação da variação linguística e suas motivações linguísticas e extralinguísticas. Labov mostrou que a variação linguística pode ser explicada de acordo com variáveis sociais, como idade, escolaridade, sexo dos informantes, entre outros. Dada a importância dos princípios da Sociolinguística e a ausência de trabalhos que relacionem esses princípios à ordenação de constituintes em Língua Espanhola, esta pesquisa também tentará preencher tal ausência, na tentativa de entender a variação linguística no que diz respeito à ordenação de orações condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Baseado nesses princípios, hipotetizamos que a ordenação de orações temporais é motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Para investigarmos a atuação desses fatores, em consonância com os objetivos do trabalho, tentaremos responder a algumas questões referentes a condicionamentos linguísticos, extralinguísticos, contextos prototípicos de ordenação, e a correlações com princípios funcionalistas, de acordo com nossas hipóteses específicas, expostas a seguir:

Em primeiro lugar, exporemos as motivações de caráter linguístico. Percebemos que há uma relação entre ordem dos eventos e ordem de disposição das orações temporais no enunciado, um reflexo do princípio de iconicidade (conforme GIVÓN, 2001). Segundo o subprincípio de ordem de ocorrência e ordem reportada, o falante ordena as sentenças de acordo com a ordem dos eventos. Portanto, relações temporais de anterioridade seriam marcadas por anteposição; relações de simultaneidade, por intercalação; e relações de

⁶ Direcionamos as discussões sobre hipotaxe ao item **2.2 Sub(ordinação) ou Hipotaxe?**

posterioridade, por posposição da temporal. Assim, indagamos: a ordem das orações é motivada pela relação temporal/cronológica que se estabelece entre ela e a nuclear?

Há fatores que restringem a flexibilidade das temporais (PEREIRA, 2004). Sendo assim, a presença ou ausência de conectivo determinaria padrões de ordenação. As orações desenvolvidas introduzidas por locução conjuntiva apareceriam, com mais frequência, pospostas à nuclear, próximas do verbo, reafirmando seu estatuto de circunstanciador verbal. Essas locuções conjuntivas, por serem itens maiores, não apareceriam em temporais intercaladas, para não quebrar a sequência narrativa. Por outro lado, as orações introduzidas por conjunções simples teriam padrões mais livres de ordenação. Orações reduzidas, sem conectivo, são menos presas à nuclear e, portanto, gozariam de maior mobilidade (GALÁN RODRÍGUEZ, 2005; PEREIRA, 2005), aparecendo em qualquer uma das três posições. Então, o tipo de oração e de conectivo (reduzida, sem conectivo; desenvolvida, introduzida por conjunção; ou desenvolvida, introduzida por locução conjuntiva) é fator que influencia a ordem das orações?

Orações com mais de 4 vocábulos formais⁷ (orações mais extensas) evitam as posições mediais, entre sujeito e verbo ou entre verbo e demais complementos. As orações longas, mais pesadas, ficariam situadas à margem direita em relação à principal (LESSA, 2012; PAIVA, 2012; QUIRK *et alli*, 1985). Assim, a extensão (ou peso) da oração temporal é fator que motiva determinada posição em relação à nuclear?

A repetição de variantes de uma mesma variável se apresenta como uma restrição importante no que diz respeito à análise de fenômenos variáveis (SCHERRE, 1998). É possível que o falante utilize, em novas orações, a mesma sequência de ordenação que utilizou em orações anteriores, dentro do mesmo subtópico. Desse modo, paralelismo com orações anteriores determina padrões de ordenação da oração temporal?

O falante utiliza a anteposição para marcar fronteiras entre tópicos e/ou subtópicos distintos (BRASIL, 2005). Sendo assim, a ordem das orações é determinada por contextos de continuidade tópica e/ou mudança de tópico?

O estatuto informacional determina padrões de ordenação (HALLIDAY, 1985). As informações novas são as últimas a serem narradas, portanto, orações com sujeito novo apareceriam pospostas à nuclear. Em outras palavras, o estatuto informacional influencia a ordem?

⁷ Número de vocábulos pensado a partir da escala proposta por Paiva (2012), mencionada na Fundamentação teórica deste trabalho, quando da explicação de fatores de ordem estrutural.

Relações lógico-semânticas expressas na temporal motivariam sua ordem em relação à nuclear (DECAT, 2001). “(...) relações de TEMPO e CONDIÇÃO conduzem à *anteposição*; já as relações de motivo (...) determinam a *posposição*” (DECAT, 2001, p. 144, caixa alta e itálico da autora). Relações de concessão, por envolver também contraste, tendem a ser expressas com temporais antepostas. Então, as relações lógico-semânticas expressas na temporal motivam sua posição em relação à nuclear?

As funções textual-discursivas a que a temporal sirva motivam sua ordenação. Orações temporais do tipo fundo 1⁸ (CHEDIER, 2007), cujas características semânticas as aproximam do *status* de figura, tal como as nucleares, seriam pospostas, expressando uma ordenação icônica (SOUZA, 2006). Segundo Decat (2001), cláusulas com funções de Fundo/Moldura, Adendo e Avaliação apareceriam com mais frequência pospostas, e a função de Guia motivaria a anteposição. Será, então, que as funções textual-discursivas que a temporal assuma motivam sua ordem em relação à sua oração principal?

Além da atuação de fatores linguísticos, também tentaremos responder a questões relacionadas à atuação de condicionamentos extralinguísticos, baseando-nos nas seguintes hipóteses:

Falantes de mais idade têm a tendência de não quebrar a sequência entre os verbos e seus argumentos, e dispor as orações de uma forma mais canônica, do tipo SVO(C), por terem uma tendência a manter as variantes mais conservadoras (LABOV, 2001; NARO, 2012). Por outro lado, os mais jovens são os vanguardistas no processo da mudança linguística, preferindo o uso das variantes inovadoras (LABOV, 1966, 1994). Nessa situação, então, a ordem de orações é motivada pelo grupo de idade do produtor da sentença?

Falantes mais escolarizados têm a tendência de manter a proximidade espacial entre verbos e seus argumentos, e dispor as orações de uma forma mais canônica (VOTRE, 2012). Assim, a ordem de orações é motivada pela escolaridade do falante?

Além da atuação desses fatores, tentaremos entender quais são os contextos prototípicos no que tange à ordem de orações temporais no Espanhol mexicano oral e de que maneira os princípios funcionalistas de iconicidade e marcação estão correlacionados com a ordenação de orações temporais.

De acordo com a atuação de cada fator descrito, hipotetizamos que as orações temporais na fala teriam posições específicas de acordo com a atuação de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, da seguinte maneira:

⁸ Neste trabalho, a categoria de fundo 1, de Chedier (2007), também é chamada de temporal atípica, como mostra Souza (2006).

a) As orações temporais antepostas encerrariam relação temporal de anterioridade; seriam orações reduzidas/sem conectivo; havendo conectivo, seriam introduzidas por locuções conjuntivas; seriam mais curtas; apareceriam em conjunto com outras antepostas no mesmo subtópico; operariam em contexto de mudança de tópico; seus sujeitos codificariam referentes dados na situação comunicativa; expressariam relações de tempo, condição e/ou concessão; funcionariam, na sentença, como guia; seriam utilizadas por falantes mais novos e de nível médio de escolaridade;

b) As adverbiais temporais pospostas apresentariam relação temporal de posterioridade; seriam orações desenvolvidas/com conectivo; havendo conectivo, seriam introduzidas por locuções conjuntivas; seriam orações extensas; apareceriam em conjunto com outras pospostas no mesmo subtópico; seriam frequentes em contexto de continuidade tópica; teriam sujeito codificando informação nova; encerrariam relações textual-discursivas de motivo; serviriam a funções de fundo¹/figura ou moldura, adendo, avaliação ou motivo; seriam utilizadas por falantes mais velhos e de nível alto de escolaridade.

c) As temporais intercaladas introduziriam relação temporal de simultaneidade; seriam orações reduzidas/sem conectivo; seriam orações curtas; apareceriam em conjunto com outras intercaladas no mesmo subtópico; operariam em contexto de continuidade tópica; apresentariam sujeito codificando informação nova; encerrariam relação de concessão; serviriam para retomar informações; seriam utilizadas por falantes mais novos e de nível médio de escolaridade;

Por fim, também entendemos que as orações temporais na fala, contrariando a tradição gramatical, teriam a anteposição como ordem não marcada (GÖRSKI, 2000; PAIVA, 2008), tendo em vista sua alta frequência. A hipótese é a de que primeiro o falante monta o cenário espaço-temporal para, somente depois, narrar as ações realizadas pelos actantes. Os contextos mais ou menos icônicos seriam determinados pela relação temporal estabelecida entre temporal e nuclear. Nesse sentido, sempre que a posição da temporal reflita a ordem em

que os eventos sucederam⁹, verificar-se-ia a aplicação de um subprincípio de iconicidade (GIVÓN, 2001). Todas essas questões serão amplamente discutidas ao longo do texto.¹⁰

A seguir, apresentamos a divisão deste trabalho: após esta seção introdutória, o próximo capítulo, o de número dois, será dedicado ao estudo da Subordinação e da Hipotaxe, na intenção de entender um pouco mais as relações que as temporais estabelecem com suas respectivas orações principais. Em seguida, o capítulo três apresentará vários estudos acerca da ordem de termos em Língua Espanhola, desde a posição prescritiva de gramáticos normativos até os estudos linguísticos voltados à descrição de orações. Dando prosseguimento, o capítulo de número quatro apresenta as teorias de base que nortearão as análises desta pesquisa – a Sociolinguística variacionista, o Funcionalismo linguístico, e a articulação teórica entre as duas correntes, denominada Sociofuncionalismo. Logo após, o capítulo cinco descreve, detalhadamente, os procedimentos metodológicos utilizados para coleta, codificação e tratamento estatístico dos dados a serem analisados. Mais adiante, o sexto capítulo apresenta os grupos de fatores que motivam a posição das temporais. Esse capítulo está dividido em três grandes blocos, dedicados à discussão de cada um dos três padrões de ordenação escolhidos para esta análise (anteposição, posposição e intercalação), juntamente com as correlações com os princípios funcionalistas de iconicidade e marcação. Após a análise, o capítulo sete traz as considerações finais; em seguida, a última seção apresenta todas as referências utilizadas neste trabalho; por fim, segue-se um apêndice.

⁹ Por exemplo: uma temporal anteposta expressar, com a nuclear, relação de anterioridade. A hipótese, segundo o subprincípio de sequência, postulado por Givón (2001) é a de que o falante ordene as orações de acordo com a ordem em que os eventos expressos por elas aconteceram.

¹⁰ No apêndice A, consta um quadro que sistematiza os objetivos, as questões e as hipóteses.

2 ELEMENTOS PARA UM ESTUDO DA SUB(ORDINAÇÃO)¹¹ E HIPOTAXE COM VALOR TEMPORAL

Neste capítulo, faremos uma revisão dos conceitos tradicionais de classificação das Orações Temporais. Em primeiro lugar, caracterizaremos, após reflexão baseada em diversos teóricos, a noção de Oração Subordinada Adverbial Temporal, uma das definições importantes para o entendimento deste trabalho. Em seguida, segue-se uma discussão de conceitos caros a esta pesquisa, Subordinação e Hipotaxe. Por fim, apresenta-se uma síntese da discussão contida no presente capítulo.

2.1 Por uma caracterização das Orações Subordinadas Adverbiais Temporais

Em gramáticas de Língua Espanhola, como a de Fernández; Fente; Siles (1996), as orações são divididas em simples e compostas. Para os autores, a oração simples é aquela que “se caracteriza por ter um verbo conjugado e por sua independência sintática em relação ao resto do discurso”¹² (FERNÁNDEZ; FENTE; SILES, 1996, p. 71), e a composta “se caracteriza por ter dois ou mais verbos conjugados que podem ir unidos entre si por nexos¹³ ou elementos de enlace¹⁴”. Os autores dividem as orações compostas em três partes: a) as yuxtapuestas (justapostas), b) as coordinadas (coordenadas) e c) as subordinadas o dependientes (subordinadas ou dependentes). As orações subordinadas ou dependentes são aquelas formadas por um verbo principal ou por outros verbos que carecem de independência e autonomia própria, pois dependem da principal. Semelhantemente, Gili Gaya (2000) enxerga a oração subordinada como aquela que se incorpora à principal, estabelecendo a mesma relação que o verbo e seus complementos mantêm.

Partindo do pressuposto de que a língua é um instrumento de comunicação, Sarmiento; Sánchez (2007) explicam que os falantes se valem de orações gramaticais para

¹¹ O termo “ordinação”, não existente em Língua Portuguesa, foi destacado exatamente pelos propósitos deste trabalho – mostrar que a ordem de termos reflete relação de subordinação.

¹² “(...) se caracteriza por tener un verbo conjugado y por su independencia sintáctica respecto al resto del discurso” (FERNÁNDEZ; FENTE; SILES, 1996, p. 71).

¹³ Os autores dão a esses elementos de enlace o nome genérico de “partículas”. Para explicar o termo, dizem: “Dentro del término *partícula* englobamos la palabra o grupo de palabras cuya función es unir frases u oraciones. Es decir, las conocidas tradicionalmente como *conjunciones* o palabras que desempeñan esa función.” (FERNÁNDEZ; FENTE; SILES, 1996, p. 71, grifos do autor). (Dentro do termo *partícula*, englobamos a palavra ou grupo de palavras cuja função é unir frases ou orações. Ou seja, as conhecidas tradicionalmente como *conjunções* ou palavras que desempenham essa função).

¹⁴ (...) se caracteriza por tener dos o más verbos conjugados que pueden ir unidos entre sí por unos nexos o elementos de enlace (...) (FERNÁNDEZ; FENTE; SILES, 1996, p. 71).

transmitir sua mensagem. Segundo os autores, as orações são constituídas por formas morfológicas que se organizam segundo funções sintáticas, adquirindo sentido semântico dentro da situação concreta de uso. Sarmiento; Sánchez (2007) dividem as orações em simples e complexas: a oração simples é entendida como aquela em que não há funções oracionais realizadas por outra oração. Se uma ou mais funções oracionais são realizadas por outra oração (suboração), então esta é denominada oração complexa.

Alarcos Llorach (2000) apresenta as orações complexas como orações que desempenham funções próprias de palavras de outras categorias, como, por exemplo, os substantivos, os adjetivos e os advérbios, de acordo com os exemplos abaixo:

- (04) a. Me gustaría el éxito de Juan. (Agradar-me-ia o êxito de Juan).
 b. Me gustaría que Juan tuviese éxito. (Agradar-me-ia que Juan tivesse êxito).
- (05) a. Nos preocupaba la opinión expuesta por el delegado. (Preocupava-nos a opinião exposta pelo delegado).
 b. Nos preocupaba la opinión que expuso el delegado. (Preocupava-nos a opinião que expôs o delegado).
- (06) a. Al decidirse, ya era tarde. (Ao se decidir, já era tarde).
 b. Cuando se decidió, ya era tarde. (Quando se decidiu, já era tarde).

Portilla (2009) aponta que a caracterização que a tradição faz das orações circunstanciais se baseia em aspectos puramente semânticos, com destaque apenas a conteúdos ou significados que denotam. Assim, as adverbiais são vistas pela gramática como orações que cumprem função de advérbio, a saber, função de adjacente circunstancial, de modificador ou adjacente oracional (ALARCOS LLORACH, 2000; GILI GAYA, 2000). Alarcos Llorach (2000) as divide em próprias e impróprias. As adverbiais próprias são as que podem ser substituídas por advérbios, como as temporais, locativas e modais. As impróprias são as que precisam de um substituto adverbial, pois não há advérbios que expressem as noções de causa, condição, concessão, finalidade etc.

Di Tullio (1997) explica que, assim como os advérbios constituíram um dos pontos fracos do poder explicativo da gramática tradicional, também, na explanação sobre orações adverbiais, há divergências de informação, pois, nesse grupo, são reunidas sentenças de tipo semântico e de construções muito diversas. Tradicionalmente, as temporais são vistas como orações que dão a referência temporal às ações narradas na oração principal, como no

exemplo abaixo, em que se pode ver o enquadramento temporal da saída de um sujeito – Maria – de sua casa:

(07) Cuando alcanzó sus objetivos, María se fue de su casa. (Quando alcançou seus objetivos, Maria foi embora de sua casa).

Neves (2006, p. 233), quando trata de orações adverbiais, explica que “esse tipo de orações funciona como satélites, termos que não são argumentos do predicado, mas trazem informações adicionais (...)”. A autora se vale da proposta de Dik (1989), teórico da Gramática Funcional (GF), que considera a habilidade do falante em construir predicções, formadas por predicados e termos¹⁵. Neves (2006) explica que este tipo de orações-satélite, mesmo sendo bastante sensíveis às determinações discursivas e, por serem escolhas opcionais, revelam uma busca para um melhor desempenho nas funções do enunciado.

García Fernández (1999) entende as orações subordinadas temporais como aquelas que estabelecem uma relação temporal entre o evento da oração principal e o evento da subordinada, e essa relação temporal é dependente do significado do conector que introduza a temporal¹⁶. Posições semelhantes às do teórico citado são as de Carrasco Gutiérrez (1999) e Gili Gaya (2000), quando explicam que uma das funções das temporais é situar, na linha temporal, o tempo do evento denotado pelo verbo principal. Ainda que similares, não são visões exatamente iguais, pois o primeiro autor ressalta a relação que se estabelece entre os eventos da temporal e da principal, e o segundo aponta para o caráter de circunstanciador temporal, indicando o tempo do evento da principal. As posições dos autores são, portanto, complementares, na intenção de uma construção do conceito de Oração Subordinada Temporal.

Assim como García Fernández (1999), Carrasco Gutiérrez (1999, p. 3117-3120) expõe o assunto mostrando que a relação temporal que se estabelece pode ser de posterioridade, anterioridade ou simultaneidade, de acordo com o conector que encabece a oração temporal, da seguinte maneira:

- Quando a temporal é introduzida pelo conector *después* (depois), por exemplo, o conectivo proporciona um limite que situa o tempo da principal na linha temporal. Nesse

¹⁵ Cf. DIK, Simon. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

¹⁶ Ver também GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. **Gramática de los complementos temporales**. Madrid: Visor Libros, 2000.

caso, o tempo do evento expresso na principal é posterior a esse limite, como no exemplo (08), abaixo, extraído do autor:

(08) Juan pintará su casa después de que María pinte la suya. (Juan pintará sua casa depois que Maria pinte a sua).

(CARRASCO GUTIÉRREZ, 1999, p. 3118)

- Quando a temporal é introduzida pelo conector *antes* (antes), por exemplo, a subordinada situa o tempo do evento principal como anterior ao tempo do evento subordinado, como no exemplo (09), abaixo, extraído do autor:

(09) Juan pintará su casa antes de que María pinte la suya. (Juan pintará sua casa antes que Maria pinte a sua).

(CARRASCO GUTIÉRREZ, 1999, p. 3118).

- Quando a temporal é introduzida pelos conectores *cuando* (quando) e *mientras* (enquanto), o tempo da principal é caracterizado como simultâneo ao tempo do evento subordinado, como no exemplo (10), abaixo, extraído do autor:

(10) Recojo la mesa mientras María acuesta a los niños. (Retiro a mesa enquanto Maria coloca os meninos/ as crianças para dormir).

(CARRASCO GUTIÉRREZ, 1999, p. 3120).

Já Gili Gaya (2000) distingue relações temporais de simultaneidade, como em (11); sucessão imediata, como em (12); sucessão mediata, como no exemplo (13); e reiteração, como mostrado em (14):

(11) *Cuando hablaba se reía la gente.* (Quando falava o povo ria).

(12) *Luego que hablaba se reía la gente.* (Assim que falava o povo ria).

(13) *Después que hablaba se reía la gente.* (Depois que falava o povo ria).

(14) *Siempre que hablaba se reía la gente.* (Sempre que falava o povo ria).

(GILI GAYA, 2000, p. 313, grifos do autor).

Pilar Garcés (1994), referindo-se a conjunções ou locuções conjuntivas que podem introduzir as temporais, mostra que esses nexos temporais podem ser divididos da

seguinte maneira, conforme a característica semântico-temporal da temporal em relação à nuclear:

1. Conjunções que apresentam fatos que ocorrem de forma simultânea:
 - a. Cuando, mientras (que), mientras tanto, entretanto que, en tanto que, en el (mismo, preciso) momento (instante) en que; a medida que, a la vez que, al (mismo) tiempo que etc¹⁷;
2. Conjunções que apresentam fatos que se produzem tantas vezes como se produz outro:
 - a. Cuando, siempre que, cada vez que etc¹⁸;
3. Conjunções que apresentam fatos posteriores aos narrados na principal:
 - a. Antes de que, antes de etc¹⁹;
4. Conjunções que apresentam fatos anteriores aos narrados na principal:
 - a. Cuando, una vez que, después (de) que, después de, luego que, en cuanto, tan pronto como, apenas, así que etc²⁰;
5. Conjunção que apresenta o momento em que uma ação inicia:
 - a. Desde que²¹;
6. Conjunção que apresenta o momento de conclusão de uma ação:
 - a. Hasta que²².

O que se percebe entre os teóricos apresentados é que há uma diferença quanto à noção de temporalidade expressa pelo conectivo. Como explicado, Carrasco Gutiérrez (1999) considera que a adverbial temporal situa o tempo do evento indicado na principal, por isso considera as orações introduzidas por *antes* (*antes*) como tendo valor de anterioridade, e as introduzidas por *después* (*depois*) com valor de posterioridade. Por outro lado, Pilar Garcés (1994) considera as duas orações como uma sucessão dos eventos, um após o outro, ou seja, as conjunções e locuções temporais apresentam os fatos anteriores, posteriores ou simultâneos aos narrados na principal. Assim, as relações temporais entre as orações de (15) e de (16) seriam analisadas de maneira diferente pelos autores.

¹⁷ Cuando, enquanto, enquanto isso, enquanto, enquanto, no (mesmo, preciso) momento (instante) em que, à medida que, ao mesmo tempo que, ao (mesmo) tempo que etc;

¹⁸ Cuando, sempre que, cada vez que etc;

¹⁹ Antes que, antes de etc;

²⁰ Cuando, uma vez que, depois (de) que; depois de; assim que; enquanto/quando; assim que/logo que/tão logo que; mal; assim que;

²¹ Desde que;

²² Até que.

(15) *Juan comió después que María salió.* (*Juan comeu depois que Maria saiu*).

(16) *Antes de que María saliera, Juan le pidió que escribiera una carta.* (*Antes que Maria saísse, Juan lhe pediu que escrevesse uma carta*).

Considerando a linha de pensamento de Carrasco Gutiérrez (1999), a oração temporal (15), introduzida pelo conectivo *después* (*depois*), que apresenta a saída de Maria, situa o momento da refeição de Juan na linha temporal, com indicação de posterioridade, porque o evento da refeição é posterior à saída de Maria. Da mesma forma, a temporal em (16), introduzida pela locução *antes de que* (*antes de que*) situa, na linha temporal, o pedido de Juan, que foi antes da saída de Maria, expressando anterioridade. A proposta de Pilar Garcés (1994), como considera a sucessão dos eventos, analisaria a relação cronológico-temporal das orações principal e temporal de (15) como anterioridade, porque, na linha temporal, primeiro houve a saída de Maria, para depois ocorrer a refeição de Juan. Em (16), na sucessão cronológico-temporal dos eventos, primeiro houve o pedido de Juan, e depois a saída de Maria. Vale ressaltar que a proposta de Pilar Garcés (1994) considera uma pressuposição, porque, em (16), pressupõe-se que Maria saiu.

Assim, adotar-se-á a proposta de Pilar Garcés (1994) neste trabalho, por considerar a articulação temporal-principal também como uma sucessão de eventos na linha do tempo, uma vez que a adverbial temporal, diferentemente dos advérbios de tempo, introduz um novo Estado de Coisas²³ à narração. Além do mais, segundo o subprincípio de ordem de ocorrência e ordem reportada, proposto por Givón (2001), as orações são dispostas de acordo com a ordem dos eventos, refletindo um princípio de iconicidade. Dessa maneira, faz mais sentido enxergar as temporais como introdutoras de novos eventos do que simplesmente como circunstanciadores temporais, o que as assemelharia, de um ponto de vista funcional, dos advérbios de tempo, simplesmente. O valor semântico do conectivo servirá, portanto, para indicar a ordem dos eventos da temporal e da principal, e não apenas apontar o momento em que a ação da temporal se deu, porque isso um simples advérbio já faz.

García Fernández (1999) aponta que as temporais, além das funções descritas acima, também pode contribuir para o desenrolar da narrativa, e demonstra isso dividindo o grande grupo das temporais em dois outros distintos, em função de suas relações com suas

²³ Para Dik (1989), “Estado de Coisas”, ou “State of Affairs (SoA)” é usado no sentido amplo de “concepção de alguma coisa que pode acontecer em algum mundo. Esta definição implica que um SoA é uma entidade conceitual, não alguma coisa que pode ser localizada em uma realidade extra-mental, ou que pode ser considerada como existente em um mundo real” (DIK, 1989, p. 105).

nuclares: as subordinadas de predicado e as subordinadas de oração. O primeiro grupo são as orações temporais tradicionais, que situam os eventos da principal na linha temporal, como no exemplo (17), abaixo:

(17) Le llamé por teléfono en cuanto supe la noticia. (Liguei-lhe quando soube da notícia).

(GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999, p. 3177)

Já o segundo grupo aponta para as orações que se inserem no marco temporal da principal e servem para fazer avançar a narrativa, como no exemplo (18), abaixo:

(18) Estaba hablando animadamente con tu hermano cuando de pronto me acordé de que había dejado el gas abierto. (Estava falando animadamente com teu irmão quando de repente me lembrei de que havia deixado o gás aberto).

(GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999, p. 3177)

Segundo o autor, esse último subgrupo das temporais tem uma relação menos estreita com a principal, e, por isso, tem também uma dependência sintática menor. Essas orações são muito similares ao que a literatura de base funcionalista tem identificado como cláusula temporal atípica (Cf. SOUZA, 2006)²⁴, pois, por seu verbo apresentar aspecto de perfectividade, essa cláusula ganha também *status* de figura, indo além da função de situar temporalmente as ações da principal.

Além das temporais introduzidas por conjunções e locuções conjuntivas, também há casos de temporais não introduzidas por conectivo algum. Nas gramáticas, são denominadas *Construcciones absolutas* (*Construções absolutas*), termo usado em Real Academia Española (2010) e em Bello (1995). Por outro lado, para tratar do mesmo tipo de construção, Fernández; Fente; Siles (1996) as apresentam em um capítulo denominado *Infinitivo, gerúndio, participio y la oración subordinada* (*Infinitivo, gerúndio, participio e a oração subordinada*), e, ao longo do capítulo, separam as orações em 1) subordinadas com infinitivo, 2) subordinadas com gerúndio, e 3) subordinadas com participio passado.

²⁴ Referencial teórico exposto na seção 4.1.2 *Funcionalismo linguístico*.

Bello (1995, p. 334) explica que as cláusulas absolutas são “aquelas que constam de um substantivo modificado e não têm conexão gramatical com o resto da sentença”²⁵. A Real Academia Española (2010) apresenta este tipo de construção como

unidades bimembres de predicación que establecen una relación atributiva entre un elemento nominal (raramente oracional) e algum atributo que se predica dele sem que interponha entre eles um verbo. A maior parte das construções absolutas funcionam (sic.) como elementos adjuntos que trazem informação adicional à oração principal e constituem grupos de entonação autônomos, representados na grafia por meio de vírgulas²⁶ (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 734).

São de Fernández; Fente; Siles (1996) os exemplos seguintes, que ilustram cada uma dessas cláusulas absolutas e as comparam com suas correspondentes introduzidas por nexos conjuntivos:

Quadro 1 – Infinitivo, gerúndio, particípio e as orações subordinadas

Subordinada com infinitivo	
Cláusula absoluta/sem conectivo	Equivalente com conectivo
Al vernos, nos saludamos. (Ao ver-nos, nos saudamos).	Cuando nos vimos, nos saludamos. (Quando nos vimos, nos saudamos).
Subordinada com gerúndio	
Los conocí estudiando en Oxford. (Conheci-os estudando em Oxford).	Cuando estudiaba en Oxford, los conocí. (Quando estudava em Oxford, conheci-os).
Subordinada com particípio passado	
Reparados los coches, seguimos la aventura. (Consertados os carros, seguimos a aventura).	Una vez que/Cuando reparamos los coches, seguimos la aventura. (Uma vez que/Quando consertamos os carros, seguimos a aventura).

Fonte: Adaptado de Fernández; Fente; Siles (1996, p. 96-97).

Por não virem introduzidas por conectivo, é possível que as cláusulas absolutas tenham padrões mais livres de ordenação. O que se procurará observar é como a variação entre a cláusula com conectivo e a sem conectivo se configuram como um contexto para explicar a ordem das orações temporais.

Em face do exposto nesta seção, pode-se, agora, estabelecer uma delimitação do que este trabalho considerará como Oração Subordinada Adverbial Temporal, em virtude de suas características, a saber:

²⁵ “(...) aquellas que constan de un sustantivo modificado y no tienen conexión gramatical con el resto de la sentencia” (BELLO, 1995, p. 334).

²⁶ “(...) unidades bimembres de predicación que establecen una relación atributiva entre un elemento nominal (raramente oracional) y algún atributo que se predica de él sin que medie entre ellos un verbo. La mayor parte de las construcciones absolutas funcionan como elementos adjuntos que aportan información adicional a la oración principal y constituyen grupos entonativos autónomos, representados en la grafía mediante comas” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2010, p. 734).

- Forma, com a oração principal, uma oração maior, mais complexa, ou período complexo, em virtude das relações de dependência que estabelecem (SARMIENTO; SÁNCHEZ, 2007; ALARCOS LLORACH, 2000);
- Os gramáticos utilizam um critério semântico para distingui-la dos demais tipos (PORTILLA, 2009);
- Cumpre função dos advérbios, como adjacente circunstancial, modificador ou adjacente oracional (ALARCOS LLORACH, 2000);
- É adverbial própria, pois pode ser substituída por advérbios de tempo (ALARCOS LLORACH, 2000);
- Não constitui um grupo homogêneo, vez que apresenta construções diversas, de diversos tipos semânticos (DI TULLIO, 1997);
- Dá referência temporal às ações narradas na oração principal (DI TULLIO, 1997);
- É termo que funciona como satélite, e traz informação adicional (NEVES, 2006);
- Estabelece uma relação temporal entre o evento expresso por ela e o da principal (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999);
- Situa, na linha temporal, o tempo do evento denotado pelo verbo principal (CARRASCO GUTIÉRREZ, 1999);
- Pode estabelecer, com a principal, relação temporal de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade, de acordo com o conectivo que a encabece (CARRASCO GUTIÉRREZ, 1999; GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999);
- Estabelece, com a principal, uma sucessão de eventos na linha do tempo (PILAR GARCÉS, 1994);
- Pode vir anteposta, intercalada ou posposta à temporal, um reflexo de um princípio de iconicidade (GIVÓN, 2001);
- Pode contribuir para o desenrolar da narrativa, aproximando-se das orações-figura (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999; SOUZA, 2006);
- Pode vir introduzida por conectivos ou não. Nesse último caso, exige a flexão verbal no infinitivo, particípio ou gerúndio, e, na maioria dos casos, tem correspondentes com conectivos (BELLO, 1995; FERNÁNDEZ; FENTE; SILES, 1996; REAL ACADEMIA ESPANHOLA, 2010);

Em suma, considera-se Oração Subordinada Adverbial Temporal a construção que estabelece uma relação de dependência com outra oração, independente. Essa relação é preferencialmente de tempo²⁷. Sua função é situar, na linha temporal, o momento em que se deu o evento expresso na temporal ou estabelecer, junto com a principal, uma sequência cronológico-temporal de ações. Pode vir introduzida por conectivos (conjunções e locuções conjuntivas) ou por nenhum, desde que mantenha sua noção preferencial de tempo. Tem ordem relativamente livre, ainda que, por vezes, pode, por motivações de caráter pragmático-discursivo ou formal, ter uma posição fixa.

Uma vez introduzida a noção de Subordinação exposta pelos gramáticos, apresenta-se uma relação com o que a literatura de base funcionalista entende sobre esse termo e sua associação com a relação de Hipotaxe.

2.2 Sub(ordinação) ou Hipotaxe?

O termo Subordinação deriva do latim *Subordinatio, onis*, com indicação relativa ao “ato de colocar abaixo”. Sua formação advém da agregação do prefixo SUB- (abaixo) à base ORDINARE (arranjar, colocar em ordem)²⁸. Em outras palavras, pressupõe uma hierarquia na qual elementos são dispostos de maneira que um fique subjogado ou dependente de outro. Bluteau (1728, p. 762), na mesma linha de pensamento, mostra que tal palavra indica “ordem ou disposição de várias coisas, umas debaixo das outras”. Porém, o significado da palavra tem sido constantemente associado a uma relação de dependência entre coisas e/ou pessoas inferiores e superiores. Especificamente, voltado à Gramática, o termo aponta para uma relação de dependência entre dois elementos de categoria gramatical diferente, como o substantivo e adjetivo, por exemplo; e também para uma relação entre duas orações, sendo uma dependente da outra. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001, *online*).

Já o termo Hipotaxe, recorrente em trabalhos de cunho funcionalista, será explicado mais adiante. O que se pode afirmar, por enquanto, é a aproximação que a Real Academia Española (2001) faz entre os dois termos que encabeçam esta seção. No dicionário *online* da instituição, o verbete “Hipotaxis” ou “Hipotaxe” é definido como “Subordinação – relação de dependência entre orações”, como se o uso dos termos fosse intercambiável. Como

²⁷ Como se verá na seção “Funcionalismo” deste trabalho, quando da apresentação da contribuição de Decat (2001), a temporal pode exercer outras funções concomitantemente à noção de tempo, como, por exemplo, relação de condição, concessão e motivo.

²⁸ Extraído de Origem da Palavra – Site de etimologia. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/subordinacao/>>. Acesso em 09 set. 2014 às 15h15.

se verá adiante, a Hipotaxe pressupõe níveis de integração diferentes do que se entende por Subordinação. O primeiro termo é mais técnico, e amplamente utilizado em pesquisas linguísticas que tratam da articulação de orações; já o segundo é mais fortemente marcado por acompanhar a tradição gramatical.

O Funcionalismo mais voltado à articulação de orações, por entender a inadequação da abordagem tradicional de abarcar as orações adverbiais, adjetivas e substantivas no grupo das subordinadas, tenta explicar o fenômeno da subordinação baseando-se em critérios de dependência, integração e ligação entre orações. Entre os estudos sobre essa questão, podem ser citados Halliday (1985), Hopper; Traugott (1993, 2003), entre outros.

Halliday (1985) explica que as cláusulas complexas são formadas a partir de relações que ligam cláusulas, geralmente um par de cada vez, como independentes umas das outras. O autor propõe o estabelecimento de dois tipos de sistemas básicos que determinam como as cláusulas se relacionam: graus de interdependência/taxis e relações lógico-semânticas. A taxis pode ser dividida em dois graus de interdependência: parataxe e hipotaxe. A parataxe se configura como uma relação entre elementos de mesmo status, e a hipotaxe como uma relação entre dependente e dominante. Na discussão sobre relações lógico-semânticas, o autor explica que há uma relação entre um membro primário e um secundário da cláusula, que envolve 1) expansão, quando a cláusula secundária expande a primária (que pode ser por elaboração, extensão ou realce); e 2) projeção, quando a cláusula secundária é projetada através da primária, instituindo uma locução ou uma ideia. O quadro abaixo, extraído de Neves (2006, p. 232-233), ajuda a sintetizar a proposta do funcionalista, detalhando o eixo de expansão. Como se pode ver no quadro, as cláusulas adverbiais, foco deste estudo, são incluídas entre as hipotáticas de expansão por realce.

Quadro 2 – O complexo frasal no subsistema de expansão

			EIXO TÁTICO	INTERDEPENDÊNCIA
			Parataxe (ou: continuação) - As orações são elementos livres (cada uma é um todo funcional). - A segunda oração faz a expansão (ordem fixa).	Hipotaxe (ou: dominação) - Uma oração domina/modifica a outra (há dependência). - A oração dominante é livre, a dependente, não.
EIXO SEMÂNTICO-FUNCIÓNAL	Expansão	Elaboração =	- coordenadas assindéticas* - justapostas	- relativas explicativas
		Extensão	- coordenadas	- hipotáticas de adição

		+	sindéticas* (aditivas, alternativas, etc.)	
		Realce X	- falsas coordenadas*** (com matriz circunstancial: conclusivas, etc.)	- adverbiais
	Projeção	-----		

* eneárias e com mobilidade.

** binárias e com pouca/sem mobilidade.

***coordenadas indicando circunstância (semelhante às adverbiais).

Fonte: Extraído de Neves (2006, p. 232-233).

Em um estudo similar, Hopper e Traugott (2003) propõem uma divisão da articulação de cláusulas entre parataxe, hipotaxe e subordinação, conforme o quadro 3, abaixo:

Quadro 3 – *Continuum* da combinação de orações

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Fonte: Extraído de Hopper e Traugott (2003, p. 170).

Como se pôde observar, Hopper e Traugott (2003) propõem um *continuum*²⁹ e estabelecem distinção subordinação *versus* hipotaxe a partir do traço “encaixamento”. Pereira; Braga; Paiva (2010) mostram que

(...) a dependência é sinalizada formalmente pela presença de um morfema gramatical ou pela **ordem das palavras** na oração dependente. A subordinação se caracteriza pelo encaixamento da oração dependente na oração matriz; em outras palavras, pelo funcionamento da oração dependente como um argumento do predicado verbal da oração matriz. (PEREIRA; BRAGA; PAIVA, 2010, p. 175, grifo nosso).

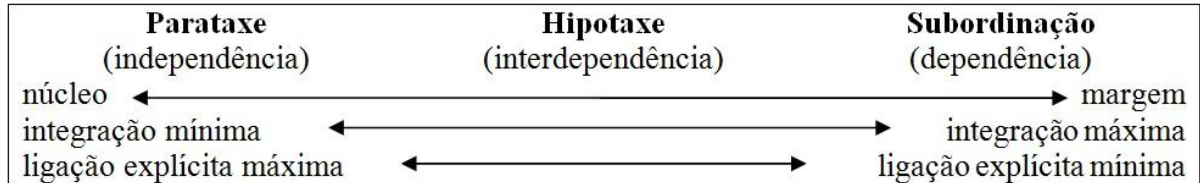
Sendo assim, pela proposta dos autores, como a adverbial temporal não funciona como um argumento do verbo, ela não estabelece com ele uma relação de encaixamento, como, por exemplo, pode-se observar na relação entre oração substantiva e nuclear.

Baseados em critérios de dependência, integração e tipo de ligação, Hopper; Traugott (2003) caracterizam a hipotaxe por relativa interdependência, situam-na em um nível médio de integração e de ligação explícita por elos coesivos. A subordinação se caracteriza

²⁹ Ver também ALONSO, A; UREÑA, P.H. **Gramática castellana**. Buenos Aires: Editorial Losada, 1967, 2 v. O autor discute acerca de subordinada propriamente dita (hipotaxe) e ‘inordinada’ (encaixada).

por alto nível de dependência e integração, sem obrigatoriamente a presença de elos coesivos, como se pode ver no quadro que se segue:

Quadro 4 – Propriedades gradientes da combinação de orações



Fonte: Extraído de Hopper; Traugott (2003, p. 172).

Portanto, é necessária uma revisão no tratamento que as gramáticas tradicionais têm dado à subordinação e seus tipos. Adotando a perspectiva funcionalista citada, podem-se incluir as orações coordenadas e justapostas no eixo paratático; as adverbiais e apositivas, no eixo hipotático; e as subordinadas substantivas e adjetivas restritivas, nas relações de subordinação (GONÇALVES, 2012).

O que se pôde perceber é que o que a tradição gramatical chama de oração subordinada adverbial temporal é reconhecido, na literatura de base funcionalista, como cláusula hipotática adverbial de realce temporal.

2.3 Síntese da discussão

O capítulo que ora se finda tratou de conceituar o objeto principal dos estudos nesta investigação – as Orações Temporais – e apontar para as diferentes visões a partir das quais essa construção é vista, tanto nos estudos prescritivos da Gramática Normativa quanto na descrição feita pela Linguística. Assim, percebeu-se que a expressão de tempo pode ser codificada pelas chamadas Orações Subordinadas Adverbiais Temporais, segundo a visão tradicional, ou, em outras palavras, por Cláusulas Hipotáticas de Realce Temporal, nomenclatura empregada pelos linguistas preocupados em estudar articulação de orações. Se o fenômeno é o mesmo – expressão de tempo – por que nomeá-lo de duas formas distintas? A resposta está no modo como cada disciplina vê a relação entre nuclear e temporal. O objeto “Oração Temporal ou Cláusula Hipotática de Realce Temporal” é construído a partir do ponto de vista em que é encarado. Concordamos com Saussure (2006, p. 15), quando explica que “é o ponto de vista que cria o objeto”. Retomemos, então, cada ponto de vista.

Na visão tradicional, a Oração Subordinada é vista como aquela que depende da principal para que seu sentido esteja completo (FERNÁNDEZ; FENTE; SILES, 1996), estando sempre incorporada à nuclear, assim como os argumentos se juntam aos verbos (GILI GAYA, 2000). Além do mais, exercem as mesmas funções que seus substitutos – substantivo, adjetivo ou advérbio (ALARCOS LLORACH, 2000). Dessa forma, são classificadas pela tradição observando aspectos puramente semânticos, conforme aponta Portilla (2009). Por isso, as temporais são vistas como as que dão referência temporal às ações da principal. Di Tullio (1997), porém, aponta que o que a tradição engloba no grupo das adverbiais se refere a construções de tipos semânticos bastante diversificados, daí a necessidade de uma reflexão sobre os limites desse grupo.

Pelo fato de os autores se basearem nos mesmos critérios, as definições de temporal são aproximadas: (1) estabelecem relação temporal entre o evento da principal e o da subordinada (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999); (2) situam, na linha temporal, o tempo do evento denotado pelo verbo principal (CARRASCO GUTIÉRREZ, 1999; GILI GAYA, 2000); suas conjunções introdutoras permitem que as orações expressem sucessão de eventos, e, por isso, as temporais (3) apresentam fatos anteriores, posteriores ou simultâneos aos narrados na principal (PILAR GARCÉS, 1994); e, adotando-se um critério funcional, pode-se dizer que (4) contribuem para o desenrolar da narrativa (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999).

Tendo em vista os problemas apresentados na caracterização das temporais por parte da visão tradicional, os estudos linguísticos procuram explicar melhor que há diferenças entre relações de subordinação e relações hipotáticas. Em Hopper; Traugott (2003), as subordinadas são vistas como dependentes e encaixadas, enquanto as cláusulas hipotáticas são vistas apenas como dependentes, mas não encaixadas, por não funcionarem como argumentos do verbo. Além do mais, a hipotaxe é marcada por interdependência, ao contrário das subordinadas, que são dependentes e, portanto, mais integradas. Do mesmo modo, Halliday (1985) enxerga uma relação dependente e dominante, mas aponta também para relações lógico-semânticas, explicando que a dependente expande a dominante, e, no caso, das temporais, trata-se de uma expansão por realce.

Por isso, a proposta linguística é mais adequada para explicar o fenômeno, pois se baseia, além de critérios semânticos, em níveis de integração e de dependência, o que abrange ainda mais as nuances do objeto estudado. Entender os diversos níveis que relacionam temporal e nuclear é fundamental para compreender a mobilidade circunstancial e as possíveis posições que a primeira venha a ocupar em relação à segunda, tendo em vista suas funções no enunciado.

Uma vez caracterizada a temporal a partir de diversos estudos, vejamos, no capítulo seguinte, como a tradição gramatical e a linguística veem a ordem de termos e que implicações a ordem da temporal pode trazer para o enunciado.

3 ANTEPOR, INTERCALAR OU POSPOR? ESTUDOS SOBRE A ORDEM DE TERMOS EM LÍNGUA ESPANHOLA

Neste capítulo, faremos uma descrição dos estudos sobre a ordem de termos em Língua Espanhola, na intenção de conduzir a uma descrição mais ampla da ordem das temporais. Em um primeiro momento, será feita uma revisão de estudos sobre a ordenação de itens, em especial, os de valor adverbial, em gramáticas de Língua Espanhola; logo após, apresentar-se-á um apanhado de estudos linguísticos que focalizaram a ordenação de orações temporais. Ao final, realizar-se-á uma síntese da discussão do capítulo.

3.1 O tratamento dado à ordem de termos em gramáticas de Língua Espanhola

A maioria dos estudiosos vincula a Weil (1844) o início dos estudos sobre ordenação. Romero Gualda (1985) mostra que, desde a antiguidade clássica (com Quintiliano, Cícero, Sêneca), discute-se o tema e que o problema da ordem era visto não como um fenômeno apenas sintático, mas retórico.

Os escritos clássicos sustentavam a tese de que há uma ordem natural de dispor os elementos em um enunciado. Tal asserção pode ser vista no seguinte comentário encontrado na *Gramática de la Lengua Castellana*, de 1781, composta pela Real Academia Española:

Há uma ordem natural de colocar as palavras, que se fundamenta na mesma natureza das coisas. Esta ordem pede que o nome substantivo preceda ao adjetivo, porque antes é a substância que a qualidade: que quando o nome representa o sujeito ou a pessoa que faz, preceda ao verbo, porque antes é o agente que a ação. **Pede que o verbo preceda ao nome, quando este é o objeto, ou termo da ação; e ao advérbio que qualifica ou modifica a significação do verbo.**³⁰ (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781, p. 240-241, grifo nosso).

Nebrija, responsável pela primeira gramática em Língua Espanhola (1492), coloca o assunto entre os chamados “barbarismos”, vícios ou pecados não toleráveis nas partes da oração. Entre os vários barbarismos que elenca, destacam-se os relacionados à ordenação: 1) cacossínteto, ou má composição de palavras, como no exemplo (19a), que, segundo autor, deve ser substituído pela boa ordem apresentada em (19b); 2) anástrofe, quando há transporte

³⁰ Hay un órden natural de colocar las palabras, que se funda en la naturaleza misma de las cosas. Este órden pide que el nombre sustantivo prefiera al adjetivo, porque ántes es la sustancia que la calidad: que quando el nombre representa al sugeto ó pesona que hace, prefiera al verbo, porque ántes es el agente que la accion. **Pide que el verbo prefiera al nombre, quando este es el objeto, ó término de la accion; y al adverbio que califica ó modifica la significacion del verbo.** (Todas as traduções neste trabalho são de nossa responsabilidade).

de palavras, como em (20); 3) parêntesis, quando há intercalação de palavras em uma sentença, como exemplificado em (21); entre outros (NEBRIJA, 1492).

(19) a. *A la moderna bolviendo me rueda. (* À moderna rodando me roda).

b. Bolviendo me a la rueda moderna. (Rodando-me a roda moderna).

(20) *Unas vuestras recibí letras. (*Umas vossas recebi letras).

(21) Sola la virtud, según dicen los estoicos, haze al hombre bueno et bien aventurado. (Somente a virtude, segundo dizem os estóicos, torna o homem bom e bem aventurado).

(NEBRIJA, 1492, p. 199)

Em geral, a ordem de palavras está situada na seção relacionada às figuras de linguagem (NEBRIJA, 1492), na Morfologia ou na Sintaxe. No primeiro caso, como visto, determinados padrões de ordenação são vistos como más construções, pois ferem um princípio de ordenação natural mencionado no início desta seção. Assim, de fato, algumas maneiras de ordenar elementos em uma frase podem produzir sentenças agramaticais, mas outras produzem variantes do fenômeno, fazendo com que surjam padrões de ordenação inovadores e conservadores (LABOV, 1972a). Na Morfologia, alguns autores tratam das alterações semânticas que a posição do adjetivo promove em relação ao substantivo. Em Sintaxe, os gramáticos explicam que constituintes/orações adverbiais gozam de mobilidade na sentença.

Fernández; Fente; Siles (1996), por exemplo, no capítulo que trata sobre adjetivos, explicam que uma particularidade do espanhol é a de que muitos adjetivos podem vir na frente ou atrás do substantivo que qualificam, razão pela qual alguns estudantes estrangeiros encontram dificuldades em aprender o idioma. Os autores ainda explicam que a posição básica dos adjetivos seria a posposição, que introduz elemento novo e diferencia o substantivo dos demais termos. Ao longo de sua exposição, Fernández; Fente; Siles (1996) ainda elencam outros padrões de ordenação de adjetivos, explicando que os usuários da língua utilizam um ou outro padrão de ordenação conforme intenções poéticas e semânticas. Em seção sobre a ordem SVO dos elementos da oração, os autores mostram que esse padrão se altera quando se deseja enfatizar qualquer um desses termos.

Posição semelhante à de Matte Bon (2010), que, ao mencionar a classe dos advérbios, mostra que eles têm posição mais frequente após o verbo, porém esta ordem pode se inverter para dar destaque ao advérbio. A gramática de Matte Bon (2010), por voltar o foco

para a comunicação, explica a ordem de palavras em semelhança ao conceito funcionalista de estatuto informacional, desenvolvido por diversos autores desde a Escola de Praga, entre eles, Chafe (1979), Prince (1981) e Halliday (1985). Segundo esses autores, a sentença seria organizada, nesta ordem, em informações já conhecidas ou velhas, para, em seguida, virem as informações novas. Matte Bon (2010), influenciado por essa discussão, mostra que, seguindo um princípio que rege o funcionamento da ordem de palavras, a sentença inicia sempre pelos elementos que já são conhecidos situacionalmente ou contextualmente, e depois são postas as informações novas.

Gili Gaya (2000), na mesma linha de pensamento, adiciona que a posição de cada elemento da oração contribui para determinar seu valor funcional. A ordem também pode funcionar como recurso para desfazer ambiguidades, para destacar/intensificar/atenuar determinados elementos etc.

Em se tratando de ordem de constituintes, Sarmiento; Sánchez (2007) relatam que o Espanhol admite tanto a sequência Grupo Nominal (GN) + Grupo Verbal (GV) como o inverso GV + GN, como no exemplo (22):

(22) Las niñas duermen o Duermen las niñas. (As meninas dormem ou Dormem as meninas).

(SARMIENTO; SÁNCHEZ, 2007).

Os autores mostram que, se a estrutura for do tipo GN + GV + complemento, várias possibilidades ficam disponíveis ao falante, como na série de exemplos em (23), mas ressaltam que nem todos esses padrões são utilizados em todos os contextos e podem não estar permitidos pelo sistema linguístico por diversas razões. O leitor curioso se perguntaria quais seriam esses contextos, mas as gramáticas normativas, talvez por seu caráter prescritivo e didático, não se detêm nesse tipo de questão.

- (23) a. Mateus vive en Londres. (Mateus vive em Londres).
 b. En Londres vive Mateus. (Em Londres vive Mateus).
 c. Vive en Londres Mateus. (Vive em Londres Mateus).
 d. Vive Mateus en Londres. (Vive Mateus em Londres).
 e. Mateus en Londres vive. (Mateus em Londres vive).
 f. En Londres Mateus vive. (Em Londres Mateus vive).

(SARMIENTO; SÁNCHEZ, 2007)

Gili Gaya (2000, p. 83) distingue orações formadas por três elementos sintáticos e orações formadas por quatro elementos. No primeiro caso, o autor enxerga três combinações possíveis, a saber:

- Sujeito, verbo e complemento direto:
 - (24) a. Mi padre compró una casa. (Meu pai comprou uma casa).
 - b. *Mi padre una casa compró. (*Meu pai uma casa comprou)³¹.
 - c. Compró mi padre una casa. (Comprou meu pai uma casa).
 - d. Compró una casa mi padre. (Comprou uma casa meu pai).
 - e. Una casa compró mi padre. (Uma casa comprou meu pai).³²
 - f. *Una casa mi padre compró. (*Uma casa meu pai comprou).

- Sujeito, verbo e complemento circunstancial:
 - (25) a. Juan vendrá a las siete. (Juan virá às sete).
 - b. *Juan a las siete vendrá. (*Juan às sete virá).
 - c. Vendrá Juan a las siete. (Virá Juan às sete).
 - d. Vendrá a las siete Juan. (Virá às sete Juan).
 - e. A las siete vendrá Juan. (Às sete virá Juan).
 - f. *A las siete Juan vendrá. (*Às sete Juan virá).

- Verbo com dois complementos:
 - (26) a. Una carta traigo para ti. (Uma carta trago para ti).
 - b. *Una carta para ti traigo. (*Uma carta para ti trago).
 - c. Traigo una carta para ti. (Trago uma carta para ti).
 - d. Traigo para ti una carta. (Trago para ti uma carta).
 - e. Para ti traigo una carta. (Para ti trago uma carta).
 - f. *Para ti una carta traigo. (*Para ti uma carta trago).

³¹ Ao contrário de Sarmiento; Sánchez (2007), que consideram seis possibilidades de ordenação, Gili Gaya (2000) não considera todas, marcando-as com asterisco, e explica que seu uso é totalmente inusitado na conversação e raro na prosa literária.

³² Embora pareça ilógico semanticamente, em um escrito literário, por exemplo, esse enunciado pode acontecer, basta que a casa seja personificada, assumindo a função de agente. Para desfazer casos de ambiguidade como esse, a Língua Espanhola dispõe, segundo Gili Gaya (2000, p. 84) do recurso de colocar a preposição *a* antes dos complementos diretos. Ej.: la amistad dominó el interés de todos (a amizade dominou o interesse de todos) / la amistad dominó **al** interés de todos (a amizade dominou ao interesse de todos). Assim, se pode alterar a ordem sem que se altere a função sintática.

- Verbo com quatro elementos sintáticos³³:

(27) a. El criado trajo una carta para mí. (O criado trouxe uma carta para mim).

b. El criado trajo para mí una carta. (O criado trouxe para mim uma carta).

c. *El criado una carta trajo para mí. (*O criado uma carta trouxe para mim).

d. *El criado una carta para mí trajo. (*O criado uma carta para mim trouxe).

e. *El criado para mí una carta trajo. (O criado para mim uma carta trouxe).

f. *El criado para mí trajo una carta. (O criado para mim trouxe uma carta).

g. *Una carta el criado trajo para mí. (*Uma carta o criado trouxe para mim).

h. *Una carta el criado para mí trajo. (*Uma carta o criado para mim trouxe).

i. Una carta trajo el criado para mí. (Uma carta trouxe o criado para mim).

j. Una carta trajo para mí el criado. (Uma carta trouxe para mim o criado).

k. *Una carta para mí el criado trajo. (*Uma carta para mim o criado trouxe).

l. *Una carta para mí trajo el criado. (*Uma carta para mim trouxe o criado).

m. Trajo el criado una carta para mí. (Trouxe o criado uma carta para mim).

n. Trajo el criado para mí una carta. (Trouxe o criado para mim uma carta).

o. Trajo una carta el criado para mí. (Trouxe uma carta o criado para mim).

p. Trajo una carta para mí el criado. (Trouxe uma carta para mim o criado).

q. Trajo para mí el criado una carta. (Trouxe para mim o criado uma carta).

r. Trajo para mí una carta el criado. (Trouxe para mim uma carta o criado).

s. *Para mí el criado trajo una carta. (*Para mim o criado trouxe uma carta).

t. *Para mí el criado una carta trajo. (*Para mim o criado uma carta trouxe).

u. Para mí trajo el criado una carta. (Para mim trouxe o criado uma carta).

v. Para mí trajo una carta el criado. (Para mim trouxe uma carta o criado).

w. *Para mí una carta el criado trajo. (*Para mim uma carta o criado trouxe).

x. *Para mí una carta trajo el criado. (*Para mim uma carta trouxe o criado).³⁴

³³ Neste grupo, segundo o autor, os termos marcados com asterisco estão fora do uso moderno corrente da língua, porém podem ser encontrados em poesias.

³⁴ Os exemplos que constam de *Sujeito (S) + Verbo (V) + Complemento Direto (CD) + Complemento Indireto (CI)*, nessa ordem, parecem ser os mais usuais. Segundo o funcionalista DeLancey (1981), o fluxo de atenção linguístico é um reflexo do natural. Assim, do ponto de vista natural, extralinguístico, o evento se desenrola a partir de uma origem para uma meta. Portanto, o linguístico também deveria harmonizar-se com o natural. Dessa maneira, como no exemplo (19a), um sujeito agente executa uma ação que afeta um objeto, encaminhando-o em

(GILI GAYA, 2000, p. 83).

O autor explica que anteposição de itens reflete o interesse do falante neles. Desse modo, antepondo um circunstante temporal, a atenção se volta para o momento em que a ação se deu; antepondo o verbo, realça-se a ação. Porém, adverte que a ordem não é o único recurso para enfatizar elementos sintáticos e cita, por exemplo, a entonação como outro recurso extremamente possível e habitual.

No caso específico dos adjacentes circunstanciais, Alarcos Llorach (2000) afirma que esses termos agregam conteúdos adicionais aos já evocados pelo verbo e seus objetos. Sendo assim, sua presença ou ausência não modifica em essência nem a forma nem o significado de uma oração. Desse modo, por sua relativa independência semântica, apresentariam duas características que se manifestam na oração: 1) sua evasão sem deixar rastro nem alterar a estrutura da oração; e 2) sua capacidade de mover-se pela sentença.

Em García Fernández (1999, p. 3150), percebe-se que essa capacidade de mobilidade dos complementos adverbiais pode, inclusive, favorecer diversas leituras de temporalidade em um enunciado. A título de exemplo, expõem-se os enunciados abaixo, extraídos do autor:

(28a) A las tres, la secretaria se había ido de la sala de juntas. (Às tres, a secretária já havia ido embora da sala de reuniões).

(28b) La secretaria se había ido a las tres de la sala de juntas. (A secretária havia ido às três da sala de reuniões).

(GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999, p. 3150).

Em (28a), infere-se que, às três horas, a secretária já não está mais na sala de reuniões; e, em (28b), que três horas é o momento exato em que ela saiu do lugar. Assim, a ordem não pode ser simplesmente um recurso aleatório ou de estilo, mas pode, inclusive, afetar a descrição do estado de coisas exposto na oração.

direção a uma meta. Por isso, alta recorrência e aceitabilidade da ordem $S + V + CD + CI$ (Cf. DELANCEY, 1981). De acordo com Gili Gaya (2000), construções com sujeito anteposto são comuns, porque esse termo absorve o interesse principal em grande parte das sentenças, ou seja, ele geralmente é o ponto de partida do fluxo de atenção, nas palavras de DeLancey (1981). Gili Gaya (2000) ainda acrescenta, porém, que o hábito de antepor o sujeito pode desgastar sua expressividade, requerendo, portanto, uma ordem alternativa para resgatá-la. De acordo com DeLancey (1981), posições de termos que não possam ser explicadas por uma harmonia entre fluxo de atenção natural e linguístico apresentam motivações que devem ser investigadas.

O que se pôde perceber foi que os gramáticos consideram a ideia de que há determinados padrões de ordenação e, inclusive, tentaram postular regras de colocação para justificar as ocorrências. Porém, o pesquisador, após tomar conhecimento de investigações científicas com foco na questão da ordem, percebe que há grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem determinar padrões de ordenação. Em outras palavras, é possível explicar o porquê da anteposição, intercalação ou posposição de determinados constituintes frasais.

3.2 A descrição, em Linguística, da ordem das temporais

Padilla García (2001), após pesquisas sobre a ordenação em Espanhol, explica que esta língua é do tipo SVO. Piatti (2012), baseada nesta informação, explica que todo tipo de construção que fuja a este padrão tem a finalidade de realçar ou focalizar determinada ideia, conceito ou referente. Piatti (2012) vai ainda mais além quando revela que, na oralidade, todo tipo de ordenação serve para fins pragmáticos, ou seja, o caráter linear do significante revela as finalidades comunicativas. Concordamos com Weil (1844) quando diz que “palavras são o signo das ideias; tratar da ordem de palavras é, então, em certa medida, tratar da ordem das ideias.” (WEIL, 1844, p. 11). De fato, o falante lança mão de vários recursos para que seu enunciado alcance seus objetivos. As tematizações, anteposições, focalizações ajudam a orientar o ouvinte sobre o tópico que está sendo discutido. Antepondo um referente, o falante deixa claro que quer a atenção do seu interlocutor para aquele termo, pois, a seguir, trará novas informações sobre o referente já conhecido.

Olivares Pardo (2002), em consonância com os conceitos funcionalistas tema/rema e figura/fundo, anteriormente citados, explica que a oração temporal pode ocupar as duas posições: a) aparecer em posição temática, codificando informações já conhecidas e fornecendo o fundo da ação principal; ou b) estar em posição remática, transmitindo informação nova. A autora também revela que, em certa medida, a ordem traduz a realidade. Esse ponto de vista, também apresentado em García de Paredes (1993), revela uma aplicação do princípio de iconicidade de Givón (2001) na ordenação de orações, em especial, o subprincípio de ordem de ocorrência e ordem reportada. A partir dele, pode-se inferir que a natureza das relações temporais pode interferir/condicionar padrões de ordenação. A iconicidade ajuda a explicar, inclusive, a ordem de coordenadas que apresentam sequência temporal, como mostra Romero Gualda (1985), ao mencionar os exemplos apresentados em

(29), e explicar que, nesta situação, a ordem está determinada pela relação semântica entre as orações:

(29) a. Sócrates bebió la cicuta y se murió. (Sócrates bebeu a cicuta e morreu).

b. *Sócrates se murió y bebió la cicuta. (Sócrates morreu e bebeu a cicuta).

(ROMERO GUALDA, 1985, p. 99)

Romero Gualda (1985) explica que o Espanhol não é uma língua de ordem fixa, exceto quando a ordem funciona para desfazer a ambiguidade que a Morfologia não consegue. Portanto, conclui que a ordem não é um problema estritamente gramatical. Características da ordem podem definir/distinguir diferentes situações comunicativas. A autora impulsiona novas investigações sobre o tema, pois, segundo ela, ainda há muito que se estudar sobre a ordem das subordinadas. O papel que a ordem desempenha nos enunciados ainda é terreno que precisa ser bem mapeado para que se tenham considerações amplas sobre o assunto.

García de Paredes (1993) apresenta alguns fatores gramaticais que determinam a posição da temporal em relação à principal. Destacam-se alguns deles:

1. A posposição ocorre em contextos que apresentam a temporal como resposta a uma pergunta introduzida pelo advérbio interrogativo “quando”, pois se caracteriza por ser elemento remático, como no exemplo (30):

(30) ¿Cuándo saldremos de viaje? – Cuando podamos o saldremos cuando podamos. (Quando sairemos de viagem? – Quando pudermos ou sairemos quando pudermos.);

2. A posposição parece obrigatória em construções de “quando” com antecedente explícito, em construções especificativas, como em (31):

(31) E era en el tiempo quando siegan los ordios. (E era no tempo quando colhem a cevada).

3. Nas orações *ecuativas*³⁵, a temporal, distante de sua função circunstancial, vem sempre posposta, como a sentença (32):

(32) Esto fue cuando iudgaron los iudices la tierra e non avia rey. (Isto foi quando julgaram os juízes a terra e não havia rei).

(GARCÍA DE PAREDES, 1993, p. 206-207).

Lobo (2003), apesar de haver estudado o Português de Portugal, aponta características importantes de motivações que podem favorecer o bloqueio das temporais. Tais estudos reforçam a aplicação de generalizações entre as línguas e, neste caso, as mesmas motivações também são permitidas e observadas na sintaxe oracional da Língua Espanhola, como, por exemplo:

- A temporal não pode se pospor se houver sujeito nulo na principal correferencial com sujeito de terceira pessoa da temporal³⁶:

(33a) Cuando María coma no se sentirá bien. (Quando Maria comer, não se sentirá bem).

(33b) *No se sentirá bien cuando María coma. (*Não se sentirá bem quando Maria comer).

(34a) La televisión, conectó Maria cuando llegó a su casa. (A televisão, conectou Maria quando chegou à sua casa).

(34b) Cuando llegó a su casa, María conectó la televisión. (Quando chegou à sua casa, Maria conectou a televisão).

(34c) *La televisión, cuando llegó a su casa, María conectó. (A televisão, quando chegou à sua casa, Maria conectou).

- Em perguntas introduzidas por Qu-:

(35a) P: ¿Cuando llegó María? (Quando Maria chegou?)

³⁵ São orações copulativas em que, com a presença do verbo ser, a identidade entre referentes de duas expressões nominais é instaurada. (ALCARAZ VARÓ; MARTÍNEZ LINARES, 1997).

³⁶ Porém, o sujeito nulo na temporal em qualquer uma das três posições é permitido.

Ex.: Cuando llegó, Juan estaba borracho. / Juan estaba borracho cuando llegó. (Quando chegou, Juan estava bêbado. / Juan estava bêbado quando chegou). (Cf. GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999, p. 3178-3179).

R: (María llegó) cuando Pedro salió. (Maria chegou quando Pedro saiu).

(35b) P: ¿Cuándo llegó María? (Quando Maria chegou?)

R: *Cuando Pedro salió, María llegó. (Quando Pedro saiu, Maria chegou).

(LOBO, 2003).

Silva; Salles (2014, p. 3924-3925) também apresentam contextos que motivam uso categórico de determinada ordem das temporais no Espanhol. Há situações em que uma mudança de ordem pode trazer prejuízo ao entendimento da sentença, por exemplo, em provérbios do espanhol, como em (36a) e (36b), construções que, segundo as autoras, são sentenças cristalizadas/fixas no que tange à ordem; e há casos em que a alteração de ordem modifica a interpretação da sentença, como em (37a) e (37b):

(36a) Cuando el sabio señala la luna, el necio se fija en el dedo. (Quando o sábio aponta para a lua, o néscio dá atenção ao dedo).

(36b) *El necio se fija en el dedo cuando el sabio señala la luna. (*O néscio dá atenção ao dedo quando o sábio aponta para a lua).

(37a) Cuando llegué, la ama de brazos dijo que los niños fueron dormir. (Quando cheguei, a babá disse que as crianças foram dormir).

(37b) La ama de brazos dijo que, cuando llegué, los niños fueron dormir. (A babá disse que, quando cheguei, as crianças foram dormir).

(SILVA; SALLES, 2014, p. 3924-3925).

Por se tratar de um estudo de cunho variacionista, tais ocorrências de temporais com ordem bloqueada não foram consideradas para efeito de análise neste estudo. Ainda assim, mesmo em casos de uso categórico como esses, percebe-se que há motivações, de cunho formal ou não, pressionando a ordem das temporais, comprovando que não se trata de um fenômeno aleatório, de livre escolha do falante.

Jiménez Fernández (1997-1998), estudando o uso de orações subordinadas por meninos e meninas de 11 a 13 anos, mostrou que, entre as circunstanciais, as causais, finais e temporais foram as que tiveram mais altos níveis de ocorrência. Explicou, também, que a conjunção mais frequente para introduzir as temporais é *cuando* (*quando*), que configura um contexto no qual a anteposição é mais frequente. No estudo, a variação na ordem foi

controlada por tipos de conjunções. A anteposição, a intercalação e a posposição também puderam ser explicadas de acordo com a presença do conectivo que as introduzisse. De um modo geral, a anteposição está relacionada à conjunção *cuando* (*quando*); e a posposição, às locuções conjuntivas *hasta que* (até que) e *desde que* (desde que). A intercalação pode ocorrer quando um item se antepõe à temporal, por razões de tematização ou ênfase, como no exemplo (38):

(38) Es que mis padres, cuando eran chicos, vivían allí. (É que meus país, quando eram pequenos, viviam ali).

(JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, 1997-1998, p. 822).

Procurou-se fazer um apanhado geral, não exaustivo, de estudos sobre ordenação em Espanhol. Pelo discurso dos próprios autores, percebe-se que o campo da ordem de temporais é vasto e ainda precisa ser muito explorado. Os estudos anteriores ajudaram a respaldar algumas das hipóteses desta pesquisa, como, por exemplo, a aplicação dos princípios de iconicidade, as diferenças de comportamento de acordo com a conjunção/locução conjuntiva introdutora da temporal, a relevância de variáveis sociais etc. Esta investigação, por meio de análises estatísticas e mapeamento de contextos favorecedores da anteposição, intercalação e posposição, contribuirá para que se amplie o conhecimento sobre o comportamento de orações temporais no discurso.

3.3 Síntese da discussão

Este capítulo apresentou uma discussão sobre a ordem de termos em Língua Espanhola, na intenção de culminar nos estudos sobre a ordem das temporais. Para isso, foi feito um apanhado sobre termos em geral e, afunilando-se, chegamos à descrição da ordem das temporais. Em primeiro lugar, mostramos que os escritos clássicos sustentavam o postulado de que há uma ordem natural, ou icônica, de dispor os elementos na sentença (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781). Por isso, as alterações de ordem chegavam a ser encaradas como “barbarismos”, não toleráveis (NEBRIJA, 1492). Ordens não icônicas, ou “más construções”, deveriam ser substituídas por uma “boa ordem”, fato que revela extrema subjetividade da visão normativa.

Uma classe que promove alterações semânticas se sofrer alterações de ordem é a dos adjetivos. Conforme vimos, Fernández; Fente; Siles (1996) explicam que, em Espanhol,

os adjetivos podem vir antes ou depois dos substantivos, embora a posposição seja a posição básica. As alterações de ordem, então, refletiriam intenções poéticas, semânticas e/ou ênfase. Em relação aos advérbios, Matte Bon (2010) mostrou que eles se posicionam após o verbo, e que, quando a ordem se altera, dá-se destaque ao elemento adverbial. Já em Gili Gaya (2000), vimos que a posição dos termos na oração determina seu valor funcional. Já em relação à ordem de constituintes, Sarmiento; Sánchez (2007) apontaram que o Espanhol pode admitir a ordem Grupo Nominal + Grupo Verbal ou o inverso. Havendo complementos, várias possibilidades ficariam disponíveis ao falante, e dependeriam do contexto de uso. A ordem também seria recurso para realçar o verbo ou seus argumentos. Em relação aos adjacentes circunstanciais, Alarcos Llorach (2000) apontou que sua presença ou ausência não modifica substancialmente uma oração, por isso teriam a capacidade de mover-se pela sentença. Porém, conforme aponta García Fernández (1999), essa mobilidade pode favorecer diversas leituras de temporalidade.

A primeira seção do capítulo, então, termina com uma reflexão sobre a necessidade de se estudar contextos favorecedores de determinadas posições da temporal e que é possível mapear características funcionais da anteposição, intercalação e posposição. Tal empreitada será realizada neste trabalho. A segunda seção apresenta estudos em Linguística sobre a ordem das temporais. Em primeiro lugar, a discussão de Padilla García (2001) e Piatti (2012) mostra que o padrão SVO do Espanhol pode ser alterado para realçar ou focalizar ideias, conceitos ou referentes, e que os tipos de ordenação servem a fins pragmáticos. Por isso, é natural que a ordem possa ser relacionada aos conceitos funcionalistas tema/remã e figura/fundo. Segundo Olivares Pardo (2002), as temporais em posição temática codificariam informações já conhecidas e forneceriam o fundo das ações principais, e, estando em posição remática, transmitiriam informação nova.

Vimos, também, que a ordem das temporais pode refletir a realidade (ROMERO GUALDA, 1985; GARCÍA DE PAREDES, 1993), uma aplicação do princípio de iconicidade proposto por Givón (2001). A partir da aplicação de critérios de ordem funcional, comprova-se a tese de Romero Gualda (1985) quando mostra que a ordem não é um problema apenas restrito à gramática. Embora as temporais sejam caracterizadas por relativa mobilidade na sentença, vimos que há fatores que podem bloquear a ordem, como, por exemplo, características do sujeito das orações, em contextos de perguntas introduzidas por *Qu-* (LOBO, 2003), sentenças cristalizadas/fixas (SILVA; SALLES, 2014), entre outros fatores. Por meio dos estudos de Jiménez Fernández (1997-1998), pôde-se perceber que a conjunção mais frequente que introduz as temporais é *cuando* (*quando*), cujos contextos motivam a

anteposição. Já a posposição seria motivada pelas locuções *hasta que* (*até que*) e *desde que* (*desde que*).

Todos os estudos relatados neste capítulo serviram de base para a construção das hipóteses e trarão importantes explicações para os resultados das análises estatísticas, fomentando a discussão sobre a ordem das temporais no capítulo de análise dos dados, validando ou repensando estudos anteriores acerca do tema.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão expostos os fundamentos teóricos que sustentarão a análise do comportamento das temporais no que tange à sua posição em relação à nuclear. Para tanto, serão apresentadas as teorias de base deste estudo, que fornecerão os pressupostos para a análise do fenômeno em questão. Ao final, segue-se uma reflexão sintética das implicações de cada teoria para este estudo.

4.1. Teorias de base

Esta seção é dedicada à apresentação das correntes teóricas que nortearão e fornecerão os procedimentos para a análise da posição das temporais, a Sociolinguística variacionista, o Funcionalismo linguístico e a proposta de articulação entre as duas teorias, interface denominada Sociofuncionalismo.

4.1.1 Sociolinguística variacionista

A Sociolinguística é um ramo de estudos da Linguística que, em 1964, fixou-se, a partir de um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright, do qual participaram estudiosos interessados na relação entre linguagem e sociedade, como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, entre outros. Bright, em 1966, organiza e publica o *Sociolinguistics*, para divulgar os trabalhos do congresso e escreve o texto inicial, “As dimensões da Sociolinguística”, em que apresenta as bases para uma definição e caracterização da corrente de estudos que estava surgindo.

Essa área de estudos da linguagem tem em Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010) seu principal representante. A partir dos postulados do sociolinguista americano, é caracterizada como uma corrente teórica que considera a variação como uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos. Os primeiros trabalhos de Labov voltavam-se ao estudo de aspectos fonológicos da fala de habitantes da ilha de Martha’s Vineyard e trabalhadores de Nova York, em 1963. Percebe-se que, mesmo antes do congresso na UCLA, o autor já desenvolvia pesquisas e estudos na área, considerando a relação língua-sociedade.

Labov, por diversas vezes, argumentou contra o ponto de vista estruturalista, que considerava a homogeneidade do sistema linguístico. Labov mostrou a importância de se estudar os fatos de heterogeneidade da língua, que, segundo Weinreich; Labov; Herzog

(2006), não convivem bem com o modo estruturalista de ver a língua. Para eles, a ausência de heterogeneidade na língua é que seria disfuncional³⁷. Dessa maneira, segundo os autores, a questão fundamental de uma teoria da mudança linguística é entender como a língua funciona eficientemente mesmo em períodos de menos sistematicidade. Para sanar o problema, os autores sugerem a dissociação entre os conceitos de estruturalidade e homogeneidade.

Para a Sociolinguística, a língua tem uma função comunicativa e social e também se comporta como um reflexo das diferenças sociais na comunidade, pois, segundo Labov (1972a, 1983), os processos sociais se refletem na estrutura linguística. Nos períodos anteriores à divulgação de seus estudos, a língua era concebida como um conjunto de normas invariantes, partilhadas pelos membros de uma mesma comunidade, porém Labov conseguiu mostrar que a variação sistemática na língua é um reflexo dos processos sociais que estão fora dela.

Figuroa (1994) explica que as regras categóricas dos gerativistas não davam conta de explicar a variação, e as regras opcionais não capturariam a sistematicidade da variação, o que levou Labov a propor regras que poderiam ser mais ou menos aplicadas dependendo do ambiente linguístico e/ou do contexto social. A autora também pontua que Labov forneceu meios pelos quais se pudesse ampliar a visão de competência comunicativa³⁸ do falante. Em resumo,

A regra variável não é uma demonstração do que as pessoas sabem. Também não é uma demonstração do que as pessoas realmente fazem, pois é assim captada a partir do comportamento individual real, mas é, possivelmente, uma exposição do que as pessoas tendem a fazer se seguirem certos princípios de estrutura linguística e certos princípios de comportamento social prescrito (FIGUEROA, 1994, p. 104-105).

Os postulados de Labov levantaram reações da crítica. Uma delas, o artigo de Lavandera (1977), indaga quais os limites da Sociolinguística variacionista. Em resposta, Labov (1978) define bem as bases de seu modelo teórico. De início, critica o mentalismo

³⁷ Ou seja, a língua apresentaria funcionamento anômalo não por ser heterogênea, mas se fosse totalmente homogênea.

³⁸ Hymes (1972) critica o postulado da pura competência linguística, de Chomsky (1965), em que o falante tem um conhecimento da estrutura da sua língua. Para Hymes (1972), apenas saber as regras da língua não é o suficiente, mas percebeu que a criança também adquire uma competência comunicativa, relacionada ao saber quando ou não falar, o que falar, com quem e de que forma falar. Canale (1983) amplia ainda mais esse conceito, mostrando que há subcompetências, ou componentes da competência comunicativa, a saber: a gramatical, a sociolinguística, a discursiva e a estratégica. O primeiro desses componentes se refere ao domínio das regras da língua, o segundo se refere a uma relação entre contexto social e comportamento linguístico, o terceiro implica um domínio de diversos gêneros (escritos e/ou orais), e o último está relacionado ao desenvolvimento de estratégias de aprendizagem e de comunicação.

introspectivo³⁹ das correntes anteriores, mostrando que a Sociolinguística permite uma visão mais ampla dos estudos da língua, mais empírica do que mentalista.

Ao invés de estudar sutis diferenças de significado representacional⁴⁰ como fazia a corrente formalista, ele mostra que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas⁴¹ têm o mesmo valor de verdade. O autor destaca que, ao invés de estender o significado, atribuindo um novo significado para cada nova forma, o que a Sociolinguística faz é limitá-lo muito mais estreitamente do que o faria a linguística de linha formal, e exemplifica. Por exemplo, nos enunciados (39a) e (39b),

(39a) They broke into the liquor closet. (Eles arrombaram o armário de bebidas).

(39b) The liquor closet was broken into. (O armário de bebidas foi arrombado).

(LABOV, 1978, p. 8)

uma análise formalista expandiria os significados representacionais, buscando as diferenças entre as duas sentenças, mas a Sociolinguística, mostrando que as duas formas dizem a mesma coisa, contrai esse significado.

Embora seus trabalhos iniciais tenham se voltado a aspectos fonológicos, o linguista explica que não há problema algum em estabelecer semelhanças de significado representacional em aspectos também sintáticos⁴², embora Lavandera (1977) enxergue aí um problema. Labov, então, apresenta sua solução para o problema: é necessário isolar e definir os elementos que variam⁴³ mas que ainda assim se referem ao mesmo estado de coisas. Nesse processo, é importante perceber os contextos nos quais a variação é mais relevante, deixando de lado os ambientes em que há neutralização ou em que a regra é categórica⁴⁴.

Para o autor, variáveis linguísticas ou regras variáveis não são em si mesmas uma “teoria da linguagem”. Elas são dispositivos heurísticos (LABOV, 1978), pois são construções que ajudam a explorar um fenômeno de ordem social, uma vez que se toma como

³⁹ Considera-se, por exemplo, o Gerativismo como uma doutrina mentalista, porque “Chomsky acredita (...) que as regras que determinam a produtividade das línguas humanas têm as propriedades formais que têm em virtude da estrutura da mente humana” (LYONS, 1987, p. 213).

⁴⁰ A função representacional da linguagem volta-se para o conteúdo semântico que está sendo veiculado em uma comunicação (Cf. BÜHLER, 1934).

⁴¹ Ou significado representacional, para os formalistas.

⁴² Freitag (2009) aponta que a variação em níveis gramaticais mais altos que o da Fonologia não é um consenso entre todos os estudiosos da área. Para ampliar “o escopo da definição de variável para além da fonologia, faz-se necessária uma teoria de gramática ampla, que envolva os componentes fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e discursivo.

⁴³ O envelope de variação, que, segundo Labov (1978), representa as escolhas que o falante tem de fazer para expressar um mesmo estado de coisas.

⁴⁴ 100% ou 0% de ocorrência.

pressuposto que a estrutura linguística é um reflexo dos processos sociais, e é fortemente influenciada por eles. As variantes linguísticas são, portanto, vários modos de exprimir um mesmo significado referencial. Segundo Labov (1978), como se pode saber se alguém fala como um homem da cidade se não há quem postule que existem formas linguísticas urbanas e formas rurais que significam a mesma coisa?

Assim, Labov (1978) introduz conceitos caros à Sociolinguística – as noções de variantes e variáveis. Como mencionado, para Labov, variantes são duas formas com o mesmo valor de verdade que se referem ao mesmo estado de coisas. De um ponto de vista metodológico, Mollica (2012, p. 10-11) explica que variantes são “formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”. São dependentes porque seu comportamento é controlado por grupos de fatores, como, por exemplo, fatores sociais (idade, sexo, escolaridade), semânticos (animacidade, graus de agentividade), pragmático-discursivos (informatividade, contexto discursivo) etc.

As variantes emergem, segundo o sociolinguista americano, em situações naturais de uso da língua, e o melhor meio para a coleta de dados é por intermédio de entrevistas sociolinguísticas, em que há interação entre um observador e o falante. Nessas entrevistas, o pesquisador pode capturar dados naturais, ou, nas palavras do autor, o vernáculo. Para Labov (1972a, 1983), o vernáculo é a melhor opção, pois é o estilo no qual o falante monitora menos seu discurso e é caracterizado por ser mais inconsciente, sem reflexão sobre o “como se diz”. Nesse cenário, um problema que se impõe é o chamado “Paradoxo do observador”, a partir da seguinte indagação: como coletar amostras de fala natural numa situação não natural? Labov (1972a, 1983), então, sugere que o falante seja exposto a situações de narração de experiência pessoal, pois se envolverá a ponto de dar pouca atenção à forma. Labov também explica que, em entrevistas sociolinguísticas, deve-se evitar a palavra “língua”, para não comprometer ainda mais a qualidade do vernáculo coletado. Outra alternativa para minimizar o paradoxo do observador é sugerida por Tavares (2003) – considerar, para análise quantitativa, apenas o período final da entrevista, momento em que, segundo a autora, o informante está mais à vontade com a presença do entrevistador-pesquisador.

Uma vez coletados os dados no vernáculo, o pesquisador precisa verificar quais fatores ou contextos determinam o comportamento das variantes. Tais fatores são chamados de variáveis independentes, e podem ser estruturais ou sociais. Ou seja, há motivações para a ocorrência de determinados itens na língua. Dessa maneira, introduz-se o importante postulado de que a variação linguística não é aleatória, e é possível verificar sua sistematicidade. Grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos atuam, controlando

determinadas ocorrências na língua e estabelecem as condições para que a variação/mudança possa ocorrer em determinadas estruturas.

Este trabalho considera a variação que existe quanto à posição das orações temporais em relação às suas nucleares, pois, como visto antes, ora se apresentam antepostas ao seu núcleo, ora se apresentam intercaladas, e ora se apresentam pospostas, mantendo, ainda, o mesmo valor de verdade. A ordenação das orações é, portanto, um fenômeno variável. Assim, toma-se como princípio fundamental que a posição das orações é controlada por grupos de fatores estruturais, sociais e discursivos⁴⁵, que serão apresentados nesta seção e na seguinte, que trata do Funcionalismo linguístico⁴⁶.

Segundo Camacho (2001, p. 50), para a Sociolinguística, importa “recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico”. Entende-se dessa afirmação que há uma estreita relação entre a estrutura social e a estrutura linguística. Portanto, este trabalho considerará também os fatores extralinguísticos que condicionam a variação na posição das orações temporais.

Para ajudar a entender a ordenação das orações, importa saber se a ordem também é motivada por fatores extralinguísticos, como, por exemplo, a idade e o grau de instrução dos falantes. Labov (1966), estudando aspectos de variação sonora em New York City, comprovou que o grupo mais jovem de falantes manifestou mais a variante inovadora. Em outro estudo, dessa vez acerca da centralização de ditongos na ilha de Martha’s Vineyard, em 1972, o teórico mostrou que os falantes de mais idade conservavam as formas não centralizadas (LABOV, 1983 [1972]). O autor, então, conclui que os jovens são vanguardistas no processo da mudança linguística e que é raro encontrar um estudo que inclua a fala de jovens e velhos no qual não haja diferença observável nos resultados (LABOV, 1994). Aliados aos estudos de Labov, outras investigações também confirmaram que as pessoas de mais idade geralmente mantêm as variantes mais conservadoras (NARO, 2012), e as mais escolarizadas o fazem por influência do ensino de Gramática Tradicional (VOTRE, 2012).

⁴⁵ Os estudos clássicos em Sociolinguística, durante muito tempo, consideraram apenas fenômenos fonético-fonológicos, com motivações estruturais e sociais. Porém, pesquisas à luz da Teoria da Variação passaram a considerar também a relevância de variáveis semânticas, considerando também fatores pragmáticos e discursivos, em virtude da confirmação estatística de sua relevância (GRYNER; OMENA, 2012). Braga (2012) ressalta que são maiores as aventuras de se estudar o discurso, tendo em vista sua estrutura, características e marcas nem sempre discretas. Alguns exemplos de variáveis semântico-discursivas que podem ser estudadas são: animacidade, indeterminação, atitude epistêmica (GRYNER; OMENA, 2012), *status* informacional, coesão textual e contraste (BRAGA, 2012).

⁴⁶ As motivações estruturais e sociais, por caracterizarem melhor os estudos clássicos em Sociolinguística, serão apresentadas nesta seção. Os fatores pragmático-discursivos, por terem referencial farto nos estudos em Funcionalismo, serão apresentados na seção seguinte.

Relacionando com a questão da ordem, pode-se inferir que esses grupos de falantes teriam uma preferência por realizar as sentenças na ordem canônica tradicional Sujeito-Verbo-Complemento (SVO), colocando, portanto, as orações temporais, mais frequentemente, no final da sentença. Tais fatores também foram escolhidos tendo em vista a organização do *corpus* utilizado para a pesquisa. Como mencionado na metodologia, os dados foram organizados de acordo com as variáveis sexo, escolaridade e idade. Por entender que a variável sexo não exerce influência sobre o fenômeno, por não ser mencionada em trabalhos anteriores, preferiu-se utilizar apenas as demais, embora haja equilíbrio no número de informantes, ou seja, dois homens e duas mulheres.

No que se refere aos fatores estruturais, considerar-se-á, para este estudo, que presença/ausência de conectivo, paralelismo e extensão da temporal podem motivar padrões de ordenação. Galán Rodríguez (2005) e Pereira (2004, 2005) atestam a relevância da presença/ausência de conectivo na ordem de orações. Segundo os autores, as orações reduzidas, aquelas que não apresentam conectivo, como em (40), gozariam de maior mobilidade na sentença:

(40) (...) porque *al tomar nosotros el agua/ luego dejábamos sin agua allá abajo*.
(porque, *ao tomarmos a água*, em seguida, deixávamos sem água lá embaixo).

(ENTREVISTA 25 - ME-009-33H-97).

No que tange ao paralelismo, Scherre (1998) aponta para uma tendência de o falante seguir o mesmo padrão de ordenação, evitando alterações de ordem. Para este trabalho, de forma a delimitar melhor os limites do princípio enunciado, considerar-se-á que essa motivação se aplica dentro do mesmo subtópico discursivo. Em relação à extensão/peso do constituinte, Lessa (2012) e Paiva (2012), retomando o princípio *Peso final (end weight)* de Quirk *et alli* (1985), comprovaram que os constituintes maiores⁴⁷ situam-se no final das sentenças, como no exemplo (41), abaixo:

⁴⁷ Paiva (2012), em pesquisa sobre mobilidade de sintagmas preposicionados de valor temporal, analisa o peso dos constituintes de acordo com o critério número de palavras. A autora elabora uma escala, dividindo da seguinte maneira: 1 palavra, 2 palavras, 3 a 4 palavras, 5 a 6 palavras, e 7 a 10 palavras. Na intenção de facilitar a codificação e por entender que a autora não investiga apenas orações temporais, faz-se necessário resumir sua escala e considerar temporal curta quando tiver entre 1 e 4 palavras; e longa, quando possuir mais de 5 palavras. Dessa forma, considera-se que os três primeiros grupos elencados pela autora se referem a termos curtos; e os dois últimos grupos, a termos mais longos.

(41) (...) y yo también estaba empezando a trabajar en Banca Cremi/ **cuando sucedió eso del flamazo [en San Juanico]**. (e eu também estava começando a trabalhar em Banca Cremi **quando aconteceu isso do incêndio [em San Juanico]**).

(ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97).

Além do mapeamento dos grupos de fatores que motivam as mudanças, Weinreich; Labov; Herzog (2006) apontam outros problemas que devem ser observados pelo sociolinguista, a saber: o problema da transição, o do encaixamento, o da avaliação e o da implementação. O problema da transição consiste na observação de estágios entre duas formas de uma língua em uma comunidade linguística em épocas diferentes, ou seja, analisar a história de uma língua. Em segundo lugar, o problema do encaixamento tenta dar conta do encaixamento da mudança em seu contexto linguístico e extralinguístico, ou seja, na estrutura linguística e na estrutura social. Há também o problema da avaliação, que tenta entender como os efeitos da mudança agem sobre a eficiência comunicativa e como são avaliados pelos falantes. Por fim, a questão da implementação surge como resposta à indagação “por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 37).

Dentre esses problemas, vale destacar a questão da avaliação subjetiva, que, para Labov (1983 [1972]), é demonstrada após a aplicação de princípios empíricos e pode demonstrar que essas “opiniões” são uniformes ao longo da comunidade linguística e que elas nem sempre estão acessíveis ao nível da consciência. A partir da avaliação que os falantes fazem das formas linguísticas, constroem-se indicadores, marcadores e estereótipos. Os indicadores são aqueles traços envoltos de diferença social, mas sem motivações de caráter estilístico, sem forte poder avaliativo⁴⁸. Os marcadores, diagnosticados em testes de avaliação subjetiva, apresentam motivação estilística e social, e uso inconsciente por parte dos falantes⁴⁹. Já os estereótipos são formas socialmente marcadas, “o que pode conduzir à mudança linguística rápida e à extinção da forma estigmatizada” (COELHO; GORSKI;

⁴⁸ Como, “por exemplo, a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ no português falado atual, em palavras como peixe/peixe, feijão/feijão, couve/couve, couro/couro – isenta de valor social e estilístico” (COELHO; GORSKI; MAY; SOUZA, 2010, p. 34).

⁴⁹ Como, por exemplo, a alternância *tu* e *você* em registros formais e informais, sem necessariamente apresentar estigmatização (Cf. COELHO; GORSKI; MAY; SOUZA, 2010, p. 34).

MAY; SOUZA, 2010, p. 33)⁵⁰. Diferentes formas podem assumir graus diferentes de prestígio/estigmatização dependendo do grupo que as avalie.

Assim, a avaliação por parte dos falantes está intimamente relacionada ao processo da mudança. Weinreich; Labov; Herzog (2006) sintetizam esse mecanismo explicando que se inicia quando um dos traços de variação se difunde em um subgrupo de uma comunidade, adquirindo significância social. Em seguida, há o encaixe da mudança no sistema e sua generalização, não instantânea, a outros elementos do mesmo sistema. Logo após, o nível de consciência social sobre a inovação aumenta e pode se estabelecer um estereótipo. Por fim, a mudança se consolida quando a variante vira uma constante, perdendo a significância social⁵¹ que antes possuía, e passa a ser avaliada de maneira diferente pelos falantes.

Como visto, a mudança linguística, segundo Labov (1972a), é um processo que se dá quando determinado item apenas variava em realizações individuais, mas passa a ser adotado por toda a comunidade de fala⁵². Toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação acarreta em mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), pois há itens que podem adquirir um *status* de variação estável, ou seja, a variação pode ser observada em longos períodos sem que haja mudança.

Para se estudar a mudança em progresso, Labov (1994) propõe duas abordagens: rastrear a mudança em tempo aparente e observar a mudança em tempo real. A primeira funciona como um prognóstico que pode prever determinadas ocorrências no futuro, considerando-se a idade dos falantes, ou seja, nas palavras do autor: verificar “a distribuição das variáveis linguísticas entre os diferentes níveis etários” (LABOV, 1994, p 45-46). No segundo caso, estudar a mudança em tempo real significa coletar amostras representativas de uma comunidade e, tempos depois, observar as diferenças, realizando novas entrevistas, para, de acordo com Labov (1994), verificar a confiabilidade das habilidades de observação do pesquisador.

⁵⁰ Como, por exemplo, temos “o fonema /l/ de encontros consonantais pronunciado como /r/, como em “**cr**aro, **Cr**áudia” – forma associada a variedades rurais e/ou pouco escolarizadas (...)” (COELHO; GÖRSKI; MAY; SOUZA, 2010, p. 33, grifos dos autores).

⁵¹ A nova forma ganha mais prestígio quando a mudança se consolida, porém, pode acontecer de, em algumas situações, a forma antiga continuar com sua forte significância. Consideremos o uso de *vós* e *você* em discursos religiosos: a primeira forma, mais antiga, ainda tem *status* de prestígio em textos religiosos, por exemplo. Outro exemplo, a mesóclise, em detrimento às outras alternativas de colocação pronominal, ainda goza de certo prestígio em textos acadêmicos, por exemplo. Labov (1983 [1972], p. 380) explica que “a noção de “prestígio” pode ser definida nos termos e nas situações em que as pessoas a utilizam”.

⁵² Segundo Labov (1983 [1972], p. 312, nota 40), uma comunidade linguística se define “como um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais em relação à linguagem”, e mais, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto de estruturas normativas mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada em seu discurso real” (LABOV, 1983 [1972], p. 246).

Falar de mudança em tempo aparente significa, antes, comentar a questão da estabilidade. De acordo com Naro (2012, p. 44), uma hipótese clássica aceita por boa parte dos linguistas, sejam gerativistas ou sociolinguistas, é a de que “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável” e mais, segundo acrescenta Labov (2003, p. 247), o sistema linguístico mais consistente de uma comunidade de fala é o do vernáculo básico aprendido antes da puberdade”. Sendo assim, a fala dos mais velhos hoje é reflexo da língua de anos atrás. Portanto, a partir dessa hipótese, previsões podem ser feitas para mapear estágios de mudança na língua daqui a alguns anos. Para respaldar esses estudos sobre a história das variantes, Labov (1994) pauta-se no princípio do uniformitarismo, isto é, os mecanismos que operaram produzindo mudanças no passado continuam atuando no presente. Em suma, os mesmos grupos de fatores que agiam sobre as variantes no passado continuam atuando sobre elas. Como exemplo de estudo em tempo aparente, Naro (2012) apresenta a pesquisa de Gauchat (1905)⁵³ sobre os sons lateral palatal [ʎ] e a vogal alta [y], e o som dental [θ] e a glotal [h]. Em seu primeiro turno de observações, Gauchat percebeu que os mais jovens estavam preferindo os sons [y] e [h], em cada contexto de variação, e os mais velhos estavam utilizando as formas [ʎ] e [y], e [θ], em seus contextos de variação. Assim, o pesquisador pôde prever que os sons [ʎ] e [θ] estavam em processo de extinção e que, em breve, haveria uma substituição por [y] e [h]. Vinte e cinco anos depois, seu prognóstico, ainda que parcialmente, foi confirmado por outro pesquisador, Hermann (1929)⁵⁴. Hermann observou que o som [ʎ] havia desaparecido, mas a variação entre [y] e [h] ainda permanecia.

Outra abordagem sugerida por Labov (1994) são as observações em tempo real, que, como dito, exigem que o pesquisador volte à comunidade para observar as mudanças que realmente se efetivaram. Esses estudos podem ser do tipo *painel*, quando os mesmos falantes são entrevistados anos depois, ou do tipo *tendência*, quando o pesquisador necessita reconstruir uma segunda amostra representativa da comunidade, para compará-la a dados anteriores. Labov (1994) explica que estudos do tipo *painel* são caros, e poucas agências se interessariam em financiá-los; mais econômico seria um estudo do tipo *tendência*, porém também é difícil encontrar pesquisadores ainda interessados nos mesmos problemas de 5, 10, ou 20 anos atrás, ou em querer resolvê-los da mesma maneira. O estudo em tempo real pressupõe a verificação de como as mudanças individuais se processam ou não no indivíduo,

⁵³ GAUCHAT, Louis. L'unité phonétique dans le patois d'une commune. In: HEINRICH MORT, Festschrift. **Aus romanischen Sprachen und Literaturen**. Halle: Max Niemeyer, 1905, p. 175-232.

⁵⁴ HERMANN, Eduard. **Lautveränderungen in der Individualsprache einer Mundart**. Nachrichten der Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, Philosophisch-historische Klasse. [S.I.]: [s.n.], 1929.

ou de como elas ocorrem ou não na comunidade. Assim, Labov (1994) observa quatro padrões que podem ser verificados no indivíduo e na comunidade:

Quadro 5 – Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

	Indivíduo	Comunidade
Estabilidade	Estável	Estável
Gradação Etária	Instável	Estável
Mudança Geracional	Estável	Instável
Mudança Comunitária	Instável	Instável

Fonte: Labov (1994, p. 83, grifos nossos).

Conforme aponta Labov (1994), na situação de estabilidade, o comportamento do indivíduo é estável ao longo de sua vida e a comunidade permanece no mesmo nível, não havendo variação a analisar. Na situação de gradação etária, o comportamento linguístico dos falantes muda, porém os padrões da comunidade como um todo não se alteram. A situação de mudança geracional se observa quando, por exemplo, são observados nos indivíduos variantes com frequência regular, que não se altera ao longo de suas vidas, porém aumentos regulares nas frequências de utilização das variantes pelos indivíduos, muitas vezes incrementados por gerações, levam a uma situação de mudança na comunidade. Por fim, a situação de Mudança Comunitária se dá quando todos os membros de uma comunidade alteram suas frequências de uso de variantes ou adquirem novas formas simultaneamente. Para Labov (1994), a Mudança Comunitária estaria para os âmbitos lexical e sintático assim como a Mudança Geracional para a os níveis sonoro e morfológico.

Em resumo, os estudos em tempo aparente e em tempo real acrescentam dimensões históricas à investigação linguística (TARALO, 2005). Como vimos, para proceder a um estudo em tempo aparente, basta, para tal, relacionar regra variável e faixa etária. Se a variante inovadora for frequente entre os jovens, e a conservadora entre os mais velhos, flagra-se aí uma situação de mudança em progresso. Por exemplo, se este estudo sobre a ordenação das temporais detectar que as variantes inovadoras, a anteposição e/ou a intercalação⁵⁵, estejam sendo utilizadas frequentemente pelos mais jovens, e, passando pelas demais faixas etárias, houver um decréscimo em sua frequência, flagrar-se-á uma situação de mudança em progresso. Detectada a mudança em tempo aparente, faz-se necessário proceder ao encaixamento histórico da variante no tempo real, ou seja, verificar, em *corpora* mais antigos, as posições das temporais em relação às suas nucleares, relacionando-as, novamente, às faixas etárias.

⁵⁵ Considera-se a anteposição e a intercalação como variantes inovadoras, pois as gramáticas (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781; NEBRIJA, 1492) sugerem que a ordem mais canônica é a posposição.

Sintetizando a proposta, Weinreich; Labov; Herzog (2006, p. 125-126) apresentam os princípios gerais para o estudo da mudança, a saber:

- A variação, que ocasiona a mudança linguística, não é identificada como tendo um comportamento aleatório;
- Não se deve associar homogeneidade e estrutura linguística;
- Nem sempre variabilidade e heterogeneidade implicam em mudança, mas toda mudança é reflexo de variabilidade e heterogeneidade;
- A generalização da mudança não é instantânea nem uniforme;
- A mudança linguística deve ser relacionada a comunidades de fala, e não a idioletos⁵⁶ isolados;
- A mudança se espalha pela comunidade como um todo, e não a etapas discretas no seio familiar;
- A mudança linguística está intimamente inter-relacionada à atuação de grupos de fatores linguísticos e sociais.

Enfim, a proposta de Labov de sistematizar a variação coloca a questão dos meios alternativos de dizer uma mesma coisa como motivada por uma gama de fatores, atuando no sentido de diminuir a avaliação negativa por parte de alguns falantes sobre determinadas variantes consideradas estereotipadas. Considerar o social como motivação para o comportamento das formas da língua e estabelecer metodologia eficaz para mapear o comportamento da variação foram as grandes contribuições do linguista americano.

Uma vez expostos os princípios da Sociolinguística Variacionista, vejamos, a seguir, a apresentação dos postulados do Funcionalismo linguístico, outra corrente teórica que será utilizada para trazer contribuições para a análise da ordem das temporais.

4.1.2 Funcionalismo linguístico

O Funcionalismo linguístico é uma corrente teórica que reúne um conjunto de estudiosos que consideram a língua como instrumento de interação social e compartilham a ideia de uma gramática motivada pelas pressões do uso (NEVES, 2004). Por sua propagação

⁵⁶ Dialeto de um indivíduo (COELHO; GÖRSKI; MAY; SOUZA, 2010, p. 164).

em diversos países, e em cada lugar, uma maneira de construir uma gramática baseada em usos, pode-se falar em funcionalismos.

De maneira geral, caracterizam a abordagem funcionalista a investigação de como os falantes de uma língua conseguem comunicar-se eficientemente e o rechaço ao princípio de autonomia da Sintaxe. As abordagens funcionalistas têm como foco a competência comunicativa dos falantes, que vai muito além do abstracionismo de se estudar apenas a competência linguística: estudar a competência comunicativa é ter em conta as capacidades linguística, epistêmica, lógica, perceptual e social. Para Neves (2004, p. 2), estudar a competência comunicativa “implica considerar as estruturas das expressões como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração”. Assim, segundo a autora, sendo a língua um sistema não-autônomo, não pode ser descrita sem referência a parâmetros como processamento mental e cognição, interação social, variação e mudança, evolução e aquisição.

Por considerar uma corrente que se denomina Funcionalismo, a primeira noção que deve ser bem definida é a noção de função; por isso, apresenta-se o apanhado feito por Neves (2004, p. 5-14) do que se entende por função nessa linha teórica:

1) Para Martinet (1994), função pode ser entendida como “papel”, ou “utilidade de um objeto ou de um comportamento”; como “papel de um termo em uma sentença”; ou como o valor matemático de “grandeza dependente de outra”⁵⁷ (NEVES, 2004, p. 5);

2) Garvin (1978) considera uma função interna (relação entre uma forma e outra), função semântica (relação entre uma forma e seu significado) e função externa (relação entre o sistema de formas e seu contexto);

3) De acordo com Nichols (1984), função pode ter cinco sentidos distintos: função/interdependência, função/propósito, função/contexto, função/relação e função/significado;

4) Danes (1987), retomando o conceito de “função” e “funcional” para os membros da Escola Linguística de Praga, comenta que os conceitos são pouco definidos, são aplicados a vários fenômenos e domínios, são vistos de maneiras diferentes por autores distintos, são usados em sentido vago, e não são os únicos utilizados para sustentar uma abordagem funcionalista. De um modo geral, os membros da escola de Praga entendem função como tarefas ou propósitos da linguagem;

⁵⁷ Segundo a autora, considerar o sentido matemático de *função* em Linguística é muito perigoso, porque nem sempre um elemento do domínio tem apenas um referente no contradomínio. *Função* deveria ser entendida como o que se entende por *relações* na Matemática.

5) Halliday (1973)⁵⁸ entende função como “o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos” (*apud* NEVES, 2004, p. 8) e distingue uma função ideacional, uma interpessoal e uma textual;

6) Bühler (s/d) mostra que a linguagem tem função de representação, exteriorização psíquica e apelo;

7) Mathesius (1923) distingue *função de representação e função comunicativa*;

8) Jakobson (1969) fala de função ligada a um dos fatores no momento da comunicação – função referencial (relacionada ao contexto), função emotiva (ao remetente), função conativa (ao destinatário), função fática (ao contato), função metalinguística (ao código) e função poética (à mensagem).

Por meio desse apanhado, percebe-se que a visão de *função* para o Funcionalismo é variada e depende de cada autor, mas todos entendem, de uma maneira geral, função como o valor de “papel” ou “relação”.

Relacionando estrutura linguística e função, Neves (2006) explica que

estruturas linguísticas são (...) configurações de funções, as diferentes funções são os diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários da língua. Nessa concepção, funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da linguagem (NEVES, 2006, p. 18).

No que se refere à sistematicidade e à funcionalidade na língua, as diversas versões funcionalistas dividem-se, segundo Neves (2004, p. 21) entre as que “afirmam a completa assistematicidade dos fatos da língua” (funcionalismo extremado) e os que se situam em “uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou apenas da instrumentalidade do uso da língua” (funcionalismo moderado). A gramática funcional também tem suas formalizações, mas, como sugere a autora, a língua não pode ser explicada completamente sem referência aos participantes e a seus papéis e estatutos na situação de comunicação.

Outro conceito que define as abordagens funcionalistas é a concepção de que os componentes sintático, semântico e pragmático estão integrados, sendo a pragmática o domínio maior dentro do qual podem ser inseridas a sintaxe e a semântica, forçando/motivando a codificação linguística.

Se a língua não pode ser vista como um sistema autônomo, devem, portanto, ser investigadas as motivações para determinadas ocorrências. Para manter o equilíbrio do

⁵⁸ HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the Functions of Language*. In: B. BERNSTEIN. (ed.) *Class, Codes and Control*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1973, p. 343-366.

sistema, forças internas e externas agem sobre ele, competindo entre si, configurando-se em um conflito de motivações. Nesse conflito, um princípio pode determinar um comportamento linguístico, mas outro pode agir no sentido contrário (DU BOIS, 1985). Esse conflito permanece até que uma das forças vence e se torna a principal motivação para um fenômeno linguístico.

No interior do Funcionalismo, destacam-se o Funcionalismo praguense, desenvolvido pelos membros do Círculo Linguístico de Praga – Jakobson, Mathesius, Trubetzkoy etc; o Funcionalismo inglês, na figura de Halliday; o Funcionalismo norte-americano, com Hopper e Thompson, Givón etc⁵⁹; e o Funcionalismo holandês, com Dik, Hengeveld, entre outros. Cada um dos autores apresenta seus pressupostos na concepção de uma linguística funcional.

Segundo a Escola de Praga, entende-se a língua como um sistema funcional, conferindo aos termos *função* e *funcional*, em alguns casos, acepções teleológicas de meio, fim, instrumento; e, em outros, são relacionados às noções de distintividade e expressividade. Põem-se em destaque as funções linguísticas, considerando necessidades de comunicação e expressão. Também são postas em relevo as noções de perspectiva funcional da sentença e dinamismo comunicativo, que serão explicadas adiante. No Funcionalismo inglês, destacam-se os estudos de Halliday (1985), que atribui natureza funcional à sua gramática, tendo em vista o uso da língua, seus componentes de significado, e a função de cada elemento linguístico no sistema. O autor, influenciado pelo Funcionalismo de Praga, também considera a distribuição da informação na frase, adotando os conceitos de Tema e Rema. Seus postulados também serão retomados ainda nesta seção. Quanto ao Funcionalismo norte-americano, mesmo não sendo conhecido por formular modelos teóricos ou uma teoria mais geral, destacam-se análises que são consideradas de extrema relevância no interior do Funcionalismo. Atribui-se destaque às considerações de Hopper e Thompson (1980), que entendiam transitividade como uma propriedade da sentença, e a noção de relevo discursivo, na distinção figura e fundo; e Givón (2001), com os conceitos de iconicidade e marcação. O Funcionalismo norte-americano também é conhecido por seu foco nos estudos em gramaticalização. No interior do Funcionalismo holandês, destacam-se Dik (1989, 1997) e Hengeveld; Mackenzie (2008), com a proposição de modelos formalizados de gramática funcional. No primeiro, considera-se a descrição linguística a partir de referências ao falante e ao destinatário, considerando seus papéis e estatutos na interação; e a proposta do segundo

⁵⁹ Há também uma vertente do Funcionalismo norte-americano chamada Funcionalismo da Costa Oeste Norte-americana (WCF), que tem como pesquisadores fundadores William Mann, Sandra Thompson, dentre outros.

contribui na estruturação de um modelo formalizado com intenção de expansão para uma gramática funcional do discurso a partir da gramática da frase (NOGUEIRA, 2006).

Neste trabalho, serão consideradas as propostas do Funcionalismo norte-americano, cujos postulados serão apresentados no decorrer desta seção. Optou-se por essa vertente do Funcionalismo em virtude de sua referência constante nos trabalhos ligados ao Sociofuncionalismo, articulação teórica que guiará este estudo. Também serão considerados os postulados do Círculo Linguístico de Praga e de Halliday (1985) quanto ao estatuto informacional de itens, um dos grupos de fatores escolhidos nesta análise. Apresentam-se, portanto, com mais detalhes, as propostas teóricas que guiarão este trabalho e de que forma elas se aplicam na descrição da posição das temporais em relação à nuclear.

No Círculo Linguístico de Praga, a frase é entendida como uma unidade comunicativa, veículo de informações. Se assim o é, ela é portadora de um dinamismo comunicativo, e o linguista deve dedicar atenção à sua perspectiva funcional, isto significa observar a frase e sua organização do ponto de vista de como a informação foi organizada. A frase, então, pode ser analisada também no nível comunicativo. Sendo assim, há elementos mais informativos e outros menos informativos. Nessa perspectiva, o elemento estático, chamado *tema*, é apresentado antes do elemento chamado *rema*, portador de maior carga informativa. Por isso, a ordem de palavras, fenômeno em análise neste estudo, tem crucial importância para a eficácia da comunicação. Alterações de ordem são reflexo de motivações pragmáticas, que controlam anteposição, intercalação e/ou posposição de itens. No caso deste estudo, admite-se que a expressão de tempo, codificada por orações adverbiais temporais, em três posições distintas em relação à nuclear tem também motivações discursivo-pragmáticas, como estatuto informacional de seus constituintes, relevo discursivo, iconicidade etc.

A Escola de Praga exerceu forte influência sobre Halliday (1985), que propõe uma gramática sistêmico-funcional, também inspirado no Funcionalismo etnográfico e contextualismo de Malinowski, na teoria sistêmica de John Rupert Firth e na linguística de tradição etnográfica desenvolvida por Boas-Sapir-Whorf (NEVES, 1997). É funcional, pois considera a língua como uma ferramenta comunicativa; e é sistêmica, porque trabalha com a ideia de significado como escolha, ou seja, a linguagem como um sistema de opções disponíveis ao falante no momento da enunciação.

O autor também explica que a linguagem é o meio pelo qual a experiência humana adquire sentido e serve, também, para a atuação nas relações interpessoais. Em sequência, postula metafunções: a ideacional, por entender que a linguagem constrói a experiência humana; a interpessoal, por colocar a linguagem como parte importante das

relações pessoais e sociais; e a textual, como função instrumental em relação às anteriores, por ser capaz de construir sequências do discurso, organizar o fluxo discursivo e criar coesão e continuidade ao longo de sua trajetória.

No nível da sentença, o teórico entende que, por servir a propósitos comunicativos e por ser capaz de organizar o fluxo discursivo, a cláusula é entendida como mensagem e é organizada como tal. Influenciado pelos estudos praguenses, Halliday (1985) adota o termo *tema* para nomear o elemento que serve como ponto de partida da mensagem, localizando e orientando a cláusula dentro de seu contexto; e o termo *rema* para nomear o restante da mensagem, a parte em que o tema é desenvolvido.

Halliday (1985) segue mostrando que a gramática gerencia o fluir do discurso por meios estruturais, e há dois sistemas relacionados com esse gerenciamento: o sistema da cláusula, que se compõe de tema + rema; e o sistema de informação, que não é da cláusula, por ser separado da unidade gramatical, chamado de unidade de informação. A unidade de informação não corresponde exatamente a outra unidade da gramática. O termo *informação* é usado no sentido técnico, gramatical, é a tensão entre o que já é conhecido ou previsível e o que é novo ou imprevisível. Dessa maneira, a unidade de informação é uma estrutura composta por duas funções: o *new* (novo) e o *given* (dado). Cada unidade de informação consiste de um elemento dado acompanhado por um elemento novo. O elemento dado é fórico, refere-se a algo já presente no contexto verbal ou não verbal, e pode se manifestar através de elipse. O dado, em geral, precede o novo, que tem mais saliência. Aplicando a proposta de Halliday (1985) a esta pesquisa, a ordem das orações pode ser explicada como uma estratégia do falante para orientar o ouvinte acerca do fluxo informacional. Portanto, espera-se que as orações temporais que codifiquem referentes novos sejam pospostas à nuclear, em posição remática. Da mesma maneira, a anteposição pode estar relacionada à apresentação de sujeitos dados.

Givón (2001) explica que a gramática, como um sistema baseado biologicamente, é motivada e não-arbitrária. Sendo assim, a estrutura das sentenças reflete, de alguma maneira, a estrutura da experiência, ou seja, há uma relação de iconicidade. Para fundamentar sua tese, o autor postula alguns “princípios de iconicidade”, os quais se referem a regras de entonação, de espaçamento, de sequência e de quantidade. A partir dos princípios de iconicidade, especialmente o sub-princípio de ordem de ocorrência e ordem reportada, podem-se extrair importantes observações acerca da ordenação de orações em uma sequência. Para Givón (2001), a ordem temporal em que os eventos ocorrem será refletida na apresentação/narração dos eventos. Aplicando os princípios de iconicidade ao comportamento

das temporais, infere-se que a ordenação (anteposição, intercalação e posposição) é influenciada pela relação temporal (anterioridade, simultaneidade, posterioridade) que se estabelece entre os fatos narrados na temporal e na nuclear. Sendo assim, é provável que a intercalação de uma oração, por exemplo, possa ser explicada pela narração de um fato simultâneo ao apresentado na oração principal, como se pode ver no exemplo (42), abaixo:

(42) (...) *yo también **cuando la conocí**/ pensé que era más joven.* ((...) *eu também, **quando a conheci**, pensei que era mais jovem*).

(ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00).

De maneira semelhante, de acordo com o princípio proposto por Givón, as orações antepostas indicariam relação de anterioridade temporal; e a posposta, relação de posterioridade, como se verá nos exemplos (43) e (44), respectivamente:

(43) (...) ***cuando llegamos a la esquina**/ se atravesó un coche.* ((...) ***quando chegamos à esquina**/ um carro atravessou*).

(ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99).

(44) (...) *entonces va marcando así con números en la computadora/ cuál es la resistencia/ **hasta que se revienta**.* ((...) *então vai marcando assim com números no computador/ qual é a resistência/ **até que se quebra***).

(ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99).

Givón (1995) revela também que as informações mais importantes e mais urgentes vêm em primeiro lugar. É possível, então, que a anteposição seja explicada por uma maior importância em expressar o tempo em que se deram os fatos narrados.

O autor, influenciado pelos linguistas da Escola de Praga, também trata do conceito de marcação, que pressupõe uma noção de complexidade formal, sendo que itens mais marcados são estruturalmente mais complexos, e os menos marcados são mais simples (GIVÓN, 1995, p. 25), distribuindo-se de acordo com os critérios abaixo:

a) Complexidade estrutural: como a estrutura marcada é mais complexa, ela tende a ser maior que a não-marcada correspondente;

- b) Distribuição de frequência: por ser mais complexa, a estrutura marcada tem uma tendência de ser menos frequente do que a não-marcada;
- c) Complexidade cognitiva: em virtude de sua complexidade, a estrutura marcada também tende a ser cognitivamente mais complexa do que a sua correspondente não-marcada. Segundo Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta (2003, p. 34), “incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento”.

Givón (1995) alerta que o contexto é fator determinante no fenômeno da marcação. Dessa maneira, uma estrutura pode ser marcada em um contexto, mas não sê-lo em outro. A título de exemplo, em relação às temporais, estudos mostram que a temporal anteposta é mais marcada na escrita, e menos marcada na fala (GÖRSKI, 2000; PAIVA, 2008). Em outras palavras, a anteposição da temporal é mais frequente na fala, mas na escrita, as temporais se apresentam geralmente pospostas à nuclear.

Hopper; Thompson (1980) dissertam acerca das noções de transitividade e relevo discursivo. Os autores mostram que, na abordagem tradicional, a transitividade era entendida como a transferência de uma ação de um agente para um paciente. Os teóricos, então, propõem que se trate a questão da transitividade de um modo escalar, em graus. Assim, estabelecem 10 parâmetros a partir dos quais a transitividade pode ser analisada. De acordo com o número de parâmetros que determinada cláusula contenha, ela pode ser definida como portadora de transitividade alta ou baixa. Os traços podem ser visualizados no quadro abaixo:

Quadro 6 – Parâmetros de transitividade

	Alta	Baixa
1. Participantes	2 ou mais	Um
2. Cinese	Ação	Não-ação
3. Aspecto do verbo	Télico	Atélico
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Não-pontual
5. Volitividade do sujeito	Volitivo	Não-volitivo
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	<i>Realis</i>	<i>Irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	Mais agentivo	Menos agentivo
9. Afetamento do objeto	Totalmente afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Altamente individuado	Não-individuado

Fonte: Adaptado de Hopper; Thompson (1980).

Cláusulas que apresentem dois ou mais participantes; verbos de ação, pontuais e indicativos de transferência completa; sujeitos mais agentivos, que têm controle sobre a ação;

orações afirmativas; expressão de modalidade realis; objeto totalmente afetado e individuado são indicadoras de alta transitividade. O conceito da transitividade se relaciona fortemente com outro, também enunciado pelos autores, o relevo discursivo.

Hopper e Thompson (1980) também discutem sobre o conceito de relevo discursivo, com a distinção entre figura e fundo, conceito apresentado pela Psicologia (Gestalt). Para os funcionalistas, o falante distingue informações centrais e periféricas na apresentação de narrativas. Funcionam como figura as cláusulas com maior número de parâmetros de transitividade, por serem as mais importantes para o desenvolvimento da narrativa. Para identificar o cenário e apresentar outras ações simultâneas às principais, apresentam-se as cláusulas do tipo fundo.

Silveira (1997) amplia as noções de figura e fundo e propõe uma hierarquia de figuricidade, em categorias que vão de figura a variados tipos de fundo, divididas em seis tipos:

- Categoria I: é a figura prototípica;
- Categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens;
- Categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- Categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas);
- Categorias V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas);
- Categorias VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Chedier (2007, p. 49-50) resolve simplificar as seis categorias de Silveira em apenas três. Ela mantém a categoria I, classificando-a como figura; às categorias II e III, classifica-as Fundo 1; e às categorias IV, V e VI, chama de Fundo 2. Em suma, as categorias da autora ficam assim definidas:

- **Figura:** apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfosintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas;
- **Fundo 1:** apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresenta ou resume o que vai ser relatado; apresenta o cenário e os participantes; e apresenta a fala dos personagens. Também podem-se encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);
- **Fundo 2:** contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, opiniões, dúvidas, conclusões.

Souza (2006) recorre a critérios sintático-semânticos para delimitar primeiro plano e plano de fundo. A autora explica que a temporal pode adquirir um caráter atípico funcionando como primeiro plano, e a sua respectiva nuclear torna-se cenário para o evento descrito na temporal, e apresenta os exemplos, retomados em (45) e (46), abaixo, com grifos da autora:

(45) “... O coronel Figueiredo, depois de 1964, estava dirigindo a agência carioca do SNI **quando** se preparou o dossiê de cassação do ex-presidente”.

(46) “Nando ainda lutava com o fim da carta **quando** entrou Fontoura e mais os curumins serviçais do Posto, Cajabi e Pionim. Vinham orgulhosos”.

A autora explica que, nos exemplos, a nuclear tem as seguintes características aspectuais⁶⁰ [+durativo], [+contínuo], [-limitado], [-acabado], e a temporal é marcada por

⁶⁰ Conduzimos as leituras relacionadas a aspecto verbal a Comrie (1981), por fugir aos objetivos deste trabalho.

perfectividade e pelas marcas [+pontual], [+acabado], [+completo]. Os eventos apresentam um ponto de intersecção temporal simultâneo, porém o evento iniciado na temporal é posterior ao início do evento apresentado na nuclear. Souza (2006) prossegue afirmando que o aspecto imperfectivo da nuclear e o perfectivo da temporal elevam a temporal a um *status* de primeiro plano, indicando a sequência narrativa. Percebe-se também que o enunciado carece de sentido quando se remove a adverbial temporal.

Os exemplos (47) e (48) ilustram o exposto. No enunciado (47), o verbo na nuclear tem aspecto imperfectivo; e o da temporal, perfectivo. A temporal marca o início de um novo evento, indicando a sequência narrativa. Em (48), a adverbial apenas situa no tempo o evento narrado na nuclear.

(47) (...) *yo ya estaba listo para salir cuando// **cuando**// se vino el terremoto.* ((...)
*eu já estava pronto para sair quando// **quando**// veio o terremoto).*

(ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

(48) (...) *es que aquí <~aquí:> da clases una <~una:>/ persona que <~que:>/ que yo conocí/ **cuando estudiaba arquitectura.*** ((...) *é que aqui dá aulas uma pessoa que eu conheci **quando estudava arquitetura.***

(ENTREVISTA 61 – ME-144-23H-01).

Decat (2001) argumenta que cláusulas adverbiais podem servir a diversas funções discursivas, entre as quais: fundo/moldura, adendo/ressalva, avaliação, guia, ponte de transição, tópico, funções que, segundo a autora, determinam sua posição em relação à nuclear. A cláusula é **fundo/moldura** quando transmite informação necessária à compreensão do relatado na nuclear, e é geralmente posposta. A cláusula também pode ser **adendo/ressalva** quando houver a necessidade de realçar algum item ou retificar alguma informação, ou pode expressar **avaliação** por parte do falante, ambas as funções serão expressas com cláusulas, em geral, pospostas. A adverbial também pode ser **guia** se chamar a atenção para o que será relatado e, por isso, costuma se antepor à nuclear. Também pode acontecer de a cláusula funcionar como uma **ponte de transição**, em que é guia, pois aponta para o discurso que virá, e também retoma anaforicamente uma porção anterior do discurso. Por fim, também pode funcionar como **tópico**, antepondo-se, apresentando o “ponto de partida para a estruturação da informação” (DECAT, 2001, p. 159). O que se pode perceber é que uma ocorrência de temporal pode manifestar mais de uma função, como, por exemplo,

ponte de transição e **guia**, o que dificultaria a codificação dos dados. Por isso, as funções de **ponte de transição** e **tópico** foram descartadas. Assim, optou-se pelas seguintes funções, reclassificando-as:

- Fundo cênico: guia e moldura. Circunstanciam temporalmente os eventos narrados na oração principal;
- Fundo avaliativo: adendo, ressalva, avaliação, restrição. Expressam posição do falante em relação ao fato expresso na nuclear, adicionando informações, retificando-as ou expressando um juízo de valor;

Dessa maneira, considerando as propostas de Silveira (1997), Chedier (2007), Souza (2006) e Decat (2001), propõem-se, neste trabalho, as seguintes categorias para dividir as temporais:

- Figura – temporal atípica⁶¹: São as temporais que têm características semelhantes às nucleares tradicionais, marcadas por eventos pontuais, acabados, completos. A temporal com essas características marca o início de um novo evento, e indica a sequência narrativa. Um critério formal para identificá-las seria o princípio de remoção de temporal, em que a oração complexa careceria de sentido se a temporal fosse removida.
- Fundo cênico: Temporal típica, termo acessório que situa temporalmente os eventos narrados na nuclear. Divide-se em guia e moldura:
 - Guia⁶²: introduz um evento/situação, e todos os outros narrados ocorrem a partir dele. Cumpre função de orientar o leitor (DECAT, 2001);
 - Moldura⁶³: introduz eventos cotemporais aos eventos narrados na principal.

⁶¹ Ex.: “(...) *yo ya estaba listo para salir cuando// cuando// se vino el terremoto*. ((...) *eu já estava pronto para sair quando veio o terremoto*)” (ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00).

⁶² Ex.: “(...) porque *yo/ cuando vine a hablar de eso// hablé de/ de/ cómo había estado en el examen de danza* (...) (porque *eu/ quando vim falar disso// falei de/ de/ como havia estado no exame de dança*)” (ENTREVISTA 42 - ME-271-21H-06).

⁶³ Ex.: “(...) *y yo también estaba empezando a trabajar en Banca Cremi/ cuando sucedió eso del flamazo [en San Juanico]*. (e *eu também estava começando a trabalhar em Banca Cremi quando aconteceu isso do incêndio [em San Juanico]*)” (ENTREVISTA 25 – ME-009-33H-97).

- Fundo avaliativo⁶⁴: Expressa posição do falante em relação ao fato expresso na nuclear, adicionando informações, retificando-as ou apresentando um juízo de valor.

Outro conceito fundamental dentro da teoria funcionalista é a concepção de gramaticalização: processo unidirecional⁶⁵ pelo qual itens lexicais e construções sintáticas, por motivações discursivo-pragmáticas, adquirem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, adquirem outras funções, ainda mais gramaticais (HOPPER e TRAUGOTT, 1993). De acordo com Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta (2003, p. 51), pode-se falar em gramaticalização *stricto sensu*, quando as formas mudam migrando do léxico para a gramática; e gramaticalização *lato sensu*, que se refere às mudanças no interior da gramática, englobando “processos sintáticos e/ou discursivos de fixação da ordem vocabular” (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 51).

Furtado da Cunha (2008, p. 173) mostra que há uma “tendência (...) que esse processo ocorra com itens ou expressões muito frequentes, o que faz com que o termo normalmente sofra desgaste fonético, perdendo, assim, expressividade”. Tal processo só é possível por estar a gramática em constante processo de construção, “emergindo” a cada nova situação de uso da língua, e suas construções são constantemente reconfiguradas de acordo com as determinações do discurso (HOPPER, 1987).

Heine *et al.* (1991) mostram que os primeiros estudos em gramaticalização são atribuídos aos chineses, no século X, por meio do estudo de símbolos linguísticos. A partir do século XVIII, os interesses na área ressurgem e seguem até o século XIX, na Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. No século XX, Meillet (1912) afirma que há duas maneiras pelas quais novas formas gramaticais surgem: por inovação analógica ou por gramaticalização, sendo este último termo definido pela “atribuição de caráter gramatical a uma palavra anteriormente independente⁶⁶” (MEILLET, 1948 [1912], p. 131). Assim, Meillet torna-se responsável pela atribuição do nome *gramaticalização* ao fenômeno em questão. Na década de 60, do mesmo século, a gramaticalização forma parte do trabalho dos Indo-europeístas Jerzy Kurylowicz e Colvert Watkins, e Benveniste. Por volta dos anos 70, o processo da gramaticalização já é entendido pelos linguistas como um dos fatores

⁶⁴ Ex.: “(...) *los médicos en el seguro// este/ la atendieron mal/ le sacaron radiografías cuando no debían.* ((...) *os médicos no seguro// este/ a atenderam mal/ tiraram radiografias dela quando não deveriam*)” (ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01).

⁶⁵ “Porque uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida” (NEVES, 2004, p. 121).

⁶⁶ “L'attribution du caractère grammaticale à un mot jadis autonome” (MEILLET, 1948 [1912], p. 131).

responsáveis pela mudança linguística. Os estudos em gramaticalização depois dos anos 70 revelaram potencial para oferecer parâmetros explanatórios para entender a gramática sincrônica (HEINE *et al.*, 1991, p. 11). Ainda na mesma década, Givón (1971, p. 413), na mesma perspectiva, afirma que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, considerando a evolução linguística cíclica, que envolve o desenvolvimento de lexemas (formas livres) e afixos (formas presas), que sofrem atrito/desgaste e, posteriormente, fusão, resultando no início de um novo ciclo.

O processo de gramaticalização não consiste apenas em transformação de material lexical em gramatical, mas também da transformação de padrões discursivos em gramaticais (NEVES, 2004). Assim, segundo Givón (1979), a passagem seria também do discurso à manifestação zero, passando pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica. Para Heine *et al.* (1991), a passagem seria de um item com estatuto lexical para um gramatical ou de um menos gramatical para outro mais gramatical.

Hopper (1991) estabelece que o processo de gramaticalização é regido por cinco princípios, a saber: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Por estratificação, Hopper entende que, em um amplo domínio funcional⁶⁷, novas camadas estão emergindo constantemente, mas as velhas camadas não são descartadas, pois continuam existindo e interagindo com as mais novas⁶⁸. No caso da divergência, quando há gramaticalização de uma forma lexical, que passa a ser clítico ou afixo, essa forma pode continuar como um organismo autônomo, sofrendo as mesmas mudanças que itens lexicais comuns. A questão da especialização envolve a possibilidade de itens se tornarem obrigatórios em determinados contextos, havendo um estreitamento nas escolhas formais. Por persistência se entende que uma forma lexical gramaticalizada continua com alguns traços ainda aderidos, havendo restrições em seu comportamento gramatical. O princípio de descategorização sugere que itens gramaticalizados apresentam uma tendência a perder ou neutralizar seus marcadores morfológicos e privilégios sintáticos, e assumir características de categorias secundárias.

Após a explanação de alguns dos conceitos do Funcionalismo e da Sociolinguística variacionista, segue-se à proposta da articulação teórica entre as duas correntes, o Sociofuncionalismo. A “conversa” entre as duas teorias pode fornecer mais

⁶⁷ Ver Givón (1995, 1984).

⁶⁸ Como se verá na seção relativa ao Sociofuncionalismo, no princípio de estratificação, as camadas de um mesmo domínio funcional se assemelham ao conceito de variável linguística, proposto por Labov (1978). A diferença é que as camadas são várias formas com uma mesma função ou uma forma com novas funções, e as variáveis são várias formas com um mesmo significado referencial.

explicações para mapear os contextos de ocorrência de temporais antepostas, intercaladas e pospostas, três formas, com o mesmo significado referencial e com a mesma quantidade de material linguístico, que a adverbial pode assumir para expressar a noção de tempo.

4.1.3 Sociofuncionalismo

Relacionando Funcionalismo e Sociolinguística, o trabalho em questão se inscreve no quadro teórico do Sociofuncionalismo, termo nascido no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), no Rio de Janeiro, resultado de um “casamento” (Cf. TAVARES, 2003) entre a Sociolinguística variacionista de Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010) e o Funcionalismo linguístico (HOPPER, 1991; HOPPER; THOMPSON, 1980; HALLIDAY, 1985; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1971, 1991, 1995, 2001). Na perspectiva sociofuncionalista, analisa-se a língua, a sua variação e os processos de mudança, considerando-se a função semântico-discursiva das variantes, e se buscam explicações de natureza funcional na análise dos dados.

A articulação entre as duas teorias pede espaço quando os sociolinguistas Weinreich; Labov; Herzog (2006) sugerem uma relação entre uma teoria da mudança com uma teoria da linguagem, o que refletiria mais diretamente na formulação/postulação de fatores motivadores e no repertório das mudanças observadas (PAIVA; DUARTE, 2006). De acordo com Paiva; Duarte (2006), o diálogo entre tais teorias é uma opção enriquecedora para ambos os programas, pois seu resultado levaria a postulação de princípios cada vez mais gerais e amplos para descrever os fenômenos linguísticos. No entender das autoras, seria muito frutífero o diálogo entre a Sociolinguística variacionista e o Funcionalismo linguístico, pois ambas as teorias partem do pressuposto de que a língua só pode ser explicada quando utilizada efetivamente. Dizer que a estrutura da língua serve a funções encontra respaldo na Sociolinguística, que considera a atuação de grupos de fatores estruturais, sociais, semânticos e/ou pragmático-discursivos no controle dos contextos discursivos que favorecem ou desfavorecem certas variantes. A variação, muitas vezes, “se explica em termos de motivações funcionais, resultantes de pressões adaptativas” (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 147).

Como se poderia esperar numa situação de articulação teórica, nem sempre os conceitos de uma teoria se encaixam perfeitamente na outra, mas há pontos em que as teorias podem dialogar, e o resultado desse debate favorece o cenário para que a teoria resultante ganhe lugar próprio. Tavares (2003) propõe esse debate entre a Sociolinguística e o

Funcionalismo, apresentando pontos em contato, as divergências e, por fim, o lugar teórico onde deve se situar o Sociofuncionalismo, como resultado dessa “conversa na diferença”, nas palavras da própria autora.

Como pontos de contato, a autora aponta que: as duas teorias priorizam a língua em uso, cuja heterogeneidade pressupõe variação e mudança; o *corpus* de análise se constitui de amostras reais da língua em estudo; a língua tem um caráter não estático; a mudança, como processo contínuo e gradual tem lugar de destaque, e se dissemina em contextos linguísticos e sociais, com alterações de frequência; os prognósticos de mudança são analisados levando-se em conta dados sincrônicos e diacrônicos; as forças sociais e linguísticas que operam na língua hoje são as mesmas que operaram no passado (princípio do uniformitarismo); a análise se volta para fenômenos de fonologia, morfologia, sintaxe e semântica; o pesquisador deve observar a frequência das ocorrências; e há uma relação entre a estrutura linguística e a social.

Apesar de tantas similaridades, o modo como as duas teorias encaram o fenômeno da mudança é um pouco distinto. Em Labov (1972a), a mudança é vista como decorrência da variação, que se dissemina pela comunidade linguística; por outro lado, nos estudos funcionalistas de gramaticalização, a mudança é vista como o surgimento das inovações e sua propagação na comunidade. Como ponto de contato entre as duas teorias, o Sociofuncionalismo enxerga a mudança como é vista no Funcionalismo, e acrescenta que ela se difunde levando-se em conta as distribuições sociais dos elementos linguísticos. Além do mais, segundo a proposta Sociofuncionalista, mudança e variação decorrem uma da outra, participando de um ciclo contínuo (TAVARES, 2003).

Nos estudos em gramaticalização, analisa-se o percurso de uma forma e como ela assume novas funções durante sua história; em Sociolinguística, sua análise enxerga um mesmo significado referencial codificado em duas ou mais formas. Nesse aparente embate, um possível contato pode-se fazer evocando o princípio de estratificação, de Hopper (1991), que sugere que novas camadas emergem em um mesmo domínio funcional, e as camadas antigas podem não ser descartadas, mas podem continuar em distribuição com as mais novas. Tavares (2003) aproxima a noção de variantes de Labov (1972a) com as camadas de Hopper (1991) e explica:

emparelha-se assim o objeto de estudos da variação, dando origem ao objeto dos sociofuncionalistas: diferentes formas – *camadas* ou *variantes* ou *camadas/variantes* – que convivem em um mesmo ambiente, gerando o que pode ser definido como

uma *situação de estratificação/variação* (TAVARES, 2003, p. 108, grifos da autora)⁶⁹.

Assim, o objeto do Sociofuncionalismo se constitui de itens em situação de estratificação/variação que podem possuir ou não ou mesmo significado, desde que tenham a mesma função. Tal asserção é decorrente de um afrouxamento do critério pelo qual as variantes são caracterizadas (TAVARES, 2003). Embora se afrouxe o critério de Labov (1972a) para dar espaço ao Sociofuncionalismo, percebe-se que há um viés distinto em cada uma delas.

No tratamento da variação, Labov (1994) sugere que ela é o primeiro passo rumo à mudança, assim, evoca-se o célebre princípio sociolinguístico de que mudança pressupõe variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), quando itens especializam-se (ou tornam-se regras categóricas) em determinados contextos, eliminando a situação de variação. Por outro lado, itens em variação podem conviver juntos sem necessariamente acarretar em mudança (variação estável). Para o Funcionalismo, a mudança é pressuposto inicial para que um item comece a variar. Durante a história de um dado item, ele pode assumir novas funções e, se outras formas já estiverem codificando aquela mesma função, há situação de variação. Tavares (2003) sugere que se aproximem esses conceitos da Sociolinguística e do Funcionalismo com a ideia de que variação e mudança decorrem uma da outra, resumindo o contato da seguinte maneira: um item passa a desempenhar várias funções (gramaticalização) e pode entrar no domínio funcional de outro item, disputando a marcação da função (variação). Esse item em variação pode especializar-se em um contexto específico, eliminando a situação de variação. Assim, a gramaticalização e a variação participam de um ciclo contínuo:

a variação pode ser solucionada devido à especialização ou desaparecimento sofrida por uma ou mais das formas alternantes, essa mudança por gramaticalização pode levar à nova variação, que pode ser solucionada devido a uma nova mudança” (TAVARES, 2003, p. 110).

Também faz parte do escopo das duas correntes em estudo a observação de como fatores linguísticos e sociais determinam o comportamento das camadas/variantes⁷⁰, e a Sociolinguística vale-se da observação de frequências e pesos relativos, utilizando, para isso,

⁶⁹ A autora cita, em nota de rodapé, na página 108 de seu trabalho, uma palestra de Hopper, na UFSC, em 07/06/2002, em que o autor admitiu que estratificação e variação se referem ao mesmo fenômeno: formas que têm uma mesma função convivendo juntas.

⁷⁰ Ainda que mais fortemente na Sociolinguística.

instrumental estatístico⁷¹ e metodologia⁷² específicos. O Funcionalismo, como corrente de estudo da língua em uso, fornece hipóteses teóricas sobre a atuação de fatores linguísticos nas formas da língua, mas não possui instrumental próprio de análise estatística. O Sociofuncionalismo confere tratamento empírico aos dados, considera frequências e pesos relativos por meio de programa de análise estatística e usa o peso relativo para verificar o quanto os grupos de fatores interferem nas variantes, e serve para prever rumos de gramaticalização.

Outra questão que merece destaque na conversa entre as duas teorias é quanto às relações entre idade e transmissão da mudança. Estudos em Sociolinguística apontam que a transmissão da língua dos mais velhos aos mais jovens se encerra no final da adolescência (LABOV, 2001). Por outro lado, Hopper e Traugott (1993) apontam para uma concentração das inovações na fala das crianças, e nos demais falantes por lhes serem acrescentadas novidades. Já o Sociofuncionalismo não determina rígidas fronteiras etárias, mas prevê que boa parte das inovações está na fala dos mais jovens, por questões sociais (TAVARES, 2003).

Após a análise das similaridades entre as duas teorias e os pontos em contato que elas podem ter, culminando no Sociofuncionalismo, Tavares (2003) destaca pontos cujo diálogo não é possível, pois há preceitos que não podem ser aproximados. Nesse sentido, o lugar do Sociofuncionalismo será optar por uma ou outra das concepções excludentes. Entre elas, estão o conceito de gramática emergente, em constante processo de atualização (HOPPER, 1987) e a noção de heterogeneidade ordenada, pressupondo um sistema regido por regras ordenadas. Tavares (2003) sugere, então, que, em situações como essa, é necessário situar-se de um lado ou de outro entre os extremos e propõe que o Sociofuncionalismo priorize a função e considere a gramática como um processo em andamento.

Por fim, a autora, considerando os pontos em comum e as divergências entre as teorias, explica que tal articulação teórica não implica necessariamente em uma tradução dos termos de uma teoria na outra, mas uma intertradução entre seus conceitos, advinda das convergências entre os modelos. Da aproximação resulta “um lugar outro de pesquisa, distinto daqueles delineados pelas teorias “mães”, já que não pertence a nenhuma delas em particular e também não é mero fruto de sua soma. Trata-se de um re-arranjo de conceitos (...)” (TAVARES, 2003, p. 131-132). Assim, o pesquisador pode optar por um Sociofuncionalismo de base mais funcionalista ou por um Sociofuncionalismo de base mais variacionista, e deve

⁷¹ Programa Goldvarb, do pacote de programas VARBRUL (GUY e ZILLES, 2007).

⁷² Por meio das observações de Labov quanto à coleta de dados, composição das células sociais, número de informantes por célula entre outros.

considerar que, para ser Sociofuncionalista, seu estudo deve ter algo de Sociolinguística e algo de Funcionalismo. Dessa maneira, para justificar que se trata de um estudo em Sociofuncionalismo, deve haver uma opção que considere algum princípio da Sociolinguística e algum traço funcional, o que caracteriza o Funcionalismo. A aproximação se justifica, pois a Sociolinguística, a partir dos anos setenta, passou a considerar cada vez mais aspectos funcionalistas em suas análises, estendendo seu escopo para além da Fonologia. Além do mais, o Funcionalismo também já vinha dando espaço à defesa de princípios da Sociolinguística, como o uniformitarismo e a importância dos condicionamentos linguísticos e sociais.

Por fim, Tavares (2003) conclui pontuando que

os sociofuncionalismos surgem não somente diferentes das teorias ‘mães’, mas também diferentes entre si, pois, a cada conversa entabulada por cada analista, ocorrem novas convergências e os conceitos são revisados e modificados, caracterizando-se como voláteis, dinâmicos, transitórios e contextuais. Graças a isso, toda tentativa de associação entre o funcionalismo e a teoria variacionista é realizada levando-se em conta as tentativas precedentes, mas trazendo sempre inovações em graus variados, na forma de uma das múltiplas tonalidades no espectro das convergências possíveis (TAVARES, 2003, p. 135).

Com essa afirmação, a autora destaca que o Sociofuncionalismo surge a partir de decisões dos pesquisadores que o utilizam para suas análises, levando sua teoria para um lado mais funcionalista ou mais sociolinguístico, dependendo do fenômeno em análise.

No que tange a esta pesquisa, percebeu-se que a ordenação das temporais está bastante ligada a motivações discursivas, e fatores linguísticos e extralinguísticos podem atuar, controlando a posição das orações. A posição sociofuncionalista assumida aqui admite que a função de indicar tempo/montar o cenário temporal de uma narrativa é codificada por orações temporais, situadas em três posições distintas, que são consideradas como camadas/variantes, mantendo um mesmo significado referencial e tendo a mesma quantidade de material fônico.

O objetivo da análise é verificar como essas estruturas se comportam tendo em vista motivações estruturais, sociais e pragmático-discursivas. Para isso examinar-se-ão alguns condicionamentos linguísticos (relação temporal, tipo de oração e de conectivo, extensão da temporal, paralelismo, continuidade tópica e estatuto informacional) e extralinguísticos (idade e escolaridade). Cada condicionamento será analisado de acordo com as teorias de base do trabalho: o Funcionalismo (HOPPER, 1991; HOPPER; THOMPSON, 1980; HALLIDAY, 1985; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1991, 1995, 2001), a Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010) e os

pressupostos teórico-metodológicos do Sociofuncionalismo (TAVARES, 2003), como uma articulação entre as teorias citadas.

Além do mais, os dados serão também analisados levando em consideração frequências e pesos relativos, de forma a verificar quais dos fatores exercem mais influência no comportamento das formas em questão.

4.2 Síntese da discussão

Este capítulo ocupou-se de traçar as bases teóricas que nortearão esta pesquisa – a Sociolinguística Variacionista, o Funcionalismo linguístico e a articulação entre as duas teorias, o que se denomina Sociofuncionalismo –. Como apresentamos uma visão geral dos principais pressupostos e postulados de cada teoria, cabe sintetizar a discussão e mostrar em que medida cada modelo teórico contribuirá para o tratamento e análise dos dados.

Retomaremos, então, a exposição das teorias, rerepresentando, apenas, as premissas que serão utilizadas para a análise e o que será considerado para configurar os grupos de fatores. Em relação à Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), vimos que:

- A variação é propriedade inerente aos sistemas linguísticos;
- Há importância em se estudar os fatos de heterogeneidade da língua;
- A língua tem uma função comunicativo-social e seu comportamento é reflexo das diferenças sociais, refletidas na estrutura linguística;
- Dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade. Assim, as variantes (ou variável dependente) podem ser consideradas como os vários modos de exprimir um mesmo significado referencial e seu comportamento é controlado por fatores de ordem social, semântica, pragmático-discursiva etc;
- Os melhores dados são aqueles que emergem em situações de uso natural da língua, e o melhor meio para coletá-lo é por intermédio de entrevistas sociolinguísticas;
- Há fatores ou contextos que determinam o comportamento das variantes e a mudança linguística. Esses fatores são chamados variáveis independentes, e podem ser linguísticos ou extralinguísticos. Os mesmos grupos de fatores que agiam sobre as variantes em um momento no passado continuam atuando sobre elas;

- O falante costuma avaliar as formas da língua, e, constroem-se, então, indicadores, marcadores e estereótipos. Essa avaliação está intimamente relacionada ao processo da mudança;

- Toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação acarreta em mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), pois há itens que podem adquirir *status* de variação estável;

- A mudança em progresso pode ser estudada a partir da observação da mudança em tempo real (estudos do tipo *painel* ou *tendência*) e do rastreamento da mudança em tempo aparente;

Desses postulados, tomamos os que defendem a heterogeneidade do sistema linguístico e a variação. Se há heterogeneidade na língua, a posição das orações também deve refletir essa característica e ser tratada como um fenômeno variável, no âmbito da sintaxe. Se a temporal pode ter sua ordem alterada sem que se modifique o estado de coisas, então anteposição, intercalação e posposição dessa oração apresentam-se como variantes quanto ao fenômeno ordem/posição da temporal. Além do mais, consideramos a proposta da importância do trabalho com dados reais e a análise quantitativa de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

No que tange ao Funcionalismo linguístico, essa corrente compartilha com a Sociolinguística o interesse pelo estudo da língua em uso, sendo a gramática fortemente motivada pela pragmática. Topicalizando a discussão, vimos que:

- A língua não é um sistema autônomo. Sendo assim, suas ocorrências podem ter as motivações investigadas;

- Destacam-se o Funcionalismo praguense, com Jakobson, Mathesius, Trubetzkoy etc; o Funcionalismo inglês, com Halliday; o Funcionalismo norte-americano, com Hopper e Thompson, Givón etc; e o Funcionalismo holandês, com Dik, Hengeveld, entre outros;

- Segundo o Funcionalismo de Halliday (1985), influenciado pelo Funcionalismo de Praga, importa como a informação se distribui na frase, e são postos em destaque as funções de Tema e Rema, com a oposição Dado/Novo. Esses papéis que os itens desempenham revelam que a ordem das palavras na sentença tem motivações de viés pragmático. Por isso, faz-se necessário aplicar esses conceitos à análise da ordem das temporais, objeto de estudo deste trabalho;

- Em Givón (2001), a gramática é entendida como um sistema motivado e não-arbitrário. Isso mostra que a estrutura das sentenças tende a refletir a estrutura dos eventos no mundo real. Baseando-se nesse ponto de vista, Givón (2001) postula que há princípios de iconicidade que podem explicar a estrutura das orações na língua; por isso, vale considerá-los na explicação da ordem das temporais, como, por exemplo, o princípio de ordem de ocorrência e ordem reportada;

- Além do princípio de iconicidade, Givón (1995) também mostra que há itens mais complexos e outros menos complexos formalmente. Os itens mais marcados seriam também mais complexos estruturalmente e cognitivamente, e, por isso mesmo, menos frequentes. De forma semelhante, itens menos marcados seriam menos complexos estruturalmente e cognitivamente, e, por esse motivo, mais frequentes. Valendo-se desse princípio, hipotetizamos que as temporais antepostas e as intercaladas seriam mais complexas estruturalmente e cognitivamente, por inverterem a sequência canônica SVO, por isso, seriam menos frequentes. Por outro lado, as pospostas, pela fidelidade à sequência SVO, seriam estruturalmente e cognitivamente menos complexas, e, portanto, mais frequentes;

- Em Hopper e Thompson (1980), outro conceito mostra-se importante para explicar a ordem das temporais: a distinção figura/fundo. Essa distinção foi ampliada por Silveira (1997) e Chedier (2007) e aplicada à descrição de orações nos estudos de Decat (2001) e de Souza (2006). Observando essas propostas teóricas, analisaremos as temporais segundo funcionem como (1) Figura, (2) Fundo cênico (guia ou moldura), ou (3) Fundo avaliativo.

- Em Hopper (1987), destaca-se outro princípio de fundamental importância para os estudos funcionalistas – o processo de gramaticalização –, que opera nas construções da língua, constantemente reconfiguradas pelas determinações do discurso.

Por fim, retomamos a discussão acerca da articulação teórica entre a Sociolinguística e o Funcionalismo, culminando na articulação que se denomina Sociofuncionalismo, com os seguintes postulados:

- A língua, sua variação e os processos de mudança são considerados, observando-se a função semântico-discursiva das variantes, e a busca de explicações de natureza funcional na análise dos dados;

- A mudança linguística se difunde levando-se em conta as distribuições sociais dos elementos linguísticos. Mudança e variação decorrem uma da outra;

- A noção de variantes, de Labov (1972a), aproxima-se da noção de camadas, de Hopper (1991). Por isso, consideram-se itens em situação de estratificação/variação que podem possuir ou não o mesmo significado, desde que apresentem a mesma função. Para este trabalho, então, consideramos que as diversas posições da temporal manifestam a função primeira de indicar tempo;

- Os dados são analisados por meio de tratamento empírico, considerando frequências e pesos relativos (análise estatística) de modo a atestar como determinados fatores interferem na variação;

Desse modo, concluímos a seção destinada ao Sociofuncionalismo explicando a posição adotada neste trabalho: a função de indicação de tempo/montagem do cenário temporal de uma narrativa é codificada por orações temporais, situadas em três posições distintas, que são consideradas como camadas/variantes, mantendo um mesmo significado referencial. A posição dessas orações pode ser determinada por fatores linguísticos e extralinguísticos, que podem ser mapeados pela aplicação de princípios funcionalistas e comprovados com a ajuda de aparato metodológico estatístico.

Expostos os fundamentos teóricos que guiarão a análise, vejamos como se dará o processo metodológico de coleta, codificação e análise dos dados de orações temporais, a fim de verificar que fatores determinam anteposição, intercalação ou posposição dessas cláusulas em relação às suas respectivas nucleares.

5 METODOLOGIA

De acordo com Gil (2008), a ciência almeja encontrar a veracidade dos fatos. Sendo assim, pressupõe-se que o conhecimento científico deve ser passível de verificação, ou seja, devem-se identificar técnicas e operações mentais que tornem o conhecimento científico verificável. O autor segue explicando que o método pode ser definido como meio para se chegar a um fim, que, no caso desta pesquisa, é analisar o comportamento de orações temporais no que diz respeito à sua posição em relação à oração principal. Para se chegar a esse fim, faz-se necessário estabelecer procedimentos e técnicas que, como dito antes, o tornem verificável. Eis o que se fará a seguir.

5.1 Quanto ao método de abordagem

A pesquisa em questão se vale da união entre os métodos indutivo e dedutivo, proposto por Givón (1995). Para o autor, os filósofos reducionistas da ciência sempre se colocaram em favor de um ou de outro método, e, da mesma forma, muitos linguistas caíram nesse reducionismo, com oscilações entre os extremos. Givón (1995), então, propõe o método indutivo-dedutivo, entendendo que os funcionalistas, ainda que rejeitem o dogmatismo dedutivista de Chomsky, precisam postular hipóteses e testar suas implicações. Além do mais, o pesquisador também precisa analisar dados empíricos, quantificá-los e submetê-los a tratamento estatístico, o que configura a aplicação do método indutivo. A aplicação dos dois métodos seria a melhor alternativa para fugir do reducionismo apresentado pelo autor. Nesta pesquisa, a dedução será responsável, na análise das ocorrências, pela confirmação ou não das hipóteses preestabelecidas; e a indução, a partir da manipulação dos dados, vai permitir que se encontrem princípios controladores da organização das ocorrências. No estudo de ocorrências particulares, generalizações poderão ser feitas em relação aos fenômenos em questão.

5.2 Quanto aos métodos de procedimento

5.2.1 *Tipo de pesquisa*

Gil (2008) explica que as pesquisas científicas podem ser de três tipos: exploratórias, descritivas ou explicativas. O primeiro tipo é utilizado quando o pesquisador precisa esclarecer ou delimitar um tema de investigação e constitui-se o primeiro passo para

um estudo mais amplo. O segundo tipo vincula-se à descrição do comportamento de determinado fenômeno ou ao estudo de relações entre variáveis. O terceiro tipo configura-se em uma investigação que visa a encontrar as explicações/motivações para determinados fenômenos.

Na explicação acerca dos três tipos, Gil (2008) relaciona as pesquisas descritivas e explicativas, que podem operar juntas quando, em uma pesquisa do primeiro tipo, pretende-se, além de investigar as relações entre as variáveis, analisar a natureza de suas relações.

Esta pesquisa, portanto, configura-se como uma pesquisa descritivo-explicativa, pois primeiro se pretende descrever o comportamento das temporais no que diz respeito à sua posição em relação à nuclear, para, depois, explicá-lo por meio da análise da atuação dos grupos de fatores controladores. Pretende-se analisar como fatores linguísticos e sociais se relacionam com padrões de ordenação, e como os princípios de iconicidade e marcação (GIVÓN, 2001) podem ser aplicados para descrever o comportamento das temporais.

5.2.2 Procedimento para coleta de dados

Para Lakatos; Marconi (2001), as técnicas são preceitos ou processos utilizados pela ciência. As técnicas se referem à coleta de dados, parte prática. As autoras estabelecem duas divisões em relação à técnica da pesquisa: documentação indireta (pesquisa documental e bibliográfica) e documentação direta (por meio de observação, entrevista, questionário etc).

A pesquisa bibliográfica, para Gil (2008, p. 50), desenvolve-se “a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Lakatos; Marconi (2001, p. 44) acrescentam que essa modalidade de investigação coloca “o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” e é a primeira etapa de toda a investigação científica. Este trabalho se enquadra no método bibliográfico, pois, faz-se necessário, antes de levantar e analisar os dados empíricos em *corpus* já coletado e organizado, perceber como a ordenação já foi tratada por outros autores, em livros e artigos científicos. Em outras palavras, é necessário o entendimento do estado da arte no que tange ao tema em questão.

A pesquisa documental, muito similar à bibliográfica, diferencia-se, segundo Gil (2002, p. 46), por se valer “de materiais que ainda não receberam um tratamento estatístico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com o objeto da pesquisa”. Entende-se que os *corpora* coletados, organizados e disponibilizados são espécies de documentos que requerem

tratamento científico por parte do pesquisador. Por recorrer a um *corpus* já organizado por uma instituição, essa pesquisa se enquadra, também, no modelo documental.

Para Gil (2002), além das pesquisas que envolvem fontes de papel, também há aquelas que envolvem coleta de dados em pesquisa de campo. Para a composição do *corpus* desta pesquisa, seus organizadores tiveram de coletar dados em contextos de fala real de mexicanos. Pela utilização de um *corpus* já coletado e organizado, esta não é uma pesquisa de campo propriamente dita, pois não serão utilizados questionários nem serão feitas entrevistas com falantes. Esse trabalho já foi desenvolvido pelos organizadores do *corpus* a que tivemos acesso.

5.2.2.1 Delimitação do universo

Utilizar-se-á, para o levantamento das ocorrências, o material disponível no projeto *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México (CSCM)*, que tem contribuições do subcorpus do *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América (PRESEEA - México)*. O PRESEEA, que tem, como coordenador geral, o Prof. Dr. Moreno Fernández, da Universidade de Alcalá de Henares, na Espanha, reúne cerca de 40 equipes de investigadores advindos de várias partes do mundo⁷³, falantes e não falantes da Língua Espanhola, tais como Espanha, México, Chile, Equador, Venezuela, Peru, Estados Unidos, entre outros. Assim, constitui-se como um dos maiores projetos de *corpus* de Língua Espanhola no mundo. Desde sua origem, em abril de 1993, no X Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), tem como objetivo coordenar investigações sociolinguísticas da Ibero-América⁷⁴ para facilitar estudos comparados e trocas de informações, ou seja, construir um *corpus* de língua falada que incluísse dados representativos das comunidades de fala alvo, observando a relação entre variáveis sociais e as condutas linguísticas dos falantes. Cada uma das equipes do PRESEEA no mundo conta com coordenadores, pesquisadores, consultores e avaliadores externos. Sua metodologia inclui técnicas quantitativas e estatísticas, e conta com a orientação teórica da Dialetoлогия Social, Sociologia da Linguagem e da Sociolinguística Variacionista. Desse modo, os critérios para a escolha da comunidade de fala foram os seguintes: ser um núcleo urbano de falantes de Espanhol, monolíngue ou bilíngue; ter uma população tradicionalmente

⁷³ A lista de países pode ser visualizada no site do projeto: <<http://preseea.linguas.net/Equipos.aspx>>.

⁷⁴ “Região geográfica que compreende os três países da Península Ibérica (Portugal, Espanha e Andorra) e os da América Latina hispanófona e lusófona por afinidade histórica, cultural e linguística”. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ibero-Am%C3%A9rica>>. Acesso em: 05 set. 2014 às 13h46.

assentada no lugar e que apresente diversidade sociológica, com variações de sexo, idade e grau de instrução.

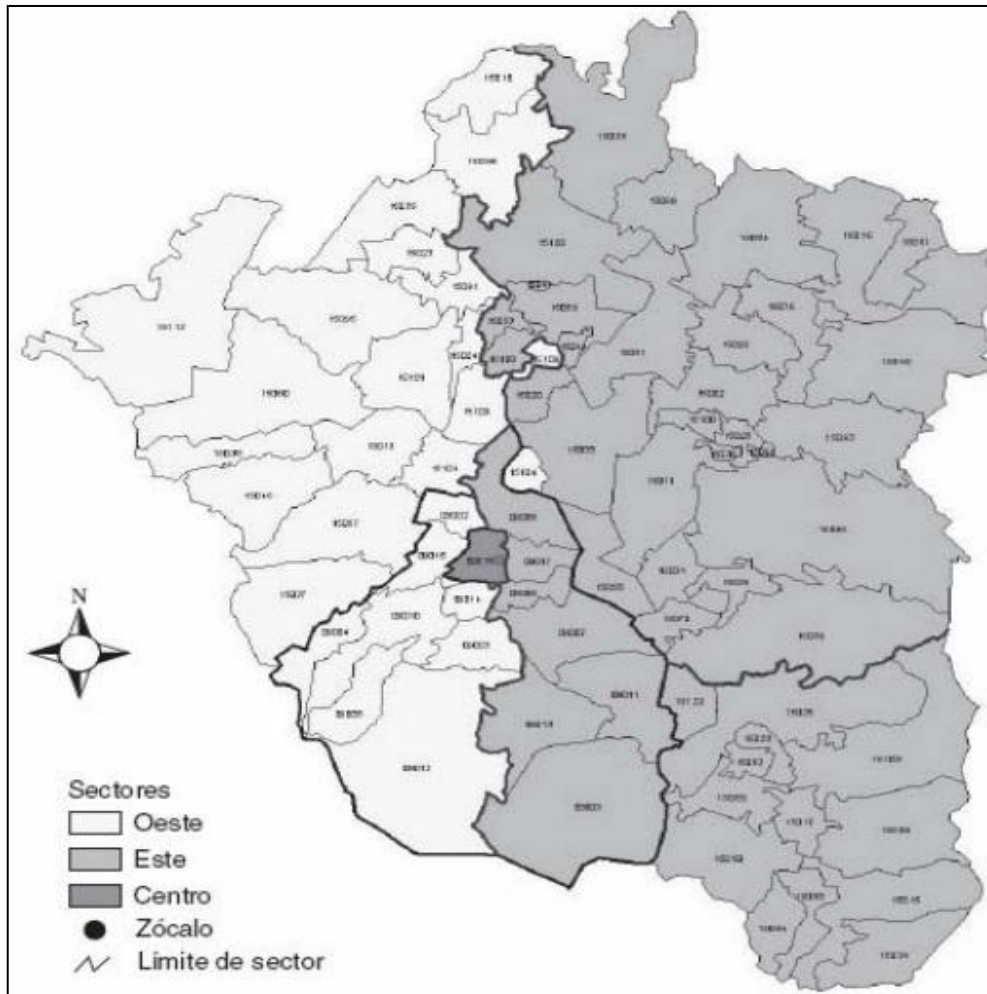
Já o CSCM, cujas entrevistas estão disponíveis na internet⁷⁵, está sendo organizado pelos pesquisadores Pedro Martín Butragueño e Iolanda Lastra, que se têm dedicado a investigar a mudança e variação linguística no Espanhol mexicano falado. Os pesquisadores atuam no *Laboratorio de Estudios Fónicos* (LEF) do *Colegio de México*. O LEF tem como propósito promover estudos fonéticos e fonológicos das línguas faladas no México, considerando diversidade linguística e variação interna das línguas. O LEF também tem uma perspectiva descritiva, que combina trabalho de campo e laboratório. Os falantes que forneceram os dados para a composição do *corpus* integram o que os coordenadores do projeto chamaram de Zona Pertinente (ZP) dentro da Zona Metropolitana da Cidade do México (ZMCM). Para explicar o que se entendeu por ZP, é necessário delimitar a ZMCM, um conglomerado urbano onde habitam cerca de vinte milhões de pessoas⁷⁶, divididas entre 16 delegações do Distrito Federal e municípios conurbados⁷⁷ do Estado do México e um do Estado de Hidalgo. Os pesquisadores tiveram de deixar de lado uma parte da ZMCM por dois motivos: 1) devido à pequena equipe de pesquisa, seria laborioso o trabalho de abarcar toda a cidade; e 2) em face da realidade variada do modo de vida no que se refere aos municípios conurbados. Sendo assim, preferiu-se considerar apenas os estados que já estavam conurbados até 1970, desconsiderando os que se agregaram posteriormente. Portanto, considerou-se como fronteira para a coleta dos dados toda a área formada pelo Distrito Federal mais onze municípios do Estado do México: Atizapán de Zaragoza, Coacalco, Cuautitlán, Chimalhuacán, Ecatepec, Huixquilucan, Naucalpan, Nezahualcóyotl, La Paz, Tlalnepantla e Tultitlán. Todo esse cenário compõe a Zona Pertinente, que reúne, ao total, 27 entidades, entre estados e municípios do Estado do México. Para uma melhor visualização, apresentam-se os seguintes mapas:

⁷⁵ Disponível no site: <<http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/CSCM/Corpus.htm>>.

⁷⁶ De acordo com o dado de censo realizado no ano 2000.

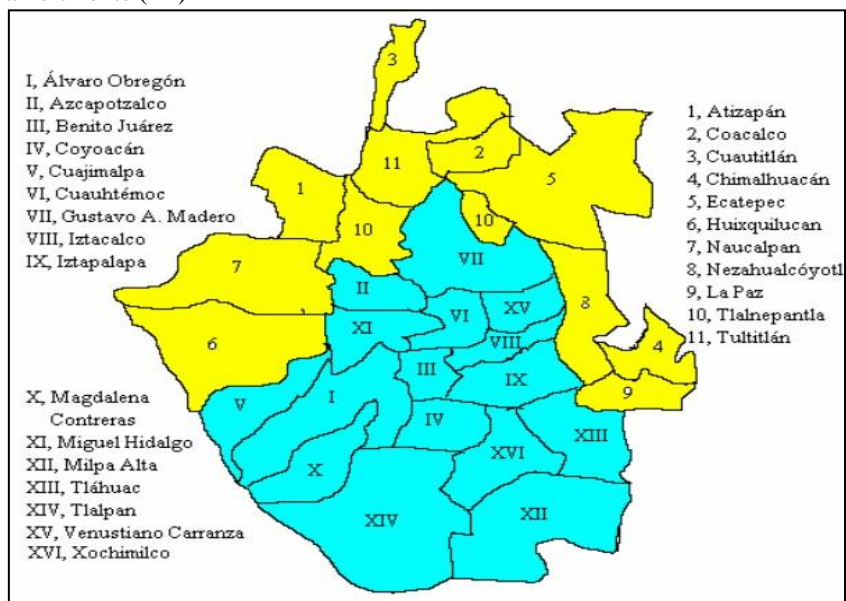
⁷⁷ “Conurbação é uma extensa área urbana formada por cidades e vilarejos que foram surgindo e se desenvolvendo um ao lado do outro, formando um conjunto” (HOUAISS, 2004, *online*).

Figura 1 – Zona Metropolitana da Cidade do México (ZMCM)



Fonte: Graizbord y Acuña (2007, p. 301, mapa 1) *apud* Butrageño; Lastra [200-]

Figura 2 – A Zona Pertinente (ZP)



Fonte: Butrageño; Lastra [200-]

O CSCM é composto por 108 entrevistas, divididas em três grupos, de acordo com o grau de escolaridade dos indivíduos: nível alto (superior)⁷⁸, médio⁷⁹ e baixo⁸⁰, cada um com 36 entrevistas. Cada um desses grupos está dividido em duas variáveis sociais, a saber: gênero (homens e mulheres) e idade (jovens, falantes entre 20 e 34 anos; adultos, falantes entre 35-54 anos; e idosos, falantes com mais de 55 anos). Das 36 entrevistas de cada nível de escolaridade, há 18 para falantes de cada gênero (divididas em 6 entrevistas para cada faixa etária). No quadro⁸¹ abaixo, pode-se ter uma visão mais detalhada dessa divisão:

Quadro 7 – Divisão do *Corpus* Sociolinguístico de la Ciudad de México

NÍVEL ALTO			
	Jovens (20-34)	Adultos (35-54)	Idosos (55-)
Homens	Entrevista 1 (ME-042-31H-99).pdf	Entrevista 13 (ME-006-32H-97).pdf	Entrevista 25 (ME-009-33H-97).pdf
	Entrevista 2 (ME-105-31H-00).pdf	Entrevista 14 (ME-056-32H-99).pdf	Entrevista 26 (ME-084-33H-00).pdf
	Entrevista 3 (ME-154-31H-01).pdf	Entrevista 15 (ME-138-32H-01).pdf	Entrevista 27 (ME-140-33H-01).pdf
	Entrevista 4 (ME-155-31H-01).pdf	Entrevista 16 (ME-139-32H-01).pdf	Entrevista 28 (ME-245-33H-05).pdf
	Entrevista 5 (ME-190-31H-05).pdf	Entrevista 17 (ME-254-32H-05).pdf	Entrevista 29 (ME-249-33H-05).pdf
	Entrevista 6 (ME-197-31H-01).pdf	Entrevista 18 (ME-257-32H-05).pdf	Entrevista 30 (ME-294-33H-07).pdf
Mulheres	Entrevista 7 (ME-107-31M-00).pdf	Entrevista 19 (ME-055-32M-99).pdf	Entrevista 31 (ME-220-33M-02).pdf
	Entrevista 8 (ME-181-31M-01).pdf	Entrevista 20 (ME-137-32M-01).pdf	Entrevista 32 (ME-221-33M-02).pdf
	Entrevista 9 (ME-248-31M-05).pdf	Entrevista 21 (ME-247-32M-05).pdf	Entrevista 33 (ME-227-33M-03).pdf
	Entrevista 10 (ME-250-31M-05).pdf	Entrevista 22 (ME-253-32M-05).pdf	Entrevista 34 (ME-229-33M-03).pdf
	Entrevista 11 (ME-251-31M-05).pdf	Entrevista 23 (ME-255-32M-05).pdf	Entrevista 35 (ME-230-33M-03).pdf
	Entrevista 12 (ME-252-31M-05).pdf	Entrevista 24 (ME-259-32M-05).pdf	Entrevista 36 (ME-264-33M-05).pdf
NÍVEL MÉDIO			
	Jovens (20-34)	Adultos (35-54)	Idosos (55-)
Homens	Entrevista 37 (ME-049-21H-99).pdf	Entrevista 49 (ME-048-22H-99).pdf	Entrevista 61 (ME-144-23H-01).pdf
	Entrevista 38 (ME-057-21H-99).pdf	Entrevista 50 (ME-054-22H-99).pdf	Entrevista 62 (ME-267-23H-06).pdf

⁷⁸ Informantes com curso superior, universitário ou técnico, que estudaram até aproximadamente 21-22 anos de idade, com aproximadamente 16 anos de escolaridade ou mais.

⁷⁹ Pessoas que cursaram, no máximo, o Ensino Médio, até aproximadamente 17-18 anos, e que passaram cerca de 12 anos na escola.

⁸⁰ Informantes que tiveram, no máximo, acesso à Educação Primária, até aproximadamente 11-12 anos, e que passaram cerca de 6 anos na escola. Também são incluídos os analfabetos ou os que não terminaram a Educação Primária.

⁸¹ Como se verá no quadro, o *corpus* ainda está em construção. Por esse motivo, não serão utilizados, nesta pesquisa, os dados referentes ao nível baixo. Ao lado de cada entrevista, segue seu número de identificação e um código, elementos já explicados na primeira nota de rodapé deste trabalho. Como se trata de um *corpus* de Língua Espanhola, os elementos da tabela estavam escritos nessa língua. As traduções para o português são de nossa responsabilidade.

	Entrevista 39 (ME-103-21H-00).pdf Entrevista 40 (ME-106-21H-00).pdf Entrevista 41 (ME-232-21H-04).pdf Entrevista 42 (ME-271-21H-06).pdf	Entrevista 51 (ME-269-22H-06).pdf Entrevista 52 (ME-275-22H-06).pdf Entrevista 53 (ME-277-22H-06).pdf Entrevista 54 (ME-279-22H-06).pdf	Entrevista 63 (ME-272-23H-06).pdf Entrevista 64 (ME-280-23H-06).pdf Entrevista 65 (ME-281-23H-06).pdf Entrevista 66 (ME-282-23H-06).pdf
Mulheres	Entrevista 43 (ME-007-21M-97).pdf Entrevista 44 (ME-123-21M-01).pdf Entrevista 45 (ME-171-21M-01).pdf Entrevista 46 (ME-214-21M-02).pdf Entrevista 47 (ME-225-21M-03).pdf Entrevista 48 (ME-265-21M-06).pdf	Entrevista 55 (ME-110-22M-00).pdf Entrevista 56 (ME-219-22M-02).pdf Entrevista 57 (ME-268-22M-06).pdf Entrevista 58 (ME-270-22M-06).pdf Entrevista 59 (ME-273-22M-06).pdf Entrevista 60 (ME-274-22M-06).pdf	Entrevista 67 (ME-198-23M-01).pdf Entrevista 68 (ME-228-23M-03).pdf Entrevista 69 (ME-266-23M-06).pdf Entrevista 70 (ME-276-23M-06).pdf Entrevista 71 (ME-278-23M-06).pdf Entrevista 72 (ME-283-23M-06).pdf
NÍVEL BAIXO			
	Jovens (20-34)	Adultos (35-54)	Idosos (55-)
Homens	Entrevista 73 (ME-258-11H-05).pdf Entrevista 74 (ME-291-11H-06).pdf Entrevista 75 (ME-301-11H-07).pdf Entrevista 76 (ME-303-11H-07).pdf Entrevista 77 (ME-304-11H-07).pdf Entrevista 78 (ME-305-11H-07).pdf	Entrevista 85 (ME-114-12H-00).pdf Entrevista 86 (ME-130-12H-01).pdf Entrevista 87 (ME-231-12H-02).pdf Entrevista 88 (ME-284-12H-07).pdf Entrevista 89 (ME-288-12H-07).pdf Entrevista 90 (ME-312-12H-07).pdf	Entrevista 97 (ME-014-13H-97).pdf Entrevista 98 (ME-298-13H-07).pdf Entrevista 99 (ME-300-13H-07).pdf Entrevista 100 Entrevista 101 Entrevista 102
Mulheres	Entrevista 79 (ME-285-11M-07).pdf Entrevista 80 (ME-287-11M-07).pdf Entrevista 81 (ME-289-11M-07).pdf Entrevista 82 (ME-302-11M-07).pdf Entrevista 83 (ME-306-11M-07).pdf Entrevista 84 (ME-307-11M-07).pdf	Entrevista 91 (ME-129-12M-01).pdf Entrevista 92 (ME-286-12M-07).pdf Entrevista 93 (ME-295-12M-07).pdf Entrevista 94 (ME-296-12M-07).pdf Entrevista 95 (ME-299-12M-07).pdf Entrevista 96 (ME-308-12M-07).pdf	Entrevista 103 Entrevista 104 Entrevista 105 Entrevista 106 Entrevista 107 Entrevista 108

Fonte: Adaptado de: <<http://lef.colmex.mx/index.php/investigaciones/corpus-sociolinguistico-de-la-ciudad-de-mexico-cscm>>. Acesso em: 05 set. 2014.

Pelo fato de as entrevistas completas do nível de escolaridade baixo ainda estarem em fase de construção, serão consideradas, para a seleção aleatória das 24⁸² entrevistas que compõem o *corpus* desta pesquisa, apenas as 72 que compõem os níveis alto e médio⁸³.

⁸² A escolha por essa quantidade de entrevistas é explicada na seção 5.2.2.2 – *Descrição da coleta de dados*, deste trabalho.

⁸³ Aqui, cabe evocar Guy; Zilles (2007, p. 115) para diferenciar *corpus* e amostra. Segundo os autores, o *corpus* é, em sentido amplo, o “conjunto de dados” e, em sentido estrito, “o conjunto de ocorrências (de realizações de

Grande parte dos inquéritos de cada nível foi coletado durante os anos de 1999 a 2006 pelos organizadores do *corpus*.

As entrevistas, de modo individual, tiveram aproximadamente 45 minutos de duração, na qual participaram apenas um documentador e um informante, sendo o tempo fator que uniformiza a quantidade de material linguístico para todos os falantes. Durante a coleta, não serão considerados os turnos de fala do entrevistador, por se tratar de uma fala mais cuidada, previamente escrita, e pela ausência de controle quanto às suas características sociais. A escolha por entrevistas se deu pelo fato de atender à demanda de Labov (1972a, 1983), que defende a posição de que o vernáculo é a melhor fonte para extração de dados. O tema das entrevistas estava relacionado com a vida familiar, o trabalho, o tempo livre e outras dimensões da vida social. No site, apenas está disponível a transcrição das entrevistas, que leva em consideração fatores fonológicos e pragmáticos, como, por exemplo, alargamento de vogais e consoantes e a prosódia, e utiliza a seguinte simbologia:

- Os colchetes “[]” indicam sobreposição de falas ou interrupções;
- Hífen “-”: indica palavras truncadas;
- Ponto de exclamação “¡ ¡!” ou “¡ !”: indica ênfase forte ou moderada, nessa ordem;
- Ponto de interrogação “¿ ?”: indicativo de dúvida, pergunta;
- Três pontos “...”: indica suspensão voluntária da fala;
- Sinal de maior que e menor que “< >”, til “~” e Dois pontos “:.”: indicam alargamento de vogal o consoante. Ex.: <~y:;>;
- Barras “/”, “//”, “///”: indicam pausas breves, médias ou longas, nessa ordem;
- Palavras entre parênteses (riso), (clic), (ruído), (sussurro), (pigarro), (tosse): indicam os ruídos apontados nos parênteses;
- Sinal de maior que e menor que “< >” e til “~”: indicam também questões ortográficas ou pronúncia. Ex.: hardcore <~járcore>;
- Parênteses “()”: indicam comentários do analista. Ex.: (interrupção), (risos de todos), (silêncio), (som de celular) etc.;

um fonema, de itens lexicais ou de construções sintáticas) selecionadas e extraídas do acervo pelo pesquisador” (GUY; ZILLES, 2007, p. 115). Ou seja, falar em *corpus* no seu sentido estrito também é falar em amostra. No caso desta pesquisa, o local de coleta dos dados é o CSCM, que se compõe de 108 entrevistas. Por estar em construção, não consideramos as entrevistas que compõem o nível baixo, ainda incompleto. Desse modo, reduzimos nossas entrevistas a 72 (níveis alto e médio) e, delas, extrairemos apenas 24 para compor o nosso *corpus* de pesquisa.

- Sinal de maior e menor que “< >” e três pontos “...”: indicam fragmento que não se pôde entender. Ex.: <...>;
- Aspas “ ”: indica citação e estilo direto;
- Letras maiúsculas “I”, “E”, “P”, “Q”, “R” ou demais letras do alfabeto: indicam, nessa ordem, referência ao informante, ao entrevistador, a um primeiro participante esporádico, a um segundo participante esporádico, a um terceiro participante esporádico, e à inicial do nome do participante, se a entrevista aludir a uma terceira pessoa;

Além do mais, para facilitar sua localização, as entrevistas recebem códigos, – ME-009-33H-97, por exemplo –, organizado da seguinte maneira: na primeira seção, a sigla ME significa “materiais da cidade do México”; na segunda, apresentam-se os números que se correspondem de forma correlativa dentro da base de dados; na terceira, há referência ao nível de instrução (1 = baixo, 2 = médio, 3 = alto), ao grupo de idade (1 = grupo jovem, 2 = grupo intermediário, 3 = mais idade) e ao gênero (H = homem, M = mulher); na última seção, os números se referem aos dois últimos dígitos do ano de levantamento da entrevista.

5.2.2.2 Descrição da coleta de dados

O material do PRESEEA foi montado a partir de uma seleção de informantes segundo critérios que obedeciam às seguintes variáveis de estratificação: gênero, idade e grau de instrução, para a composição das células (2 gêneros X 3 grupos de idade X 3 níveis de instrução X 6 informantes por célula); e *status* econômico, condições de moradia, profissão, modo de vida, origem, classe social, grupo étnico, indicação geográfica, viagens e leituras, estilo de fala e critérios subjetivos (segurança linguística, atitudes, crenças), para aumentar a variabilidade da amostra. Os membros da amostra tinham mais de 20 anos e eram pessoas nascidas na chamada Zona Pertinente ou que haviam chegado muito jovens ao lugar, advindos de estados próximos.

Para esta pesquisa, serão coletados dados em 24 das 72 entrevistas consideradas para a análise, de acordo com as variáveis de estratificação escolhidas (3 grupos de idade X 2 níveis de instrução X 4 informantes por célula). Assim, serão aproveitados os três grupos de idade segundo a organização do banco de dados; dois dos três níveis de instrução, pelo fato de um deles (o relativo ao nível baixo) ainda estar em fase de organização; e um número de quatro informantes por célula obedecendo a orientações de um referencial teórico específico,

a partir das considerações de Labov (2001), Guy e Zilles (2007), Freitag (2011) e Oliveira e Silva (2012), quanto à amostragem por célula.

A questão relativa ao número de informantes tem sido amplamente discutida por estudiosos em Sociolinguística. Labov (2001) propõe o número de 5 informantes por célula, e Guy e Zilles (2007) e Oliveira e Silva (2012) propõem entre quatro e cinco informantes. Mesmo assim, alguns bancos de dados no Brasil contam com apenas dois informantes por célula, devido a questões financeiras.

5.2.2.3 Tratamento estatístico dos dados linguísticos

A pesquisa em questão é de natureza quantitativo-qualitativa e conta com suporte do aparato teórico do Funcionalismo norte-americano (HOPPER, 1991; HOPPER; THOMPSON, 1980; HALLIDAY, 1985; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1971, 1991, 1995, 2001) e do instrumental de análise da Sociolinguística variacionista, proposto por Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010). A análise quantitativa “se mostra apropriada quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras numéricas, ou busca padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos.” (DANTAS; CAVALCANTE, 2006, p. 2). Tal tipo de pesquisa é importante, pois levará em consideração o número de ocorrências das variantes em questão, permitindo um mapeamento de seus contextos de uso. Por outro lado, a análise qualitativa permitirá que se desenvolvam conceitos e generalizações a partir de padrões encontrados nos dados.

Para a extração das orações temporais, foco desta pesquisa, coletar-se-ão todas as suas ocorrências nos 24 inquéritos, junto com suas orações nucleares, para perceber a variação na ordem das temporais em relação às nucleares. Após a coleta, os dados serão categorizados e analisados de acordo com os fatores anteriormente mencionados, e retomados abaixo:

- a) Fatores linguísticos:
 - a. Relação cronológico-temporal:
 - I. Anterioridade;
 - II. Simultaneidade;
 - III. Posterioridade.
 - b. Tipo de oração e de conectivo:
 - I. Reduzida, sem conectivo;
 - II. Desenvolvida, introduzida por conjunção;
 - III. Desenvolvida, introduzida por locução conjuntiva.

- c. Extensão da temporal:
 - I. Oração curta, até 4 vocábulos;
 - II. Oração longa, mais de 4 vocábulos.
 - d. Paralelismo sintático⁸⁴:
 - I. Anteposição;
 - II. Intercalação;
 - III. Posposição;
 - IV. Não se aplica.
 - e. Topicidade:
 - I. Temporal em contexto de mudança de tópico;
 - II. Temporal em contexto de continuidade tópica.
 - f. Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal:
 - I. Temporal e principal com sujeito novo;
 - II. Temporal e principal com sujeito dado;
 - III. Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado;
 - IV. Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo;
 - V. Orações sem sujeito – Não se aplica.
 - g. Relações lógico-semânticas:
 - I. Tempo prototípico;
 - II. Tempo e condição;
 - III. Tempo e concessão;
 - IV. Tempo e motivo.
 - h. Funções textual-discursivas:
 - I. Figura – temporal atípica;
 - II. Fundo cênico – guia;
 - III. Fundo cênico – moldura;
 - IV. Fundo avaliativo – adendo/ressalva/avaliação/restrrição.
- b) Fatores extralinguísticos:
- a. Idade:
 - I. 20-34 anos;
 - II. 35-54 anos;
 - III. Maiores de 55 anos.

⁸⁴ Posição de temporais em períodos anteriores dentro do mesmo subtópico.

b. Escolaridade:

I. Nível médio;

II. Nível alto.

Em seguida, os dados serão submetidos à análise estatística, que será realizada através da utilização do programa GOLDVARB, que é amplamente utilizado em pesquisas em Sociolinguística. O *software* faz parte do pacote de programas VARBRUL, – da palavra inglesa *Variable rules* –, para os cálculos de frequência, percentuais, pesos relativos⁸⁵ e identificação da ordem de significância dos diferentes grupos dos fatores testados. De acordo com Guy; Zilles (2007), a importância de um instrumental estatístico se dá porque a variação linguística não pode ser descrita apenas em termos qualitativos; por isso, sugerem que se dê um tratamento estatístico aos dados. Além do mais, fatores como sistematicidade da variação, encaixamento linguístico e social da variante e mudança linguística são flagrados em análises quantitativas. Daí a importância de uma análise multivariada, que estabeleça relação entre os diversos fatores analisados e em que medida interferem, mais ou menos, no comportamento das variantes em estudo. Labov, em um estudo de sons do Inglês da cidade de Nova York, em 1966, já apontava para a importância de um índice que pudesse oferecer uma medida global para o tratamento de variantes, uma espécie de peso que, após a aplicação de uma equação, indicaria quais fatores mais condicionavam as atitudes linguísticas do falante⁸⁶.

Os valores resultantes da análise estatística serão organizados em tabelas para melhor apresentação dos resultados, os quais serão analisados com base na Sociolinguística variacionista e no Funcionalismo linguístico, vinculando esta pesquisa à proposta do Sociofuncionalismo, a fim de se entender quais fatores motivam a ordenação das orações temporais e quais são os contextos prototípicos para cada tipo de ordenação no Espanhol mexicano falado.

⁸⁵ “O peso de um fator é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de um indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é ‘relativo’ ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo input. Por exemplo, se no total dos dados, a variante tem frequência de 70%, e os homens na amostra a usam com frequência de 80%, enquanto as mulheres a usam numa taxa de 60%, então, relativamente ao uso geral, os homens favorecem (porque estão acima de 70%) e as mulheres desfavorecem (porque estão abaixo de 70%). Portanto, um fator para falante masculino vai receber um peso relativo acima de 0,50 – digamos, algo como 0,54, enquanto o fator para o falante feminino vai ser abaixo de 0,50 – por exemplo, talvez 0,46. Os valores dos pesos recaem no mesmo intervalo entre 0 e 1 que as probabilidades, e representam tendências probabilísticas, mas não são tecnicamente equivalentes a probabilidades *stricto sensu*. O valor de um peso entra na equação logística (junto com outros pesos e o input) para modelar a frequência de uso da variante investigada quando o fator associado estiver presente no contexto da fala” (GUY; ZILLES, 2007, p. 239, grifos dos autores).

⁸⁶ Cf. Labov, 1966.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO – OS CONDICIONAMENTOS DA ORDEM

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa realizada sobre a ordem das temporais. Após as rodadas estatísticas, foram percebidos fortes condicionamentos que motivam anteposição, intercalação e posposição de temporais em relação às suas respectivas nucleares. Esta seção também mostra como as hipóteses se confirmaram ou não e como esta pesquisa pôde contribuir no sentido de validar estudos anteriores e contribuir para o desenvolvimento de pesquisas posteriores.

Seguindo os procedimentos metodológicos, coletamos, nas 24 entrevistas, as orações temporais que poderiam figurar em contextos de anteposição, intercalação e posposição, na intenção de verificar que fatores poderiam motivar uma posição em detrimento das outras. Após coleta e codificação, todas as ocorrências foram lançadas no programa estatístico, que computou 389 dados de temporais em diversas posições, entre os quais 220 (56.6%) eram de temporais antepostas, 68 (17.5%) de intercaladas e 101 (26%) de pospostas. A seguir, apresentaremos, em seções distintas, intituladas de acordo com a variante em análise⁸⁷, as motivações para as posições da temporal.

Em cada rodada do programa, tivemos de alterar rotas metodológicas, na intenção de que o programa executasse todas as suas etapas e pudesse apresentar resultados eficazes. Como as variantes em questão eram em número maior que dois, apenas uma rodada binária não daria conta de explicar todas as posições, e também não podíamos fazer uma única rodada com as três variantes, porque, segundo Guy; Zilles (2007, p. 142), há “complicações práticas na interpretação dos resultados”, a saber:

Por exemplo, o nível ou ponto neutro dos pesos relativos, calculados pelo programa (...), é definido conforme o número de variantes dependentes examinadas: se a análise é ternária, são três as alternativas examinadas; então, é preciso dar a cada alternativa uma probabilidade equivalente de ser escolhida, o que resulta em ter 0,33 como o ponto neutro, equivalente ao valor de 0,50 na análise binária (o valor acima do qual um fator favorece a seleção dessa alternativa, ou abaixo do qual a desfavorece (...)). Além disso, a interpretação do efeito de um fator depende da comparação com duas ou mais alternativas: numa análise ternária, por exemplo, se um fator x mostra um peso de, digamos, 0,20 para a realização de uma variante A, a tentação é de dizer que esse fator desfavorece essa variante, porque o peso é menor do que 0,33 (GUY; ZILLES, 2007, p. 142-143).

Desse modo, se tivéssemos optado por uma única rodada ternária, poderíamos incorrer em riscos ao afirmar que determinado fator desmotivaria certa posição apenas porque sua frequência estava abaixo de 50% ou seu peso relativo inferior a 0.50, quando, na verdade,

⁸⁷ Anteposição, intercalação ou posposição.

o valor que realmente favoreceria seria algo acima de 0.33 por conta da metodologia de uma rodada ternária.

Como dissemos, percursos metodológicos foram alterados. Em cada seção a seguir, explicaremos como se deu cada rodada, porém iniciaremos a exposição com os valores gerais de anteposição, posposição e intercalação e suas correlações com os princípios funcionalistas de iconicidade e marcação⁸⁸, de forma a dar-lhes validade empírica. Em seguida, serão apresentados os grupos significativos e não significativos nas rodadas de cada um dos padrões de ordenação apontados para esta análise. Junto a cada grupo, também serão feitas as correlações com princípios de iconicidade, quando puderem ser aplicados, e marcação, que pode se aplicar a todos os fatores.

6.1 Anteposição, Intercalação ou Posposição?

Em primeiro lugar, faz-se necessário expor a tabela 01, que apresenta os resultados percentuais de ocorrências das três posições da temporal. Vejamos os resultados:

Tabela 01 – Distribuição da ordenação das orações temporais no *Corpus* Sociolinguístico da Cidade do México

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Anteposição	220/389/56.6
Posposição	101/389/26
Intercalação	68/389/17.5

Fonte: elaborada pelo autor.

Esses números revelam a preferência dos falantes por colocar as temporais às margens da principal (anteposição e posposição (82.6%)), porém com extrema preferência pela anteposição, que parece estar se convertendo na posição mais comum para as temporais na fala, contrariando um posicionamento normativo-tradicional⁸⁹.

Quanto à marcação, analisam-se três critérios – distribuição de frequência, complexidade cognitiva e complexidade estrutural. Formas mais frequentes são menos marcadas, apresentam uma estrutura mais simples em termos de tamanho ou organização/apresentação de itens, o que lhes confere o traço de menos marcadas estruturalmente e, por fim, tendem, também, a ser menos marcadas cognitivamente, pois o processamento é mais rápido. Vejamos, no quadro 08, a atuação do princípio de marcação⁹⁰ na explicação dessas ocorrências:

⁸⁸ Cf. Seção 4.1.2 *Funcionalismo linguístico* para detalhamento de cada princípio.

⁸⁹ Cf. seção 3.1 *O tratamento dado à ordem de termos em gramáticas de Língua Espanhola*, deste trabalho.

⁹⁰ Ressaltamos que, neste trabalho, foi considerado menos marcado em termos de frequência (ou mais frequente) o(s) fator(es) que obtiveram maior peso relativo (todos os fatores com peso acima de 0.5). Nas rodadas em que

Quadro 08 – Marcação e ordenação das orações temporais no Corpus Sociolinguístico da Cidade do México

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência⁹¹</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Anteposição	- marcado	+ ou -	+	+ ou -
Posposição	+ marcado	-	-	-
Intercalação	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Quanto à frequência, por ter a anteposição maiores percentuais, converte-se na forma menos marcada. Em termos de complexidade cognitiva, veremos que essa posição pode ser mais ou menos marcada, a depender do contexto⁹² em que apareça. Por exemplo, é menos complexo, em termos de processamento, que uma temporal com função de guia se anteponha, já que ela contém as informações necessárias para o entendimento do que virá a seguir. Por outro lado, assim como as intercaladas, por estabelecer uma quebra na sequência canônica do enunciado, é mais complexa estruturalmente e, por conseguinte, também mais complexa cognitivamente, por ser mais lento o processamento de termos fora de seu lugar habitual⁹³. Já as pospostas são menos marcadas por se apresentar em ordem canônica segundo os estudos normativos. Assim, seu processamento seria mais rápido em relação às demais posições.

Quanto à iconicidade, nem todos os princípios se aplicam a todas as características de cada posição da temporal. Por exemplo, as regras de entonação não serão aplicadas neste trabalho por esta não ser uma investigação no âmbito da Fonologia. Os demais princípios, – quantidade, espaçamento e sequência –, serão recuperados conforme sua aplicação nas variáveis. Segundo o subprincípio de espaçamento, seria a estrutura intercalada a menos icônica, por interromper a proximidade dos argumentos verbais. Já segundo o princípio de sequência, especificamente o subprincípio de ordem e importância, a posposição parece ser mais icônica, pois é mais natural apresentar primeiro os participantes e suas ações, para, finalmente, apontar o cenário no qual esses eventos se deram. Por fim, como na marcação, a anteposição pode ser mais ou menos icônica, a depender da função, porque, por exemplo, é mais relevante e icônico que a função guia seja apresentada em uma temporal anteposta.

os pesos não foram gerados, a marcação foi analisada observando-se os percentuais (todos os fatores com percentuais acima de 50%).

⁹¹ Em todos os quadros que se referem ao critério distribuição de frequência, a partir de agora, incluiremos a nomenclatura *marcado* após os sinais de + ou -, para que não se confunda com + ou - frequente, uma vez que, em termos de frequência, estruturas com o traço + *marcado* são menos frequentes e vice-versa.

⁹² Segundo Givón (1995), uma estrutura pode ser marcada em um contexto, mas não sê-lo em outro.

⁹³ Como fuge à proposta deste trabalho, não foi possível realizar testes psicolinguísticos. Assim, as informações referentes ao critério complexidade cognitiva advêm do apanhado bibliográfico.

Vejamos, agora, os grupos que atuam controlando a posição das temporais. Iniciemos pela anteposição.

6.2 Antepor? Por quê? Para quê?

Como dissemos anteriormente, os dados revelaram uma forte tendência à anteposição (56.6% de temporais antepostas), contrariando as tendências normativas (Cf. NEBRIJA, 1492; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781) em afirmar que o *locus* preferido das temporais é a posposição. Os dados revelam que a ordem canônica SVO(C), sugerida pelos gramáticos, está perdendo adeptos, em função de novas configurações sintáticas, reflexo de que a temporal tem novas funções para além de indicar tempo ou situar, na linha temporal, os eventos descritos, na principal. Essas funções, como, por exemplo, a função de guia⁹⁴, exigem novas posições para que se processe.

Para que pudéssemos chegar até os pesos relativos, tivemos de resolver alguns problemas metodológicos que se interpuseram durante as rodadas de anteposição com o programa estatístico. Em primeiro lugar, não só nas rodadas de anteposição, mas também nas outras duas seguintes, foi necessário remover, nos grupos que continham o fator “não se aplica” (codificação nula), os dados com essa característica. O grupo “Paralelismo sintático⁹⁵”, que observava a posição de temporais em períodos anteriores no mesmo subtópico, foi um deles. Esse grupo exigiria que todas as temporais tivessem correspondentes também temporais no mesmo subtópico, porém nem sempre havia outras orações desse tipo no mesmo subtópico. Portanto, esse dado sem seu correspondente foi excluído, e, esse grupo foi analisado com 125 dados dos 220 de anteposição. Outro grupo na mesma situação foi o “Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal⁹⁶”, porque havia orações sem sujeito/ sujeito inexistente, cuja referência não se podia recuperar. Esse grupo rodou com 168 dos 220 dados de anteposição.

Depois de remover, nos grupos, os dados com codificação nula, o programa revelou que não havia temporais antepostas com função de fundo avaliativo no grupo das funções textual-discursivas, revelando uso categórico que será explicado posteriormente. Assim, a solução foi excluir esse fator da rodada, para que o programa avançasse. Por fim, o programa selecionou, para a anteposição, os seguintes grupos, respectivamente nesta ordem:

⁹⁴ Cf. Decat (2001).

⁹⁵ Esse grupo englobava os seguintes fatores: a) anteposição, b) intercalação, c) posposição e d) não se aplica.

⁹⁶ Esse grupo englobava os seguintes fatores: a) temporal e principal com sujeito novo; b) temporal e principal com sujeito dado; c) temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado; d) temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo; e e) orações sem sujeito – não se aplica.

funções textual-discursivas, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal, paralelismo sintático, escolaridade do falante e relação cronológico-temporal, que terão seus pesos relativos e frequências apresentados em seguida. Após a seleção dos grupos, o programa descartou os seguintes fatores, nesta ordem: idade do falante, topicidade, extensão da oração, tipo de oração e de conectivo e relações lógico-semânticas, cujos percentuais, apenas, serão apresentados a seguir. Vejamos, portanto, cada grupo, e como eles motivaram a anteposição das temporais:

6.2.1 Grupos estatisticamente relevantes para a anteposição das temporais

A seguir, segue a exposição dos grupos considerados relevantes para a anteposição das orações subordinadas temporais no Espanhol mexicano oral, por ordem de seleção: funções textual-discursivas, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal, paralelismo sintático, escolaridade do falante e relação cronológico-temporal.

6.2.1.1 Funções textual-discursivas

O grupo das funções textual-discursivas foi a primeiro a se mostrar relevante nas rodadas de anteposição. Nossas hipóteses basearam-se em Decat (2001) e Souza (2006), que fazem um paralelo entre a posição da temporal e as funções textual-discursivas que ela pode assumir. Como dito, as funções a que a temporal serve estão forçando esse tipo de cláusula a posicionar-se de maneira a cumprir esses propósitos. Em Decat (2001), vemos que cláusulas com funções de Fundo/Moldura, Adendo e Avaliação apareceriam com mais frequência pospostas, e a função de Guia motivaria a anteposição. Já as temporais atípicas, cujas características semânticas as aproximam do *status* de figura, tal como as nucleares, seriam pospostas, expressando uma ordenação icônica (SOUZA, 2006). Vejamos, na tabela 02, as principais funções a que a temporal serve:

Tabela 02 – Funções textual-discursivas e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Fundo guia	148/190/77.9	0.715
Figura / temporal atípica	22/44/45.5	0.350
Fundo moldura	52/140/37.1	0.258
Fundo avaliativo	0/15/0	-

Fonte: elaborada pelo autor.

Assim, percebemos que a função guia da temporal motiva fortemente sua anteposição, confirmando a hipótese inicial. Segundo Decat (2001, p. 154), a temporal com essa função orienta o ouvinte “para o material seguinte, ou [funciona] mesmo como um guia para a atenção do receptor (...) [e] explica, assim, as ocorrências em posição inicial”, como no exemplo (49), a seguir:

(49) (...) ***cuando me dijeron la dirección/ yo pensé que estaba equivocado//*** (...) ((...)) ***quando me disseram a direção/ eu pensei que estava enganado//***((...)).

(ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

O exemplo (49) mostra como o falante usa a anteposição para guiar o ouvinte acerca do material subsequente. Na situação descrita, primeiro o falante situa o ouvinte para o momento quando disseram para ele o endereço, para, em seguida, mostrar o que ele pensou. Em (50), a temporal, além de sua indicação clássica de tempo, também cumpre o propósito de guiar o interlocutor:

(50) (...) ***cuando llegamos a la esquina/ se atravesó un coche/***. ((...)) ***quando chegamos à esquina/ atravessou um carro***).

(ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

Em (50), o falante monta o cenário temporal, guiando o leitor para o momento do evento, a chegada à esquina, e, depois, apresenta a situação mais relevante, o que realmente aconteceu depois da chegada deles à esquina.

Os fatores *figura* e *fundo moldura* não exerceram, de acordo com o programa, influencia forte a ponto de motivar a anteposição, embora temporais com essas funções também tenham sido observadas na coleta. Como dito anteriormente, o fator *fundo avaliativo* não apresentou nenhuma ocorrência para temporais antepostas, revelando uso categórico e mostrando que, quando o falante quer utilizar alguma temporal para também exprimir algum juízo de valor, ele a põe preferencialmente em posição posterior à principal.

Em relação à marcação, consideramos a anteposição uma estrutura marcada por complexidade estrutural em todos os grupos de fatores, por estabelecer uma quebra na ordem canônica do período. Vejamos, no quadro abaixo, a atuação dos demais critérios em relação ao grupo agora analisado:

Quadro 09 – Marcação e uso de temporal anteposta por funções textual-discursivas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Fundo guia	- marcado	-	+	-
Figura / temporal atípica	+ marcado	+	+	+
Fundo moldura	+ marcado	+	+	+
Fundo avaliativo	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação à frequência, a função *fundo guia* é a mais comum e, portanto, a menos marcada. No que se refere à complexidade cognitiva, é mais simples processar um período em que a temporal com função de guia se anteponha, já que ela contém as informações necessárias para o entendimento do que será exposto na principal. Em termos gerais, percebe-se um equilíbrio de forças, pois, embora esteja numa estrutura complexa, a temporal anteposta assume uma função que torna seu entendimento mais simples e, por isso, tem o uso mais frequente.

Em termos de iconicidade, essas ocorrências podem ser explicadas pelo subprincípio de ordem e importância, porque, se a temporal guia apresenta informações cruciais e importantes, é mais natural que elas sejam as primeiras a serem narradas.

6.2.1.2 Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal

O segundo grupo considerado relevante para esta análise foi o que diz respeito ao estatuto informacional dos sujeitos das orações em estudo – a temporal e sua respectiva principal/nuclear. De acordo com Halliday (1985), o falante constrói seus enunciados dispondo os elementos na seguinte ordem: informações conhecidas/velhas/elementos dados seguidas por informações/elementos novas(os). Assim, o período seria construído de forma a apresentar um tema, assunto sobre o qual se fala, geralmente informação velha, para depois apresentar-se um comentário, a informação nova sobre o tema. Da mesma maneira, Matte Bon (2010) explica que a sentença inicia pelos elementos já conhecidos e depois, inserem-se as informações novas. Essa disposição de elementos tanto pode ser observada em períodos simples, como nos períodos compostos por subordinação, como mostram os resultados da tabela abaixo:

Tabela 03 – Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	21/35/60.0	0.574
Temporal e principal com sujeito dado	138/258/53.5	0.495
Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado	7/15/46.7	0.450
Temporal e principal com sujeito novo	2/4/50.0	0.337

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados revelam que o falante tem preferência por primeiro apresentar a temporal com sujeito já conhecido, para situar o ouvinte, e, em seguida, na principal, acrescentar/apresentar novos sujeitos, como no exemplo (51), abaixo:

(51) (...) *cuando* <~*cua:ndo*:> *nosotros llegamos a vivir aquí a México/ un tío/ muy querido/ hermano de mi mamá (...)* vivía con nosotros// este tío/era dibujante/(...) ((...) *quando nós viemos morar aquí no México/ um tio muito querido/ irmão de minha mãe (...)* vivia conosco// este tio/era desenhista/(...)).

(ENTREVISTA 55 – ME-110-22M-00)

A anteposição também pode cumprir a função de tematizar elementos. Antepor determinados referentes significa orientar o ouvinte sobre o tópico discutido. Como aponta DeLancey (1981), ordens alternativas de sintagmas nominais, alterações de voz e topicalizações são mecanismos para gerenciar o fluxo de atenção, isto é, são recursos que o produtor das sentenças utiliza para chamar a atenção para um ou outro elemento da sentença. Geralmente, o elemento tematizado é o próprio enunciador, o que reflete a “natureza ego/antropocêntrica do discurso⁹⁷” (CAMACHO, 1996, p. 259), como no exemplo (52):

(52) (...) *cuando salí del internado/ me llevó tu tía T a una escuela que se llamaba Bancaria y Comercial (...)* ((...) *quando saí do internato/ me levou tua tia T a uma escola que se chamava Bancária e Comercial (...)*).

(ENTREVISTA 67 – ME-198-23M-01)

⁹⁷ Camacho (1996) tira essas conclusões baseado em Givón (1976) que postula acerca da probabilidade de alguns SN figurarem como tópico das sentenças. O funcionalista americano apresenta a seguinte hierarquia: Humano> não-humano, Definido>indefinido, Participante mais envolvido>participante menos envolvido, 1ª pessoa>2ª pessoa>3ª pessoa. Assim, segundo Givón (1976), teriam mais chances de constituir tópico os elementos com as seguintes características: seres humanos, referentes dados (+definidos), agentes, 1ª pessoa.

Os fatores *temporal e principal com sujeito dado* e *temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado*, não revelaram forte influência. Assim, parece que o falante, na relação temporal-principal, tende a construir seu enunciado alternando os sujeitos, sendo um primeiro dado; e o outro, novo. O fator *temporal e principal com sujeito novo* também não se mostrou relevante, provavelmente porque o falante crê que a sentença fique mais complexa para seu ouvinte se apresentar dois sujeitos novos em tão curto espaço de tempo, sem referenciá-los adequadamente, o que nos motiva a observar como a marcação se aplica nesse grupo. Observemos, no quadro 10, essa correlação:

Quadro 10 – Marcação e uso de temporal anteposta por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	- marcado	-	+	-
Temporal e principal com sujeito dado	+ marcado	-	+	+
Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado	+ marcado	+	+	+
Temporal e principal com sujeito novo	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Para efeitos de processamento mais rápido, é menos complexo que as temporais antepostas codifiquem sujeitos dados, o que leva a um aumento na utilização pelos falantes, fato comprovado pelos pesos relativos da tabela 03.

6.2.1.3 Paralelismo sintático

Um terceiro grupo que se mostrou relevante na competição pela anteposição foi *paralelismo sintático*, que reflete uma organização estrutural, por parte falante, do seu discurso. Hipotetizamos que o falante, no mesmo subtópico, não costuma fazer alternâncias de ordem, e mantém uma preferência por certos padrões de ordenação. Assim, se ele inicia com anteposição, segue antepondo as temporais até que outra motivação o faça realterar a posição das orações. Vejamos os resultados para esse grupo:

Tabela 04 – Paralelismo sintático no mesmo subtópico e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Anteposição	82/117/70.1	0.585
Posposição	27/53/50.9	0.423
Intercalação	16/34/47.1	0.331

Fonte: elaborada pelo autor.

Scherre (1998) considera relevante a repetição de uma mesma variável e estimula investigações nesse sentido. Porém, a autora explica que essa retomada formal pode ser apenas repetição mecânica de estrutura ou pode ter alguma função discursiva. Os resultados apontam que o paralelismo pode motivar, também, a anteposição das temporais. Assim sendo, vale a pena lembrar que a questão do paralelismo manifesta uma característica do indivíduo, nesse caso, o falante. Falantes mais propensos à anteposição costumam mantê-la do início ao fim em seu discurso.

Na tentativa de investigar outros fatores que se relacionam com o paralelismo, e como o indivíduo utiliza o paralelismo no contexto da anteposição, correlacionamos essa variável com a idade do falante, conforme se pode ver na tabela 5, abaixo:

Tabela 05 – Cruzamento entre os fatores idade do falante e Paralelismo sintático no mesmo subtópico na motivação do uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>		<i>Aplicação/Total/%</i>
<i>Idade do falante</i>	<i>Paralelismo</i>	
20-34 anos	Anteposição	31/38/82
35-54 anos		33/52/63
Maiores de 55 anos		18/27/67
20-34 anos	Intercalação	4/7/57
35-54 anos		8/17/47
Maiores de 55 anos		4/10/40
20-34 anos	Posposição	6/9/67
35-54 anos		14/28/50
Maiores de 55 anos		7/16/44

Fonte: elaborada pelo autor.

Considerando que valores maiores que 50% apontam para uma tendência de favorecimento da regra, os dados desse cruzamento apontam que, embora os falantes mais jovens tendam a manter o paralelismo (82%), eles também utilizam intercalação (57%) e posposição (67%) junto com a anteposição no mesmo subtópico. Por outro lado, os falantes com mais de 55 anos são mais fiéis à manutenção de paralelismo com temporais antepostas (67%).

Correlacionando os resultados desse grupo com o princípio de marcação, podemos explicar a tendência a manter o paralelismo. Vejamos essas relações no quadro abaixo:

Quadro 11 – Marcação e uso de temporal anteposta por paralelismo sintático no mesmo subtópico

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Anteposição	- marcado	-	+	-
Posposição	+ marcado	+	+	+
Intercalação	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Em termos de frequência, antepostas mantendo paralelismo com outras antepostas são mais comuns porque tornam o complexo contexto de anteposição mais simples em termos de processamento, pois, como a maioria das antepostas funciona como guia, segundo dados da tabela 02, é melhor que elas se fixem em apenas uma posição. Em termos de iconicidade, também é mais icônico que uma estrutura seja reflexo das outras que a sucederam.

6.2.1.4 Escolaridade do falante

O grupo escolaridade do falante também foi selecionado como motivador da ocorrência de temporais antepostas. Tal fato aponta para a validade das teorias de Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), teórico que observou a forte relação entre língua e sociedade, mostrando que fatores extralinguísticos também podem exercer influência no comportamento das formas da língua.

Segundo apontam as pesquisas em Sociolinguística, o número de anos de escolaridade de um indivíduo acaba por fazer com que ele adote as formas impostas pela gramática tradicional, em virtude da pressão da escola. Como apontam as gramáticas (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1781; NEBRIJA, 1492), a ordem SVO(C) deveria ser preferida em detrimento das demais, pois refletiria certa iconicidade – um agente realiza uma ação que afeta um paciente, de determinada maneira, em determinado lugar/tempo. Assim, a pressão normativa faz com que surjam padrões mais conservadores e outros inovadores (LABOV, 1972a), que geralmente são iniciados pela população mais jovem. Relacionando, portanto, a variante inovadora anteposição e a escolaridade do falante, como a tabela 6 mostra, algumas importantes considerações devem ser observadas:

Tabela 06 – Escolaridade do falante e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Nível médio	108/174/62.1	0.580
Nível alto	112/215/52.1	0.435

Fonte: elaborada pelo autor.

O primeiro ponto importante a se destacar é a influencia da escolaridade de nível médio (0.58) nas ocorrências de anteposição, em detrimento do nível alto (0.43)⁹⁸. Esse resultado confirma nossas hipóteses iniciais de que os falantes mais escolarizados teriam a tendência de manter a proximidade espacial entre verbos e seus argumentos, e dispor as orações de uma forma mais canônica (VOTRE, 2012), evitando, portanto, anteposição e intercalação.

O cruzamento entre os fatores escolaridade e idade do falante em relação à anteposição também merece ser posto em destaque:

Tabela 07 – Cruzamento entre os fatores idade do falante e escolaridade do falante na motivação do uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>		<i>Aplicação/Total/%</i>
<i>Idade do falante</i>	<i>Paralelismo</i>	
20-34 anos	Nível médio	32/50/64
35-54 anos		39/64/61
Maiores de 55 anos		37/60/62
20-34 anos	Nível alto	35/52/67
35-54 anos		50/98/51
Maiores de 55 anos		27/65/42

Fonte: elaborada pelo autor.

Como vimos na tabela 06, os falantes de nível médio preferem a anteposição. Realizando cruzamento com a variável idade, percebe-se que esse nível é o que menos apresenta variações. Por outro lado, o nível alto aponta para as hipóteses mais clássicas que postulam que os jovens são mais propensos a motivar as variantes inovadoras. Em suma, conforme mostrou a tabela 06, no uso de temporais antepostas, pessoas de nível alto têm mais tendência a evitá-la, porém, a tabela 07 revela que, entre os que a utilizam, a parcela mais jovem tende a motivar a regra mais que os mais velhos. Mesmo observando o grupo escolaridade em relação aos três padrões de ordenação, a anteposição continua mantendo a preferência, nos dois níveis.

⁹⁸ Ainda que a tabela 06 apresente resultados de anteposição *versus* intercalação e posposição juntas, em análise separada, podemos observar as mesmas preferências. Vejamos: nível médio (anteposição (62.1%), posposição (21.8%), intercalação (16.1%)), nível alto (anteposição (52.1%), posposição (29.3%), intercalação (18.6%)).

Em relação à marcação, apesar de a maioria dos estudos aplicarem-na apenas a fatores linguísticos, seguimos na direção de Andersen (2001), Vieira (2014) e Torres (2014), que também a correlacionam a fatores extralinguísticos. Porém, como não se podem tecer informações acerca de complexidade estrutural e cognitiva de fatores extralinguísticos, correlacionaremos esse princípio linguístico apenas observando as frequências de uso, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 12 – Marcação e uso de temporal anteposta por escolaridade do falante

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>
Nível médio	- marcado
Nível alto	+ marcado

Fonte: elaborado pelo autor.

Por ser mais frequentemente utilizada por falantes de nível médio, esse se configura em contexto menos marcado para as antepostas. De maneira oposta, a estrutura seria mais marcada se utilizada por falantes de nível alto. Essas correlações vão na direção da hipótese, que previa que os falantes de nível alto tenderiam a manter padrões canônicos.

6.2.1.5 *Relação cronológico-temporal*

O último grupo selecionado pelo programa estatístico como importante força motivadora do uso das temporais foi a *Relação cronológico-temporal*, que pode dar validade ao princípio de iconicidade, postulados por Givón (2001). O funcionalista prevê que a gramática é motivada e não-arbitrária e, por isso, a estrutura da língua deveria refletir a experiência de seus usuários com ela, estabelecendo uma relação icônica. Hipotetizamos, portanto, que o princípio da iconicidade poderia interferir na ordem das temporais, especialmente o subprincípio de ordem de ocorrência e ordem reportada. Segundo o Givón (2001), a ordem dos eventos narrados também motiva a ordem das sentenças da língua, o que parece plenamente aceitável, se considerarmos que o falante tenta moldar seu discurso para que tenha o mínimo de falhas possíveis, na tentativa de alcançar o interlocutor. Assim, a não ser por fortes motivações estilísticas, o falante tenderia a narrar fatos na ordem em que eles ocorreram. Desse modo, a anteposição seria motivada por relações cronológico-temporais de anterioridade. Vejamos os resultados:

Tabela 08 – Relação cronológico-temporal e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Simultaneidade	114/214/53.3	0.532
Anterioridade	99/149/66.4	0.505
Posterioridade	7/26/26.9	0.236

Fonte: elaborada pelo autor.

Como se pôde observar na tabela 08, dois fatores – simultaneidade (0.532) e anterioridade (0.505) – exerceram controle sobre a anteposição das temporais, embora um deles mais que o outro. Percebe-se, portanto, que relações temporais de simultaneidade, como no exemplo (53), e anterioridade, como em (54), fazem com que o falante seja mais propenso a antepor a temporal.

(53) (...) *cuando* <~*cuando*:>// *mi suegro vivía*/ pues <~pus> les nos/ *les dio a todos sus hijos su// su casa/ su/ donde iban a vivir/ (...)* ((...) *quando* // *meu sogro era vivo*/ pois a eles nos/ *deu a todos os seus filho sua// sua casa/ sua/ onde iam viver/ (...)*).

(ENTREVISTA 37 – ME-049-21H-99)

(54) (...) *cuando cumplí como diecisiete años me fui para Estados Unidos (...)* ((...) *quando completei dezessete anos fui para os Estados Unidos (...)*).

(ENTREVISTA 37 – ME-049-21H-99)

O enunciado (53) apresenta uma situação de cotemporalidade entre os eventos descritos na temporal e na principal, pois, na época em que o sogro do falante era vivo, deu uma casa para seus filhos. A temporal nessa situação também cumpre a função de guia, que, como vimos, também motiva a anteposição. Como os enunciados nem sempre revelam o início de eventos simultâneos, a relação de cotemporalidade se estabelece de tal forma que alterações de ordem não afetam o entendimento do enunciado, o que prejudicaria enunciados que retratem eventos realmente consecutivos, como os exemplos (29a) e (29b), retomados aqui:

(29) a. Sócrates bebió la cicuta y se murió. (Sócrates bebeu a cicuta e morreu).

b. *Sócrates se murió y bebió la cicuta. (Sócrates morreu e bebeu a cicuta).

(ROMERO GUALDA, 1985, p. 99)

Assim, por não apresentarem o início efetivo das ações, relações cronológico-temporais de simultaneidade são forças que motivam as temporais antepostas, porém requerem outra motivação, já que o princípio de iconicidade parece não se aplicar imediatamente.

O enunciado (54) torna válida a motivação de anterioridade para as temporais antepostas, porque primeiro o falante explica ter completado dezessete anos, para depois narrar os fatos subsequentes. Embora o princípio de iconicidade explique sentenças como essas, uma alteração de ordem, como em (54a) não tornaria o enunciado agramatical, ao contrário do exemplo (29b):

(54a) (...) *me fui para Estados Unidos cuando cumplí como diecisiete años*
también (...) ((...) *fui para os Estados Unidos quando completei dezessete anos*
também (...)).

O que podemos perceber é que, por seu próprio estatuto de circunstanciador verbal, a oração subordinada temporal tem liberdade na sentença, ainda que sua ordem seja motivada por alguns fatores. Alterações de ordem em temporais típicas não significam necessariamente a produção de enunciados agramaticais, como ocorre, por exemplo, em orações coordenadas, a exemplo da que vimos em (29a) e (29b). Produzirão enunciados agramaticais as chamadas orações temporais atípicas (SOUZA, 2006) ou subordinadas de oração (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999). Esse tipo de temporal contribui para o desenrolar dos eventos, ganha *status* de figura e é preferencialmente posposta, por isso será discutida posteriormente.

Vejam, agora, no quadro abaixo, como se comporta esse grupo correlacionando seus resultados também à marcação:

Quadro 13 – Marcação e uso de temporal anteposta por relação cronológico-temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Simultaneidade	- marcado	+	+	+
Anterioridade	- marcado	-	+	-
Posterioridade	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Apesar de, em termos de frequência, simultaneidade e anterioridade se mostrarem formas menos marcadas, ou seja, mais frequentes, em relação à complexidade cognitiva, tem

processamento mais fácil uma anteposta que narre eventos anteriores. Por isso, no geral, apesar das frequências, a anterioridade se torna a forma menos marcada.

6.2.2 Grupos estatisticamente não significativos para a anteposição das temporais

Embora não tenham sido selecionados pelo programa estatístico, os grupos apresentados a seguir apontam tendências de motivação para a anteposição. É possível que eles se mostrem relevantes em pesquisas com mais dados e/ou com a inserção de outros fatores. Por não terem se mostrado estatisticamente relevantes, apresentaremos apenas suas porcentagens e discutiremos de que maneira eles influenciam, mais ou menos, na anteposição. Assim, seguiremos à apresentação dos seguintes grupos: idade do falante, topicidade, extensão da temporal, tipo de oração e de conectivo e relações lógico-semânticas, por ordem de exclusão.

6.2.2.1 Idade do falante

Pesquisas acerca da ordenação de temporais têm apontado que a anteposição está se transformando na posição mais comum para este tipo de oração (GORSKI⁹⁹, 2000; PAIVA, 2008), constituindo-se em uma variante inovadora considerando a posposição. Em geral, as inovações são conduzidas pela parcela mais jovem da sociedade, pois os mais velhos, geralmente, assumem uma postura mais conservadora em relação a seus padrões de fala. Correlacionando idade do falante e o uso de temporais antepostas, vemos que as três faixas etárias analisadas nesta pesquisa motivam a anteposição, ainda que com percentuais distintos. Vejamos, na tabela 09, os resultados dessa correlação:

Tabela 09 – Idade do falante e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
20-34 anos	67/102/65.7
35-54 anos	89/162/54.9
Maiores de 55 anos	64/125/51.2

Fonte: elaborada pelo autor.

Se considerarmos que valores acima de 50% motivam a regra, percebemos que a anteposição é frequente e comum em todas as faixas etárias, embora os mais jovens tenham uma frequência um pouco maior de uso. Labov (1966, 1994) aponta que a parcela mais jovem da população é vanguardista em processos de mudança linguística, e que os estudiosos

⁹⁹ Não foram localizados estudos em Língua Espanhola nessa direção e Gorski (2000) atende o que foi lançado para a pesquisa, ainda que seu estudo seja com foco em Língua Portuguesa.

deveriam incluir, em suas investigações, gravações prolongadas da fala dos jovens, em virtude de sua extrema significância. O estudo de Jiménez Fernández (1997-1998), observando como meninos e meninas de 11 a 13 anos utilizam as subordinadas, apontou para uma preferência por temporais, iniciadas por *quando*, com forte utilização da anteposição.

Assim, mesmo que o programa não tenha considerado relevante esse grupo, uma vez que a anteposição percorre todas as faixas etárias, mais um estudo comprova a relação entre inovação linguística e parcela mais jovem da população.

Estabelecendo uma relação desses resultados com o princípio da marcação, temos a seguinte distribuição:

Quadro 14 – Marcação e uso de temporal anteposta por idade do falante

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>
20-34 anos	- marcado
35-54 anos	+ marcado
Maiores de 55 anos	+ marcado

Fonte: elaborado pelo autor.

Por ser mais frequente entre os jovens, essa faixa etária constitui fator não marcado para a anteposição. Em relação à complexidade cognitiva e estrutural, não há como se tecer considerações em grupos de cunho extralinguístico.

6.2.2.2 Topicidade

O estudo de Brasil (2005) aponta que o falante tende a utilizar a anteposição para marcar fronteiras entre tópicos e/ou subtópicos distintos. Baseado nesse estudo, hipotetizamos que as ocorrências de anteposição seriam relevantemente explicadas em termos de sua função como introdutora de novos tópicos/ subtópicos. Porém, provavelmente em virtude do número de dados, não conseguimos resultados que nos trouxessem afirmações mais exatas sobre a relação topicidade e anteposição. Vejamos os resultados:

Tabela 10 – Topicidade e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Temporal em contexto de continuidade tópica	189/326/58.0
Temporal em contexto de mudança de tópico	31/63/49.2

Fonte: elaborada pelo autor.

Apesar dos resultados aproximados, ao contrário do estudo de Brasil (2005), os contextos de continuidade tópica impuseram uma tendência maior no uso de temporais antepostas. Para ilustrar a discussão, observemos o trecho (55) de uma das entrevistas:

(55) (...) cuando <~cua:ndo:> nosotros llegamos a vivir aquí a México/ un tío/ muy querido/ hermano de mi mamá (...) vivía con nosotros// este tío/era dibujante/ (...) entonces tenía muchas pinturas <~pintu:ras> (...) tenía/ pues todos los elementos necesarios para hacer este tipo de trabajo (...) y yo/ pues <~ps> encantada de la vida/le/ limpiaba los pinceles (...) y y cuando él me daba el pincel azul/ pues yo le ponía lo azul// **cuando él me daba el rojo/ yo le ponía el rojo/** y ya después se lo lavaba y se lo daba (...). ((...) quando nós viemos viver no México/ um tio/ muito querido/ irmão de minha mãe (...) vivia conosco// este tio era desenhista/ (...) então tinha muitas pinturas (...) tinha/ pois¹⁰⁰ todos os elementos necessários para fazer este tipo de trabalho (...) e eu/ pois encantada da vida/ limpava os pinceis para ele (...) e e quando ele me dava o pincel azul/ pois eu colocava o azul// **quando ele me dava o vermelho/ eu colocava o vermelho /** e depois o lavava e o dava para ele (...)).

(ENTREVISTA 55 – ME-110-22M-00)

O trecho resumido dá conta do relato de infância de uma mulher de 48 anos, com nível médio de escolaridade. Segundo conta, um tio muito querido fazia pinturas e ela era a encarregada de limpar os pincéis e ajudá-lo em suas pinturas. Assim, ele dava a ela determinadas cores de pincel, ela os utilizava, lavava e devolvia a ele. Na narração do processo de utilização dos pincéis, a entrevistada utiliza duas temporais antepostas, em que a segunda ocorrência pode ser explicada por uma manutenção de paralelismo, já que as duas orações estão tão próximas e, por isso, tendem a ser espelhos uma da outra. Em termos de topicidade, a primeira ocorrência contribui para fazer progredir um tópico maior – sua relação com seu tio – e um subtópico menor – como ela o ajudava em suas pinturas –.

Para uma investigação mais detalhada sobre a influência da topicidade na anteposição seriam necessários mais dados, inclusive dada a dificuldade de encontrar temporais em posição de mudança de tópico. Quando o tópico muda, nem sempre uma temporal é utilizada para marcar essa mudança, daí a baixa ocorrência de antepostas em contexto de mudança de tópico.

Além do mais, o princípio de marcação ajuda a explicar a tendência de preferência pelos contextos de continuidade tópica. Vejamos, no quadro a seguir, os resultados dessa correlação:

¹⁰⁰ Marcador discursivo.

Quadro 15 – Marcação e uso de temporal anteposta por topicidade

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Temporal em contexto de continuidade tópica	- marcado	-	+	-
Temporal em contexto de mudança de tópico	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Como mostra o quadro, em relação à frequência, a anteposta em contexto de continuidade tópica é a forma menos marcada, por ser mais frequente e também por ser menos complexa cognitivamente. É mais fácil para o falante processar orações cujo tópico é o mesmo do que aquelas em que ele muda. Mais uma vez, há um equilíbrio entre as forças: a complexidade da estrutura é suavizada por baixa complexidade cognitiva, e por isso, é mais frequente. É importante salientar que não estamos tratando complexidade cognitiva como reflexo de complexidade estrutural, pois essa última, nesta investigação, decorre da relação com a principal.

6.2.2.3 Extensão da oração temporal

Os estudos de Quirk *et alli* (1985), Lessa (2012) e Paiva (2012) apontam que há uma relação entre a extensão da oração e sua posição. Suas pesquisas apontaram que as orações com mais material linguístico teriam *locus* preferencial às margens da principal. Assim, tentamos verificar se a anteposição seria mais frequente com orações curtas ou longas. Vejamos os resultados:

Tabela 11 – Extensão da oração temporal e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Longa, mais de 4 vocábulos	125/212/59.0
Curta, até 4 vocábulos	95/177/53.7

Fonte: elaborada pelo autor.

Como a tabela mostra, os resultados são muito aproximados, o que comprova que esse grupo não exerce tanta influência sobre o uso das antepostas. Há antepostas curtas e há antepostas longas. De todos os modos, há certa tendência de uso de temporais mais longas à margem esquerda da principal, o que valida parcialmente a hipótese. É possível que esse grupo exerça mais influência sobre as intercaladas, já que o falante evita interpor termos longos na sequência entre sujeito, verbo e complementos.

Em relação à marcação, podemos tecer alguns comentários. Vejamos a correlação com os fatores desse grupo no quadro a seguir:

Quadro 16 – Marcação e uso de temporal anteposta por extensão da oração temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Longa, mais de 4 vocábulos	- marcado	+	+	+
Curta, até 4 vocábulos	- marcado	-	+	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação à frequência, as orações longas mostraram tendência a ser mais comuns, apesar de sê-lo mais complexas cognitivamente e estruturalmente, o que é aparentemente contraditório. Porém, se pensarmos a partir de um princípio de iconicidade, a preferência pelas orações longas se justifica. Segundo Givón (2001), em seu subprincípio de quantidade, as orações com mais material fônico tendem a expressar mais conteúdos que as curtas. Como as antepostas tendem a funcionar mais como guia, orientando o leitor para as informações que se seguirão, é necessário que essas informações sejam o mais detalhadas possível, exigindo mais material linguístico para sua codificação. Assim, explica-se a tendência de a anteposição estar atrelada a orações mais longas. Por outro lado, as orações curtas também apresentaram percentual acima de 50% (menos marcadas por frequência) e, por serem de menor extensão, também são menos marcadas cognitivamente e, portanto, no geral, foram consideradas as formas menos marcadas.

6.2.2.4 Tipo de oração e de conectivo

Dada a relação entre presença de conectivo e tipo de oração (reduzida ou desenvolvida), esses grupos que deveriam figurar isoladamente foram, de início, amalgamados, a fim de verificar, de uma maneira sucinta, a relação entre esses grupos como um todo e a ordem das temporais. Porém, como veremos até o fim da análise, esse grupo não se mostrou relevante para explicar nenhum dos três padrões de ordenação expostos aqui. Nossos resultados gerais apontam que o tipo de oração e o tipo de conectivo que encabeça as temporais não motivam sua ordem, e que ela apresenta certa liberdade quanto à presença/ausência de conectivos e quanto a seu tipo. Seguem-se os resultados:

Tabela 12 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Reduzida	15/23/65.2
Desenvolvida, com conjunção	175/308/56.8
Desenvolvida, com locução conjuntiva	30/58/51.7

Fonte: elaborada pelo autor.

De início, hipotetizamos que as reduzidas teriam padrões mais livres de ordenação, mas vemos na tabela que esse tipo de oração tende a antepor-se mais que as outras. É provável que o falante utilize as reduzidas numa forma de tornar atemporal¹⁰¹ a circunstância, como em (56), ou chame a atenção para as ações de um sujeito que será retomado apenas na principal, ainda que em elipse, como em (57):

(56) (...) *viendo se aprende* (...). ((...) *viendo se aprende* (...)).

(ENTREVISTA 19 – ME-055-32M-99)

(57) (...) y el camión iba a dar vuelta/ (...) *al dar la vuelta la dio muy cerrada* (...).
((...) e o caminhão ia dar a volta/ (...) *ao dar a volta a deu muito fechada* (...)).

(ENTREVISTA 1 – ME-042-31H-99)

Em relação às orações com conectivo, atesta Jiménez Fernández (1997-1998) que o *quando* é a conjunção mais comum para introduzir as temporais, e a explicação está em seu próprio valor semântico. Por outro lado, como essa conjunção é utilizada em ampla gama de situações, ela é forte candidato a sofrer gramaticalização, entrando em outros contextos que não os de indicação de temporalidade, e pode, inclusive, modificar o *status* de uma temporal. Como veremos, as chamadas cláusulas atípicas (SOUZA, 2006) ou subordinadas de oração (GARCÍA FERNÁNDEZ, 1999) são introduzidas por *quando* e ganham *status* de figura, por fazerem progredir a narração dos eventos.

No que se refere à marcação, esse grupo pode ser dividido em dois subgrupos: o tipo de oração e o tipo de conectivo, que foram inicialmente amalgamados para que não se sobrepusessem no momento das rodadas estatísticas. Assim, dois quadros serão expostos para correlacionar marcação e o grupo de fatores ora estudado. Passemos a verificá-las, uma a uma:

Quadro 17 – Marcação e uso de temporal anteposta por tipo de oração

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Reduzida	- marcado	+	+	+
Desenvolvida	- marcado	-	+	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Em primeiro lugar, observemos o tipo de oração. Como apresentaram percentual maior que 50%, ambas as formas são menos marcadas em termos de frequência, ainda que as

¹⁰¹ Ou seja, sem marca morfológica explícita.

desenvolvidas sejam as menos marcadas no geral, por serem menos marcadas cognitivamente, assim mais fáceis de processar. Por ter conectivo expresso, o valor semântico das desenvolvidas é mais facilmente identificado e, portanto, é menos complexo para o falante reconhecer seu valor e utilizá-las. Vejamos o segundo quadro referente a esse grupo:

Quadro 18 – Marcação e uso de temporal anteposta por tipo de conectivo de temporais desenvolvidas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Desenvolvida, com conjunção	- marcado	-	+	-
Desenvolvida, com locução conjuntiva	- marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Separando apenas as desenvolvidas internamente, ambas são menos marcadas por frequência, porém, no geral, as desenvolvidas com conjunção são as menos marcadas, por serem menos complexas cognitivamente, como exposto acima. Já as locuções conjuntivas são mais complexas, conforme aponta Decat (2001), ao analisar os itens *na hora em que* e *no momento em que*:

Tais estruturas são geralmente analisadas como um sintagma nominal (SN) complexo – contendo, portanto, uma cláusula adjetiva – que tem por ‘cabeça’ um SN expresso por um item com carga lexical denotando tempo. Ora, tem-se aí uma expressão formada por uma preposição, um nome e um conectivo que, na verdade, equivale, toda ela, a um conectivo, exercendo a função de elo entre a cláusula e o restante do discurso. Na verdade, expressões como “*na hora em que*”, “*no momento em que*” etc. já estão sendo percebidas como um todo, pelos usuários da língua, à semelhança das locuções conjuntivas ‘admitidas’ pela Gramática Tradicional (DECAT, 2001, p. 114).

6.2.2.5 Relações lógico-semânticas

Como mostra Decat (2001), as orações subordinadas temporais podem indicar outras nuances semânticas, além da noção clássica de tempo. Baseando-se na proposta da autora, dividimos as temporais, para efeitos de codificação, nos seguintes grupos: aquelas que expressam tempo prototípico (58), as que expressam tempo e condição (59), as que expressam tempo e concessão (60), e as que expressam tempo e motivo (61), apresentadas abaixo:

(58) (...) **cuando era joven** trabajó/ *allá en la ciudad*/ pero después ya/ trabajó acá más aquí/ en el pueblo. ((...) **quando era jovem** trabalhou// lá na cidade/ mas depois já/ trabalhou aqui mais aqui/ no povoado).

(ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

(59) (...) *cuando asumes tu compromiso// en la danza// no lo puedes dejar.* ((...)
quando assumes teu compromisso// na dança// não podes deixá-lo.

(ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

(60) (...) entonces/ *cuando tenían como tres años ya me l-/ a R ya me lo llevaba
al consultorio/ (...).* ((...) então/ *quando tinham cerca de três anos já me l-/ a R
já me levava ao consultório/ (...).*

(ENTREVISTA 31 – ME-220-33M-02)

(61) (...) *cuando era temporada de lluvias (...)* se inundaba/. ((...) *quando era
temporada de chuvas (...)* se inundava).

(ENTREVISTA 67 – ME-198-23M-01)

Segundo a pesquisa da autora, as que expressam tempo e/ou condição eram frequentemente antepostas; as com relação de motivo eram frequentemente pospostas; e as portadoras de relação de concessão apresentaram ordem mais livre. Vejamos, nos resultados desta pesquisa, até que ponto essas hipóteses puderam, ou não, ser confirmadas:

Tabela 13 – Relações lógico-semânticas e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Tempo e Motivo	48/72/66.7
Tempo e Condição	47/77/61.0
Tempo prototípico	120/227/52.9
Tempo e Concessão	5/13/38.5

Fonte: elaborada pelo autor.

Com um olhar geral, percebe-se que as relações de motivo, condição e tempo tendem a motivar as antepostas um pouco mais que as relações de concessão. Entre elas, as relações de motivo e condição, nessa ordem, exerceriam mais força. Assim, podemos concluir que o falante tende a expressar, em primeiro lugar, o motivo, a condição ou o tempo em relação ao evento da principal, e, aparentemente¹⁰², evita expressar relações de concessão em

¹⁰² Dizemos *aparentemente* porque, realizando cruzamento entre os grupos *relações lógico-semânticas e funções textual-discursivas*, das cinco temporais antepostas que expressam concessão, três funcionam como guia, o que mostra que, entre as com valor de concessão, há preferência pela anteposição, ordem que mais codifica a função guia.

primeiro lugar, na tentativa de primeiro expressar o fato para, só depois, contrariar a informação.

No que diz respeito à marcação, vejamos os resultados dessa correlação no quadro abaixo:

Quadro 19 – Marcação e uso de temporal anteposta por relações lógico-semânticas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Tempo e Motivo	- marcado	+	+	+
Tempo e Condição	- marcado	+	+	+
Tempo prototípico	- marcado	-	+	-
Tempo e Concessão	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Em termos de frequência, as relações de motivo, condição e tempo são mais suscetíveis a serem codificadas por temporais antepostas, porém, em termos gerais, as menos marcadas cognitivamente são as que indicam tempo prototípico, valor prototípico e primeiro das temporais.

Em termos de iconicidade, também é mais icônico que as temporais expressem tempo. Ainda assim, relações de motivo e condição amalgamadas com a noção de temporalidade são, nessa ordem, as mais frequentes. Isso revela que a ordem é recurso fundamental para revestir as temporais de outros valores semânticos. Como as antepostas funcionam frequentemente como guia, esses resultados mostram que, para o falante, é mais viável expressar o cenário temporal revestido de valores de motivo e condição antes de qualquer outra informação. Os valores de motivo prototipicamente são codificados por construções causais (subordinadas causais e coordenadas explicativas), já os de condição o são pelas subordinadas condicionais.

Os estudos de Braga (1999) comprovaram que construções causais costumam aparecer antepostas ou pospostas, a depender do conectivo que as introduza. As iniciadas por *como* vêm frequentemente antepostas, estabelecendo o tópico, a informação partilhada, já as encabeçadas por *porque* se pospõem, por apresentar informação nova. Como vimos, as temporais antepostas tendem a funcionar como guia, estabelecendo o tópico, e, por isso, frequentemente expressam os mesmos valores semânticos que as de motivo.

Haiman (1999) também apontou que as subordinadas condicionais são tópicos das construções em que estão inseridas. Ou seja, constituem moldura para a validade do que será enunciado. Além do mais, os estudos de Neves (1999) comprovam que a maioria das

condicionais são antepostas. Assim, as temporais carreadas dessas funções também devem apresentar as mesmas características estruturais, pois servem às mesmas funções.

6.2.3 Contextos prototípicos que favorecem anteposição das temporais

Em suma, após essa análise, percebemos que a anteposição da temporal pode ser mapeada pela atuação de alguns fatores e pode ter, em geral, as seguintes características:

- Exerce a função de guia, ou seja, orienta o leitor para as informações que se seguirão;
- Apresenta sujeitos dados e sua principal codifica sujeitos novos;
- Aparece em conjunto com outras antepostas no mesmo subtópico. Esse fator, relacionado à idade do falante, mostra que os mais velhos tendem a obedecer mais ao paralelismo;
- É mais utilizada por falantes de nível de escolaridade médio e jovens de nível de escolaridade alto;
- Encerra, com sua respectiva principal, relações de simultaneidade e de anterioridade, refletindo uma ordenação icônica;
- É frequentemente utilizada por falantes de diversas faixas etárias, embora seja mais comum entre os mais jovens;
- Tem uma tendência a estabelecer, preferencialmente, relações de continuidade tópica, embora também estejam bem presentes em contexto de mudança de tópico;
- Embora tenha tendência de apresentar mais material linguístico (temporais longas), também as mais curtas são frequentes;
- As reduzidas, em geral, são antepostas. Quanto a desenvolvidas, geralmente, iniciam pela conjunção *quando* e não têm, necessariamente, uma ordem fixa a depender do tipo de conectivo que a introduza;
- É mais propensa a expressar as relações textual-discursivas de motivo, condição e tempo.

Exposto o mapeamento sintático, semântico, pragmático e discursivo das temporais antepostas, vejamos como se comportam as temporais pospostas.

6.3 Pospor? Por quê? Para quê?

Como visto, a posposição vem sendo apontada pelos gramáticos como a variante mais conservadora das três em análise. Do ponto de vista semântico, a tradição parece preferir a posposição da temporal porque os participantes e as ações narradas parecem ser mais importantes que as circunstâncias espaciais/temporais. Quando essas informações circunstanciais se revelam importantes para o desenvolvimento da narrativa, ou cruciais para o entendimento das informações, a temporal se antepõe e exerce funções para além da indicação de tempo, como, por exemplo, a função de guia, observada nas seções iniciais deste capítulo.

Como na metodologia das antepostas, para que o programa pudesse realizar as rodadas adequadamente com foco nas pospostas, tivemos de resolver algumas questões. Como explicamos anteriormente, de início, observamos todos os grupos e retiramos os fatores do tipo *não se aplica*. Assim, o grupo “Paralelismo sintático” rodou com 52 dos 101 dados, e o grupo “Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal” rodou com 85 dos 101 dados de posposição.

Após a remoção desses dados, o programa detectou usos categóricos no grupo das funções textual-discursivas. Neste grupo, trabalhávamos com os fatores *figura*, *fundo cênico – guia*, *fundo cênico – moldura* e *fundo avaliativo*. O fator *fundo cênico – guia* não apresentou dados com temporais pospostas, e podemos explicar essa ausência pelo próprio *status* deste fator – o de guiar o leitor para o material subsequente. Para não retirar o fator, resolvemos amalgamá-lo com outro muito similar, *fundo cênico – moldura*, pois ambos têm também a função de apresentar o cenário no qual as ações da temporal se dão. Em seguida, o programa detectou que o fator *fundo avaliativo* é de uso categórico em temporais pospostas (100% das ocorrências de posposição). Preferimos, então, removê-lo e explicar o uso categórico, porque, se ele continuasse na rodada, o programa não geraria, na próxima etapa, os pesos relativos, números tão importantes para a observação da interação entre os fatores. Ao final, ficamos apenas com os fatores *figura – temporal atípica* e *fundo cênico* (amalgamação entre *guia* e *moldura*). Esse grupo, portanto, rodou com 86 dos 101 dados de posposição. Por fim, o *software* também identificou ausência de dados no fator *temporal e principal com sujeito novo* do grupo “Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal”. Após exclusão desse fator, o programa rodou este grupo com 85 dos 101 dados, e desta vez, sem problemas.

Ao final dessas alterações, o programa seguiu para a próxima etapa e selecionou, nesta ordem, os seguintes grupos: relação cronológico-temporal, funções textual-discursivas, idade do falante, relações lógico-semânticas e paralelismo sintático, cujos resultados serão apresentados em função de seu peso relativo. Em seguida, o programa descartou, nesta ordem, os seguintes grupos: escolaridade do falante, tipo de oração e de conectivo, topicidade, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e extensão da temporal, cujas porcentagens, apenas, serão utilizadas para efeito de análise. A seguir, apresentamos os resultados:

6.3.1 Grupos estatisticamente relevantes para a posposição das temporais

Esta seção comporta a análise dos grupos selecionados como motivadores para a posposição das orações temporais no Espanhol mexicano oral. As subseções serão apresentadas na ordem de seleção dos grupos pelo programa: relação cronológico-temporal, funções textual-discursivas, idade do falante, relações lógico-semânticas e paralelismo sintático.

6.3.1.1 Relação cronológico-temporal

Esse grupo tenta mostrar a relação que há entre a posição das orações e a ordem dos eventos relatados. Vimos, em Givón (2001), que o princípio de iconicidade pode, também, explicar a ordem de orações. No início deste capítulo, mostramos que a anteposição é fortemente motivada por relações de simultaneidade e anterioridade, nesta ordem, confirmando, ainda que parcialmente, as hipóteses iniciais. Baseamo-nos, também, no estudo de García de Paredes (1993), que aponta que a ordem traduz, de certo modo, a realidade. Assim, baseados em Givón (2001) e García de Paredes (1993), imaginamos que relações de posterioridade seriam codificadas em temporais pospostas. Vejamos como se comportaram os dados:

Tabela 14 – Relação cronológico-temporal e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Posterioridade	16/26/61.5	0.758
Simultaneidade	55/214/25.7	0.496
Anterioridade	30/149/20.1	0.456

Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com os resultados apresentados, o peso 0.75 sugere forte a motivação de iconicidade em temporais pospostas. Percebemos que o falante tende a pospor a temporal quando esta apresenta fatos posteriores aos narrados na principal, como mostra o exemplo (62):

(62) (...) *cayeron hace quince días (...) antes de/ que empezara este/ esta/ este temporada de agua. ((...) caíram faz quinze dias (...) antes que começasse esta tempordinha de água).*

(ENTREVISTA 49 – ME-048-22H-99)

Na situação descrita, os participantes estão falando sobre fenômenos meteorológicos, em especial, geadas e chuvas. Na linha temporal, primeiro caíram as geadas e, quinze dias depois, começou a temporada de água (provavelmente o início das chuvas). A relação de iconicidade aqui motiva o falante a falar primeiro sobre as geadas, e, em seguida, sobre as chuvas. Como a narração sobre a chuva está na temporal, ela se pospõe, pois apresenta fato posterior.

Correlacionando o grupo de fator estudado nesta seção com critérios de marcação, observamos os seguintes resultados:

Quadro 20 – Marcação e uso de temporal posposta por relação cronológico-temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Posterioridade	- marcado	-	-	-
Simultaneidade	+ marcado	+	-	+
Anterioridade	+ marcado	+	-	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao contrário da anteposição, os períodos que apresentam posposição são considerados não marcados em termos de complexidade estrutural, por se tratar de uma ordem canônica. Assim, para a variante posposição, todos os quadros de correlação com princípios de marcação em cada grupo apresentarão menor complexidade estrutural.

Aplicando o princípio da marcação no grupo *relação cronológico-temporal*, vemos que as relações de posterioridade são menos marcadas em termos de frequência por também o serem no que se refere à complexidade cognitiva. As relações de simultaneidade e anterioridade, apesar de inseridas em uma estrutura não marcada, continuam, no geral, sendo marcadas, por também não atenderem ao princípio icônico de ordem de ocorrência e ordem reportada.

6.3.1.2 Funções textual-discursivas

Há importantes considerações acerca desse grupo de fatores. Ele aponta para um *status* da temporal, o de figura, e revela também usos categóricos. Em Souza (2006), a temporal que contribui para o desenvolvimento da narrativa apresenta um comportamento atípico e é posposta, revelando uma ordenação também icônica. Quanto às demais funções, de acordo com Decat (2001), fundo/moldura, adendo e avaliação motivariam a posposição. Vejamos os resultados:

Tabela 15 – Funções textual-discursivas e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Figura / temporal atípica	15/44/34.1	0.588
Fundo Guia e Fundo Moldura (amalgamados)	71/330/21.5	0.488
Fundo avaliativo	15/15/100	-

Fonte: elaborada pelo autor.

Em primeiro lugar, observemos o fator *figura/ temporal atípica*, que exerce força considerável no uso das temporais pospostas. Como apontam García Fernández (1999) e Souza (2006), esse subgrupo das temporais acrescenta novos eventos à narração, posteriores aos narrados na principal, com verbos que indicam perfectividade. Chegamos, inclusive, a exercer função de figura, quando, na principal, há verbos de aspecto imperfectivo, como mostra o exemplo (47), retomado aqui:

(47) (...) *yo ya estaba listo para salir cuando// cuando// se vino el terremoto.*
 ((...) *eu já estava pronto para sair quando veio o terremoto*).

(ENTREVISTA 7 – ME-107-31M-00)

No exemplo (47), a temporal contribui mais para a continuidade da narrativa que a principal. Esse fato revela que a temporal apresenta outras funções para além de indicar tempo e *status* similar ao de nuclear.

Outro fator que merece destaque nesse grupo é *fundo avaliativo*, cujo peso não foi gerado por se tratar de uso categórico. Na verdade, é o fator que mais motiva a posposição, pois, se fosse gerado, seu peso teria valor 1, o mais alto na escala. O exemplo (63) ilustra uma temporal com essa função:

(63) (...) *los médicos en el seguro// este/ la atendieron mal/ le sacaron radiografías **cuando no debían***. ((...) *os médicos no seguro// este/ a atenderam mal/ tiraram radiografias dela **quando não deveriam***).

(ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01).

Nessa situação, o falante emite sua opinião acerca do mau atendimento médico a uma paciente. Ele usa a temporal para posicionar-se em relação à situação. Os resultados mostraram, que, nas situações descritas nessa pesquisa, esse tipo de função da temporal é sempre expresso por temporais pospostas, o que significa que o lugar preferencial para este tipo de função é após a apresentação do fato. Assim, primeiro o falante apresenta o fato/situação e, em seguida, posiciona-se sobre ele.

Tendo em vista os princípios de marcação, também há importantes considerações a serem feitas. Observemos o quadro abaixo:

Quadro 21 – Marcação e uso de temporal posposta por funções textual-discursivas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Figura / temporal atípica	- marcado	+	-	+
Fundo Guia e Fundo Moldura (amalgamados)	+ marcado	+	-	+
Fundo avaliativo	- marcado	-	-	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Vemos que, por alta frequência, os fatores *figura/temporal atípica* e *fundo avaliativo* se constituem como formas menos marcadas, sendo o último também menos marcado cognitivamente e estruturalmente. Assim, no geral, é o fator *fundo avaliativo* é a forma menos marcada em todos os critérios, sendo altamente motivadora de posposição. O fator *figura* é mais complexo cognitivamente porque, em geral, é comum que a temporal expresse cenário. Por isso, a codificação de temporal atípica/figura seria mais laboriosa. Já os fatores *fundo guia* e *fundo moldura*, amalgamados, são mais marcados em frequência e em complexidade cognitiva porque a função de *guia* é mais comum em antepostas.

A partir de um ponto de vista icônico, podemos também explicar os baixos índices de temporais pospostas como guia e a preferência pela expressão da função de avaliação. Se a temporal guia serve para direcionar o leitor para o que virá, não faz sentido que ela se posponha. Por outro lado, em relação à avaliação, é mais comum que o falante apresente o

fato e depois o avalie, em uma oração posposta. Desse modo, podemos explicar, em termos pragmático-discursivos, a relação posposição e avaliação.

6.3.1.3 Idade do falante

A idade do falante é um dos grupos que contribuem para validar os princípios da Sociolinguística Variacionista, propostos por Labov. Estudos apontam que variantes conservadoras têm altas frequências na fala de pessoas de mais idade. Então, é possível que a posposição seja mais utilizada pelo terceiro grupo de falantes selecionados para esta investigação, os falantes com mais de 55 anos. Vejamos os resultados:

Tabela 16 – Idade do falante e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Maiores de 55 anos	42/125/33.6	0.617
35-54 anos	41/162/25.3	0.482
20-34 anos	18/102/17.6	0.386

Fonte: elaborada pelo autor.

Os resultados, portanto, confirmam nossas hipóteses iniciais. Os mais velhos mantêm um padrão de uso de variantes conservadoras quanto à posição das temporais. Labov (1994) ressalta a importância desse grupo social, pois reflete os padrões canônicos da língua. Apesar das deteriorações que podem interferir na fala dessa fatia da população, eles mantêm clareza e precisão em sua fala, e há alguns que encaram uma entrevista com o mesmo vigor de um jovem. Segundo o sociolinguista americano, a fala desse grupo revela características do estado da língua de 40 ou 50 anos atrás.

Como era esperado, a fatia mais jovem não apresenta uso intenso da posposição, e os adultos situam-se em uma faixa média, provavelmente prestes a adotar posições mais canônicas à medida que sua idade vai avançando.

Vejamos, agora, a correlação desse princípio com os critérios de marcação no quadro abaixo:

Quadro 22 – Marcação e uso de temporal posposta por idade do falante

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>
Maiores de 55 anos	- marcado
35-54 anos	+ marcado
20-34 anos	+ marcado

Fonte: elaborado pelo autor.

Como dissemos anteriormente, apesar de correlacionarmos marcação e fatores extralinguísticos, não os descreveremos em termos de complexidade cognitiva e estrutural. No que diz respeito à frequência, o quadro mostra que é menos marcada a posposição em uso por parte dos maiores de 55 anos, por apresentarem a tendência de refletir os padrões canônicos da língua.

6.3.1.4 Relações lógico-semânticas

O grupo relações lógico-semânticas ajuda a explicar as funções a que a temporal serve. Para além de indicar tempo prototípico, essas construções também servem no apontar para outras direções semânticas: concessão, condição, motivo etc, conforme estudo de Decat (2001). Essas relações semânticas da adverbial temporal motivam sua ordenação em relação à principal. Como se pode ver na tabela 16, abaixo, o programa estatístico considerou relevantes, nesta ordem, as relações de *tempo e concessão* e *tempo prototípico* como favorecedoras à posposição.

Tabela 17 – Relações lógico-semânticas e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Tempo e Concessão	6/13/46.2	0.688
Tempo prototípico	71/227/31.3	0.576
Tempo e Condição	14/77/18.2	0.390
Tempo e Motivo	10/72/13.9	0.346

Fonte: elaborada pelo autor.

As interpretações de tempo e concessão são ilustradas no enunciado (64), abaixo:

(64) (...) *la muerte que te ¡llega! cuando no la quieres*. ((...) *a morte que te chega! quando não a queres*).

(ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

De acordo com Mitchell (1985, p. 706) *apud* Harris (1988, p. 72), numa sentença concessiva “a verdade da oração principal é asseverada, a despeito da proposição contida na oração subordinada”. Em (64) apresenta-se que a morte chega, e é um fato dado como certo, mesmo que se queira ou não. Por outro lado, há também a interpretação de temporalidade, que expressa o momento em que a morte chega: quando alguém não a quer. Nossa hipótese

inicial, baseada no estudo de Decat (2001), confirma-se parcialmente¹⁰³, pois a investigação da linguista mostrou que relações de tempo e concessão tendem a ser expressas por temporais antepostas, pois envolvem também contraste. Neste estudo, com dados de fala do Espanhol mexicano, percebemos que essas relações motivam a posposição, provavelmente porque é mais natural primeiro apresentar o fato para depois contrariá-lo.

Além da ambiguidade interpretativa de tempo-concessão, a relação de *tempo prototípico* também foi considerada como mecanismo que favorece a posposição. Essa relação é característica prototípica e primeira das temporais, e é o que as faz ser classificadas como tal, além do tipo de conectivo encabeçador da subordinada, geralmente o *quando*. Ilustramos, em (65), essa relação:

(65) (...) *A se acercó a la mesa (...) [cuando] estábamos comiendo.* ((...) *A se aproximou da mesa (...) [quando] estábamos comendo*).

(ENTREVISTA 6 – ME197-31H-01)

Na cena apresentada, a subordinada posposta situa temporalmente o momento em que o indivíduo A se aproximou da mesa. Essa relação de *tempo prototípico* expressa por temporais pospostas parece confirmar os postulados gramaticais tradicionais, que rezam que primeiro o falante apresenta a cena e os participantes, para, logo após, expressar o momento em que os fatos de deram. Sendo assim, podemos dizer que as temporais semanticamente prototípicas aparecem pospostas à principal.

Em relação à marcação, os fatores desse grupo podem ser relacionados da seguinte maneira:

Quadro 23 – Marcação e uso de temporal posposta por relações lógico-semânticas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Tempo e Concessão	- marcado	+	-	-
Tempo prototípico	- marcado	-	-	-
Tempo e Condição	+ marcado	+	-	+
Tempo e Motivo	+ marcado	+	-	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Em termos de complexidade cognitiva, as relações de *tempo prototípico* são menos marcadas, pelo próprio caráter semântico primeiro das temporais. No que tange à frequência, as relações de *tempo e concessão* e *tempo prototípico* são as formas menos

¹⁰³ Dizemos *parcialmente*, pois a posição inicial é privilegiada em contextos de língua escrita.

marcadas. Quanto ao tempo, a explicação reside no próprio valor que a adverbial temporal veicula, mas a surpresa são as relações de concessão. Porém, analisando-se o valor das construções concessivas (adverbiais concessivas e coordenadas adversativas), é mais icônico que um fato seja apresentado/pressuposto para, em seguida, ser contrariado. Essa é uma marca forte das adversativas, ainda que não necessariamente de todas as adverbiais concessivas.

6.3.1.5 Paralelismo sintático

Quando relacionadas às temporais pospostas, as questões de paralelismo parecem confirmar apenas parcialmente as hipóteses iniciais de que o falante tende a manter um padrão de ordenação de temporais em um mesmo subtópico. Vejamos a tabela que explica o comportamento desse grupo de fatores:

Tabela 18 – Paralelismo sintático e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Intercalação	14/34/41.2	0.706
Posposição	15/53/28.3	0.533
Anteposição	23/117/19.7	0.422

Fonte: elaborada pelo autor.

Como visto na tabela, este estudo mostrou que temporais pospostas aparecem frequentemente com outras intercaladas (peso 0.706) em um mesmo subtópico. É possível que outros fatores contribuam para explicar a relação de paralelismo posposição-intercalação. Além de selecionar a intercalação, o programa estatístico também destacou a posposição (0.533), confirmando a hipótese de paralelismo. Sendo assim, podemos dizer que o falante, quando inicia subtópicos com pospostas, também tende a utilizar outras pospostas.

Passemos, agora, a correlacionar os fatores desse grupo a critérios de marcação. Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 24 – Marcação e uso de temporal posposta por paralelismo sintático

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Intercalação	- marcado	+	-	-
Posposição	- marcado	-	-	-
Anteposição	+ marcado	+	-	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Embora a posposição seja a forma menos marcada em termos de complexidade cognitiva, a intercalação o é em termos de distribuição de frequência. Como veremos na

análise das intercaladas, o contrário também se verifica: intercaladas operam com outras pospostas no mesmo subtópico. Cremos que elas apresentam uma relação mais estreita entre si, ao contrário da anteposição, que costuma isolar-se, operando com outras antepostas.

Em relação à iconicidade, seria mais comum que pospostas operassem com outras pospostas, e esse fato é comprovado pelo peso 0.533, que supõe forte motivação. Podemos, então, prever, que pospostas e intercaladas devem possuir características comuns que as assemelham, ao ponto de sua relação ser frequente entre os usuários, embora aparentemente mais complexo do ponto de vista cognitivo do que se operasse com outras pospostas. Uma das características semelhantes entre as duas é a função anafórica, de retomar itens, ao contrário da anteposição, que pode também operar retomada, porém com períodos anteriores.

Após a exposição dos grupos que favorecem a posposição, vejamos os que não foram considerados significativos para explicar esse padrão de ordenação.

6.3.2 Grupos estatisticamente não significativos para a posposição das temporais

Os grupos citados a seguir não se mostraram favorecedores da posposição de temporais. São eles: escolaridade do falante, tipo de oração e de conectivo, topicidade, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e extensão da temporal. Como mencionado anteriormente, esses grupos, apesar de não expressarem motivações explícitas para o comportamento das temporais, apontam para tendências que, em estudos com mais dados, podem se mostrar relevantes.

6.3.2.1 Escolaridade do falante

Os dois níveis de escolaridade estudados nesta análise mostraram valores muito parecidos no que tange à posposição. Vejamos os resultados:

Tabela 19 – Escolaridade do falante e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Nível alto	63/215/29.3
Nível médio	38/174/21.8

Fonte: elaborada pelo autor.

Como visto na tabela 19, os níveis de escolaridade não parecem exercer influência na posposição, porém há uma leve tendência de falantes de nível alto manifestarem esse padrão de ordenação. A relação alto nível de escolaridade e posposição pode ser explicada nas palavras de Votre (2012), que prevê que falantes mais escolarizados têm a tendência de

manter a proximidade espacial entre o verbo e seus argumentos, dispondo a sentença de forma mais canônica.

No que tange à marcação, vejamos como esses resultados se correlacionam com os critérios:

Quadro 25 – Marcação e uso de temporal posposta por escolaridade do falante

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>
Nível alto	- marcado
Nível médio	+ marcado

Fonte: elaborado pelo autor.

Por ter o uso sutilmente mais frequente entre falantes do nível alto, a posposta é considerada menos marcada se correlacionada esse fator. Isso porque ela reflete uma ordem mais canônica.

6.3.2.2 Tipo de oração e de conectivo

O grupo *tipo de oração e de conectivo* também não foi selecionado pelo programa Goldvarb, porém aponta para uma tendência que vale ser analisada. Vejamos os resultados na tabela 20, abaixo:

Tabela 20 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Desenvolvida, com locução conjuntiva	20/58/34.5
Desenvolvida, com conjunção	78/308/25.3
Reduzida	3/23/13.0

Fonte: elaborada pelo autor

As temporais pospostas tendem a ser expressas por orações desenvolvidas com conjunção ou locução conjuntiva, como mostram os exemplos (66) e (67), abaixo:

(66) (...) *a mí me dieron también la técnica inglesa cuando/ me dieron clásico en la escuela.* ((...) *me deram também a técnica inglesa quando/ me deram clássico¹⁰⁴ na escola).*

(ENTREVISTA 24 – ME259-32M-05)

(67) (...) *lloré hasta que me cansé.* ((...) *chorei até que me cansei).*

(ENTREVISTA 55 – ME110-22M-00)

¹⁰⁴ No contexto, a narradora se refere a aulas de dança clássica.

A temporal com locução tende a pospor-se principalmente quando vem encabeçada por *hasta que (até que)*. Esse conectivo reflete um princípio de iconicidade, o de ordem dos eventos e ordem reportada, e introduz um limite para a ação expressa na nuclear. Em (67), primeiro o falante chorou e depois se cansou, e o fato de ele ter se cansado constitui o limite de sua ação de chorar. Tais vieses semânticos de conectivos como esse conduzem à posposição.

Já as reduzidas aparecem em menor número, provavelmente por demandarem maior esforço cognitivo, por ter omitido o conectivo, e o verbo, em formas nominais, estar isento de marcas de presente, passado ou futuro, como se pode ver no exemplo (68), a seguir:

(68) (...) *agarra a toda la gente **durmiendo***. ((...) *agarra a todas as pessoas **dormindo***).

(ENTREVISTA 25 – ME009-33H-97)

Se introduzida por conectivo, a oração (68) pode ser parafraseada como “(...) *agarra a toda a gente **quando está dormindo***”. Por demandarem maior esforço cognitivo, as reduzidas vêm em menor número, atendendo ao princípio de marcação, conforme o quadro 26, exposto mais abaixo. Por fim, pode-se afirmar que os resultados apontam para uma tendência de se colocar temporais introduzidas por locução conjuntiva mais próximas do verbo, preferindo a posposição, o que confirma nossas hipóteses iniciais.

Em relação à marcação, uma vez mais devemos separar esse grupo em duas partes, o tipo de oração e o tipo de conectivo. Em primeiro lugar, vejamos os resultados da correlação marcação e tipo de oração para as pospostas:

Quadro 26 – Marcação e uso de temporal posposta por tipo de oração

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Desenvolvida	- marcado	-	-	-
Reduzida	+ marcado	+	-	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Por ser a forma menos complexa estruturalmente, a temporal desenvolvida posposta também o é em termos de distribuição de frequência e de complexidade cognitiva. As desenvolvidas são mais fáceis de processar por terem conectivo expresso e, portanto, são mais utilizadas, o que acontece de maneira oposta com as reduzidas, sem conectivo. As reduzidas são mais complexas cognitivamente, por dois motivos, segundo Decat (2001):

Primeiramente, nem sempre será possível achar-se uma correspondência entre cláusula reduzida-cláusula desenvolvida que seja a expressão exata do significado da construção, da mesma forma como nem sempre a uma cláusula adverbial corresponde um advérbio. E, em segundo lugar, porque uma mesma configuração externa pode levar a enganos de interpretação sobre a relação adverbial mantida pela cláusula reduzida (DECAT, 2001, p. 136).

Em segundo lugar, vejamos o comportamento das desenvolvidas internamente, em termos de critérios de marcação:

Quadro 27 – Marcação e uso de temporal posposta por tipo de conectivo de temporais desenvolvidas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Desenvolvida, com locução conjuntiva	- marcado	+	-	-
Desenvolvida, com conjunção	+ marcado	-	-	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Apesar de serem mais frequentes, as desenvolvidas com locução parecem ser mais difíceis de processar que suas respectivas, encabeçadas somente por conjunção. É comum os estudantes de sintaxe cometerem erros na classificação de orações introduzidas por locução conjuntiva, por constituírem em sintagma nominal complexo, conforme explicado na seção 6.2.2.4 deste trabalho, que trata do grupo *tipo de oração e de conectivo* e suas relações com as temporais antepostas. Mesmo assim, as duas formas, no geral, são consideradas menos marcadas, confirmando os resultados gerais do quadro 26 em relação às desenvolvidas.

6.3.2.3 Topicidade

Neste trabalho, os fatores do grupo *topicidade* nas rodadas das pospostas também não se mostraram tão relevantes para explicar a posposição das temporais. Observemos os resultados na tabela a seguir:

Tabela 21 – Topicidade e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Temporal em contexto de continuidade tópica	86/326/26.4
Temporal em contexto de mudança de tópico	15/63/23.8

Fonte: elaborada pelo autor.

Como se pôde perceber, os percentuais foram bastante aproximados (26.4% e 23.8%), o que mostra que temporais pospostas podem servir tanto para operar continuidade tópica como para operar mudança de tópico, fatores que não determinam necessariamente a

posposição. Ainda assim, houve uma leve tendência a relacionar temporais pospostas e contextos de continuidade tópica, o que confirma nossas hipóteses iniciais. Ilustremos:

(69) (...) porque/ como// no había mucha agua/ pues entonces <~entós> *nosotros aprovechábamos cuando/ cuando había la oportunidad/* y llenábamos la/ la cisterna. ((...) porque/ como// não havia muita água/ pois então *nós aproveitávamos quando/ quando havia a oportunidade/* e enchíamos a cisterna).

(ENTREVISTA 25 – ME009-33H-97)

É possível que a posposição funcione para estabelecer continuidade tópica por causa do caráter linear das orações, o modelo SVO(C), em que esse complexo oracional tende a expressar os conteúdos relacionados ao mesmo tópico discursivo, mantendo a continuidade. Por outro lado, a anteposição, como institui uma quebra a esse padrão, serviria para operar mudança de tópico em relação ao período anterior.

Observemos, agora, como os critérios de marcação explicam os fatores do grupo topicidade:

Quadro 28 – Marcação e uso de temporal posposta por topicidade

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Temporal em contexto de continuidade tópica	- marcado	-	-	-
Temporal em contexto de mudança de tópico	+ marcado	+	-	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Os contextos de continuidade tópica são menos complexos cognitivamente, pois é mais fácil de processar um tópico dado. Por ser mais fácil de processar, também é mais frequente. No geral, pospostas operando em contextos de continuidade tópica são, em todos os critérios, as formas menos marcadas se comparadas com essas mesmas orações operando em situações discursivas de mudança de tópico.

6.3.2.4 Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal

Esse grupo também apresentou valores muito semelhantes, conforme mostra a tabela 22, em seguida:

Tabela 22 – Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado	5/15/33.3
Temporal e principal com sujeito dado	73/258/28.3
Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	7/35/20.0

Fonte: elaborada pelo autor.

Apesar dos percentuais aproximados, percebeu-se uma leve tendência de temporais pospostas codificarem sujeitos novos; e suas respectivas principais, sujeitos dados. Tal fato demonstra a articulação Tema-Rema e Dado-Novo, conforme Halliday (1985). Conforme explicado na seção de Fundamentação teórica deste trabalho, a cláusula é organizada de acordo com os objetivos comunicativos e o efeito que o locutor quer atingir em seu ouvinte. Assim, a sentença se organiza de maneira a expor primeiramente elementos dados/velhos/recuperáveis para depois seguir à exposição de elementos novos. Pressupomos, então, que as temporais pospostas codificariam sujeitos novos, e os resultados confirmaram as hipóteses, ainda que essa estrutura tenha se mostrado produzida em apenas cinco dados, conforme mostrou a tabela 22. Vejamos os exemplos (70) e (71), em seguida, que ilustram o fato:

(70) (...) *yo estaba entrando a segundo de secundaria/ cuando llegan las niñas de Morena. ((...) eu estava entrando no segundo do Ensino Médio/ **quando chegam as meninas de Morena***).

(ENTREVISTA 24 – ME259-32M-05)

(71) (...) *yo no daba crédito/ cuando/ cuando/ **quando me llegó mi carta así de la universidad** y/ “bienvenida es usted universitaria”. ((...) eu não dava crédito/ quando/ quando/ **quando chegou minha carta assim da universidade** e/ “bem-vinda você é universitária”*).

(ENTREVISTA 24 – ME259-32M-05)

Os exemplos (70) e (71) confirmam a hipótese inicial, pois os referentes *Las niñas de Morena* (*As meninas de Morena*) (ex. 70) e *mi carta* (minha carta) (ex. 71) são menos recuperáveis que os sujeitos pronominalizados *yo* (*eu*) nas duas situações. A pronominalização já constitui mecanismo para introdução de elementos dados, pois seu conteúdo semântico pode ser recuperado pela situação comunicativa.

Outra questão importante de ser pontuada é a posposição dos sujeitos das temporais pospostas. Nos exemplos (70) e (71), os dois sujeitos das temporais estão pospostos. Mais uma vez comprova-se a tese de que elementos novos vêm pospostos.

Os menores percentuais (20%) referem-se à articulação *Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo*, oposta à que pressupomos inicialmente, o que pode ter sido motivado, por exemplo, pela necessidade de retomar itens anteriormente mencionados.

Observando a partir do viés da marcação, temos as seguintes correlações:

Quadro 29 – Marcação e uso de temporal posposta por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado	- marcado	+	-	-
Temporal e principal com sujeito dado	+ marcado	-	-	-
Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	+ marcado	-	-	-

Fonte: elaborado pelo autor.

Sujeitos dados são mais fáceis de processar. Portanto, são menos complexas as estruturas que os contêm. Ainda assim, são mais frequentes os contextos de pospostas com sujeito novo e, em segundo lugar, com sujeitos dados, provavelmente correferentes. Em termos gerais, as três formas se mostraram menos marcadas. Quanto aos fatores *temporal e principal com sujeito dado* e *Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo*, embora aparentemente contrariem a relação Tema/Rema – Dado/Novo, são mais fáceis de processar, mais frequentes e operam em contextos mais simples estruturalmente.

6.3.2.5 Extensão da temporal

O último grupo descrito nesta seção é o que se refere à extensão da temporal. Hipotetizamos que o número de vocábulos da oração se poderia constituir em fator determinante para sua ordem. Vejamos, na tabela 23, os resultados:

Tabela 23 – Extensão da temporal e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Curta, até 4 vocábulos	49/177/27.7
Longa, mais de 4 vocábulos	52/212/24.5

Fonte: elaborada pelo autor.

As frequências muito aproximadas (27.7% e 24.5%) não dizem muito acerca da atuação desses fatores como determinante para a posposição. Tal resultado não surpreende, uma vez que, por ser o padrão canônico, a posposição não interfere no desenvolvimento estrutural do enunciado. Portanto, pouco pode se falar ao se relacionar posposição e extensão da temporal. Há fatores que influenciam mais fortemente as variantes, e outros mais sutilmente, e, no que se refere à posposição, esses fatores foram descritos ao longo desta seção. Como previu Du Bois (1985), várias são as forças que podem determinar um comportamento linguístico, e essas forças competem entre si, até que uma delas vence e se torna uma forte motivação para o fenômeno.

Aplicando o princípio de marcação na análise desse grupo, há algumas considerações a serem feitas. Vejamos, abaixo, os resultados dessa correlação:

Quadro 30 – Marcação e uso de temporal posposta por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Curta, até 4 vocábulos	- marcado	-	-	-
Longa, mais de 4 vocábulos	+ marcado	+	-	+

Fonte: elaborado pelo autor.

As temporais pospostas curtas são mais frequentes e mais fáceis de processar, por isso são as formas menos marcadas em todos os critérios.

Do ponto de vista do subprincípio icônico de quantidade, termos mais curtos, por veicularem menos informações, têm processamento mais rápido, ao contrário das antepostas, que são mais longas e costumam figurar como guia, necessitando, para isso, expressar mais informação. Observando pelo viés do subprincípio de ordem e importância, é possível que as pospostas veiculem informações menos importantes que as principais. Como a maioria das pospostas funciona como fundo avaliativo, comprovamos que o falante prefere usar menos material linguístico para avaliar do que para guiar, por exemplo.

6.3.3 Contextos prototípicos que favorecem posposição das temporais

Em resumo, após discussão de cada grupo de fator, pode-se realizar um mapeamento sintático, semântico, pragmático e discursivo das forças que atuam no sentido de favorecer a posposição das orações temporais em Língua Espanhola, na mesma ordem em que foram selecionadas pelo programa estatístico. Assim, a temporal posposta:

- É regida por iconicidade quanto à sua relação semântica com a respectiva principal. Como o falante tende a narrar os eventos na ordem em que aconteceram no mundo real, a posposição é motivada por relação cronológico-temporal de posterioridade;
- Pode exercer a função de figura, acrescentando novos eventos à narração, posteriores aos narrados na principal, com verbos de aspecto perfectivo;
- Expressa avaliação por parte do falante. Com essa função, a posposição é *locus* de temporais que expressam, além da noção de tempo, um posicionamento crítico acerca do assunto narrado na principal;
- É a forma mais empregada por maiores de 55 anos de idade, e, por isso, é o padrão mais canônico e mais conservador;
- Constitui-se meio típico para também expressar concessão, além das nuances semânticas de tempo;
- Mantém paralelismo com temporais intercaladas e pospostas no mesmo subtópico;
- Não é tão determinada pelo fator escolaridade, ainda que haja uma leve predisposição a uso por parte de falantes de nível alto;
- Quanto à forma, a maioria tem o conectivo expreso (são desenvolvidas), e tende a ser encabeçada por locução conjuntiva;
- Não se mostrou sensível às questões de continuidade tópica, porém houve uma leve tendência a aparecer em contexto de continuidade tópica;
- Tende a apresentar-se com sujeitos novos e,
- No que diz respeito à extensão, tende a ser mais curta, com até 4 vocábulos.

Listadas as principais características das temporais pospostas, passemos a observar como se comporta a terceira variante escolhida para esta análise, as temporais intercaladas.

6.4 Intercalar? Por quê? Para quê?

A intercalação é um recurso notável, pois parece perturbar a ordem canônica do enunciado, por separar o forte relacionamento sujeito-verbo-complemento(s), mas, na verdade, é um recurso notável por topicalizar itens e chamar a atenção do enunciado para si. Se o falante opta por intercalar a temporal, primeiro constrói o referente, e suspende a

exposição para, antes, expor o cenário temporal que emoldura os eventos. A intercalação, portanto, como os demais tipos de ordenação, não é aleatória, mas cumpre funções no enunciado, e é parcial ou totalmente motivada pelos fatores descritos nesta seção.

Com o mesmo rigor metodológico com que foram tratadas as antepostas e as pospostas, a intercalação também demandou especificidades em seu tratamento quantitativo.

De início, foi necessário retirar os fatores *não se aplica* em cada grupo onde apareciam. Dessa maneira, “Paralelismo sintático” rodou com 27 dos 68 dados de intercaladas, e “Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal” rodou com 59 dos mesmos 68 dados.

Em seguida, notamos que não houve nenhuma intercalada com a função de avaliação, já que essa é uma marca categórica da temporal posposta. Portanto, removemos o fator *fundo avaliativo* dessa rodada, que não apresentava nenhuma ocorrência, por isso, não alterou o número de dados do grupo das funções textual-discursivas.

Após as alterações descritas, o programa rodou normalmente, gerando os percentuais e, posteriormente, os pesos relativos, para a seleção e exclusão de grupos. Assim, selecionou, nesta ordem, os seguintes: topicidade, paralelismo sintático, funções textual-discursivas e relação cronológico-temporal. Por fim, descartou os que se seguem, na seguinte ordem: topicidade¹⁰⁵, extensão da temporal, idade do falante, tipo de oração e de conectivo, relações lógico-semânticas, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e escolaridade do falante. Vejamos, portanto, cada grupo com detalhes.

6.4.1 Grupos estatisticamente relevantes para a intercalação das temporais

A esta seção caberá apresentar os grupos selecionados pelo programa estatístico Goldvarb para as rodadas de intercalação das temporais. Suas subseções, organizadas na mesma ordem de seleção dos grupos pelo *software*, estão dispostas da seguinte maneira: paralelismo sintático, funções textual-discursivas e relação cronológico-temporal.

¹⁰⁵ O grupo topicidade foi selecionado na rodada de *step-up*, mas, em seguida, descartado em *step-down*. Isso ocorre, segundo Guy e Zilles (2007, p. 166-167), “quando se trata de uma análise complexa (com muitos grupos de fatores), e quando os grupos não são completamente ortogonais (...), em termos da distribuição de dados. Por exemplo, há um grupo de fatores que se sobrepõe parcialmente a outro grupo: alguns dos fatores nos dois grupos descrevem os mesmos dados”.

6.4.1.1 Paralelismo sintático

Esse grupo apresentou relações semelhantes tanto nas rodadas de posposição como nas de intercalação: as temporais pospostas operam preferencialmente com outras intercaladas no mesmo subtópico; as intercaladas, com pospostas no mesmo subtópico. É como se o falante alternasse sua exposição, ora iniciando um subtópico com pospostas e seguindo com intercaladas, ora iniciando com intercaladas e dando sequência com pospostas. Observemos os resultados na tabela 24:

Tabela 24 – Paralelismo sintático e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Posposição	11/53/20.8	0.670
Intercalação	4/34/11.8	0.469
Anteposição	12/117/10.3	0.429

Fonte: elaborada pelo autor.

O peso relativo 0.67 para o fator posposição indica que o falante inicia um subtópico topicalizando um referente com informações circunstanciais, e, em seguida, para mover-se no mesmo assunto, acrescentando novos satélites temporais, ele os pospõe. É um movimento da esquerda para a direita, dando à temporal nova posição, fazendo com que ela adquira novas funções. E exatamente essa pode ser a explicação para o jogo intercalação-posposição-intercalação – novas motivações entram em cena e fazem com que o locutor deixe de usar uma intercalada e utilize uma posposta. Os exemplos (72) e (73), respectivamente, com uma oração intercalada e uma posposta, retirados da mesma entrevista e pertencentes ao mesmo subtópico, ilustram essa análise:

(72) (...) *yo/ (...) cuando iba a la/ a la primaria// (...) encontrábamos quelites/ (...). ((...) eu/ (...) quando ia à/ ao primário// (...) encontrávamos quelites*¹⁰⁶*/ (...)).*

(ENTREVISTA 24 – ME259-32M-05)

(73) (...) *entonces comencé en la danza/ precisamente/ cuando/ yo estaba como en cuarto/ quinto de primaria (...). ((...) então comecei na dança/ precisamente/ quando/ eu estava no quarto/ quinto do primário (...)).*

(ENTREVISTA 24 – ME259-32M-05)

¹⁰⁶ De acordo com a versão *online* do dicionário da Real Academia Espanhola (2001), *quelites* é o nome comum a várias ervas silvestres comestíveis, quando estão tenras.

Os satélites *cuando iba a la/ a la primaria* (ex. 72) e *cuando yo estaba como en cuarto/ quinto de primaria* (ex. 73) refletem a alternância descrita. Em (72), o falante topicaliza o sujeito, ele próprio, e apresenta o cenário dentro do qual encontravam as ervas quelites, quando ia à escola, quando cursava o primário. No enunciado (73), a informação temporal *cursar o quarto/quinto ano do primário* aparece posposta. Em (72), o escopo é o sujeito *eu*; em (73) é o processo *iniciar na dança*. É provável, então, que ordem e escopo se relacionem e provoquem essa alternância entre intercalação e posposição.

Aplicando-se os critérios de marcação, os seguintes resultados são observados:

Quadro 31 – Marcação e uso de temporal intercalada por paralelismo sintático

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Posposição	- marcado	+	+	+
Intercalação	+ marcado	-	+	+
Anteposição	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Da mesma forma que postulamos ser a anteposição marcada em termos de complexidade estrutural e a posposição não marcada, consideramos ser a intercalação também uma forma marcada, em virtude da interrupção que opera entre os constituintes próximos ao verbo. Assim, em todos os grupos que atuam com as intercaladas, considerá-la-emos marcada em termos de complexidade estrutural.

Em relação à frequência, a posposição operando com intercaladas no mesmo subtópico é a forma menos marcada, apesar de sê-lo marcada cognitivamente. Ao contrário, intercalação operando com intercalação constitui fator marcado em termos de frequência, ainda que não marcado no que se refere à complexidade cognitiva. A relação intercalação-posposição também foi observada quando da correlação com os fatores motivadores da posposição. É possível que intercalação-posposição se relacionem, pois o paralelismo opera com termos que são mais próximos cognitivamente. Ambas, intercalação e posposição, interferem no desenrolar da oração principal, seja no meio, seja no final e, por isso, é possível que se relacionem em termos cognitivos.

6.4.1.2 Funções textual-discursivas

O grupo das funções textual-discursivas mostra que a temporal pode exercer outras funções para além de indicar tempo. O fato de esse grupo ter sido selecionado como motivação primeira para as temporais intercaladas o torna ainda mais significativo. Tal grupo

exerce tanta influência sobre a ordenação das temporais que foi selecionado nas rodadas das três variantes estudadas nesta pesquisa. A tabela 25 mostra os resultados:

Tabela 25 – Funções textual-discursivas e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Fundo guia	42/190/22.1	0.609
Figura / temporal atípica	9/44/20.5	0.527
Fundo moldura	17/140/12.1	0.347

Fonte: elaborada pelo autor.

Ganharam destaque, em virtude de seus pesos, os fatores *fundo guia* (0.609) e *figura / temporal atípica* (0.527). Esses mesmos fatores também foram selecionados nas rodadas de anteposição e posposição, nessa ordem. Portanto, podemos inferir que intercaladas possuem características tanto de antepostas (função de guia) como de pospostas (função de figura). Vejamos os exemplos abaixo:

(74) (...) *yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven//. ((...) eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem//).*

(ENTREVISTA 7 – ME107-31M-00)

Em (74), o sujeito topicalizado *yo* é seguido pela temporal *cuando la conocí*. Essa oração também guia o leitor para a informação que virá depois *pensei que era más joven*. Segundo Souza (2001), essa temporal constitui ponto de incidência, com função anafórica, por retomar o sujeito, questão que será retomada mais adiante. Essa mesma temporal também serve de guia para a informação seguinte, expressa na principal. Há, nesse caso, duas funções amalgamadas na mesma estrutura¹⁰⁷. Observemos, agora, a temporal com função de figura:

(75) (...) *mi papá/ cuando él empezó a trabajar/ tenía/ sus a-/ animalitos/ y iba a trabajar y este/ así// con <cal> trabajaba (...). ((...) meu papai/ quando ele começou a trabalhar/ tinha/ seus a-/ animaizinhos/ e ia trabalhar e este/ assim/ com <cal> trabalhava (...)).*

(ENTREVISTA 43 – ME007-21M-97)

¹⁰⁷ Por essa razão, resolvemos não incluir a função fórica na codificação. Em codificações-teste, considerando o valor anafórico, observamos que essa função se acumularia com outras, o que prejudicaria o trabalho quantitativo. Assim, caracterizamos as intercaladas com esse valor, mais prototípico, e preferimos codificar de acordo com as demais funções.

Em (75), o valor anafórico e a topicalização do sujeito são características que ainda se podem observar. Além disso, o verbo da temporal tem valor perfectivo, ação concluída, enquanto o da principal apresenta valor imperfeito, com descrição de ações. Esses detalhes semânticos dão à temporal um valor de figura, mola-mestre para o desencadeamento das ações. Podemos perceber, também, que a intercalada incide não apenas sobre uma, mas sobre duas principais, que estão coordenadas, e descrevem os hábitos do genitor do entrevistado.

Ainda na mesma discussão, vale observar duas outras funções elencadas por Souza (2001), a de ponto de incidência e ponto de inserção. Vejamos o exemplo (74), retomado abaixo, e (76):

(74) (...) *yo también cuando la conocí/ pensé que era más joven//. ((...)) eu também quando a conheci/ pensei que era mais jovem//).*

(ENTREVISTA 7 – ME107-31M-00)

(76) (...) *mi mamá/ cuando él empezó a estudiar medicina/ mi mamá/ él platicaba mucho con ella/. ((...)) minha mãe/ quando ele começou a estudar medicina/ minha mãe/ ele falava muito com ela/).*

(ENTREVISTA 31 – ME220-33M-02)

Em (74), de acordo com Souza (2001), a conjunção temporal *cuando* tem função anafórica, pois retoma e especifica a informação precedente, o sujeito *yo*, encabeçando uma temporal que funciona como um ponto de incidência. Por outro lado, em (76), a temporal interrompe a principal e topicaliza o sujeito *mi mamá*. A autora explica que, em casos como (76), a intercalada “constitui o agente que provoca o processo de topicalização (...), cria a moldura temporal e, finalmente, apresenta a predicação” (SOUZA, 2001, p. 76).

Observemos, agora, as correlações desse grupo de fatores com os critérios de marcação:

Quadro 32 – Marcação e uso de temporal intercalada por funções textual-discursivas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Fundo guia	- marcado	-	+	-
Figura / temporal atípica	- marcado	+	+	+
Fundo moldura	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Aqui, várias considerações têm de ser feitas. Começemos pela função *guia*, não marcada em termos de frequência, – por seus pesos –, e complexidade cognitiva, – por orientar o leitor. A função *figura/temporal atípica* também é frequente, porém é marcada cognitivamente por ser atípica, exercendo função diferente da prototípica. Já a função *moldura* é marcada por frequência e por complexidade cognitiva, porque não é costume colocar molduras no meio, mas às margens. No geral, embora *guia* e *figura* sejam mais frequentes, a forma menos marcada das três é *guia*, pelo próprio *status* da intercalação – interromper um elemento topicalizado para narrar alguma informação importante para o entendimento do que virá em seguida.

6.4.1.3 Relação cronológico-temporal

O último grupo selecionado pelo programa *Goldvarb* foi relação cronológico-temporal, que, tendo sua validade atestada, respalda os princípios de iconicidade propostos por Givón (2001). Como mencionado, o autor hipotetiza que as orações são apresentadas de acordo com a mesma ordem em que os eventos se deram no mundo real. A tabela 26 mostra os resultados das rodadas com esse grupo:

Tabela 26 – Relação cronológico-temporal e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>	<i>Peso relativo</i>
Simultaneidade	45/214/21.0	0.588
Posterioridade	3/26/11.5	0.431
Anterioridade	20/149/13.4	0.386

Fonte: elaborada pelo autor.

Considerando os postulados do autor, pressupomos que a intercalação estaria atrelada a uma relação de simultaneidade cronológico-temporal com a principal. Como se pôde ver na tabela 26, essas hipóteses foram confirmadas. O alto peso do fator simultaneidade (0.588) revela que princípios de iconicidade também podem reger a formação da estrutura da língua. Ilustremos a situação com os exemplos (77) e (78), abaixo:

(77) (...) *yo estando en la secundaria/ alfabetizaba a la gente.* ((...) *eu estando no Ensino Médio/ alfabetizava a gente*).

(ENTREVISTA 72 – ME283-23M-06)

(78) (...) *mis/ nietos cuando están viendo la <-la::> televisión digo (...). ((...))*
meus netos quando estão vendo a televisão digo (...)).

(ENTREVISTA 72 – ME283-23M-06)

No enunciado (77), a temporal reduzida *estando en la secundaria*, que pode ser parafraseada por *quando estaba en la secundaria*, constitui momento simultâneo ao período em que o locutor era alfabetizador. No seguinte, (78), a moldura *quando están viendo la tele* cria o cenário para a ação de dizer (*digo*) do entrevistado. Estar vendo a televisão e dizer algo aos netos são, também, ações simultâneas. García Fernández (1999) aponta que conectores de simultaneidade podem ser *quando (quando)*, *mientras (enquanto)* e a perífrase *al+infinitivo (ao+infinitivo)*. Ao contrário dos demais, *mientras* nunca indica sucessão, explica o autor.

Correlacionando os resultados desse grupo aos critérios de marcação, verificamos o seguinte mapeamento:

Quadro 33 – Marcação e uso de temporal intercalada por relação cronológico-temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Simultaneidade	- marcado	-	+	-
Posterioridade	+ marcado	+	+	+
Anterioridade	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Vemos que a forma menos marcada são as relações de simultaneidade, por também sê-lo cognitivamente: parece mais fácil processar uma intercalada que detalhe informações simultâneas aos fatos narrados na principal.

Uma vez feita a exposição dos fatores que controlam a intercalação, passemos a verificar, por meio apenas de percentuais, os fatores que não foram considerados significativos como força motivadora de intercalação da temporal.

6.4.2 Grupos estatisticamente não significativos para a intercalação das temporais

A partir de agora, vejamos a relação entre intercalação e os seguintes grupos considerados não significativos pelo *software*: topicidade, extensão da temporal, idade do falante, tipo de oração e de conectivo, relações lógico-semânticas, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e escolaridade do falante.

6.4.2.1 Topicidade

O grupo *topicidade*, nas rodadas estatísticas, havia sido selecionado em um primeiro momento, gerando, inclusive, pesos relativos, porém, após novo turno de rodadas de descarte, esse grupo foi excluído. Assim, trazemos à discussão apenas os resultados da última rodada, com percentuais, somente:

Tabela 27 – Topicidade e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Temporal em contexto de mudança de tópico	17/63/27.0
Temporal em contexto de continuidade tópica	51/326/15.6

Fonte: elaborada pelo autor.

Os números revelam uma tendência a orações intercaladas operarem em contexto de mudança de tópico, contrariando nossa hipótese inicial. O exemplo (79), abaixo, ilustra essa função das intercaladas:

(79) (...) *B/ cuando me quedé viuda/ estuvo con becas. ((...) B/ quando me tornei viúva/ tinha bolsas de estudo).*

(ENTREVISTA 31 – ME220-33M-02)

No contexto, a entrevistada estava contando acerca da enfermidade de sua filha, narrando seus últimos dias de vida no hospital. Provavelmente motivada pelo tema implícito da morte, a narradora começa a expor sua vida de viúva, contando sobre seu filho, cujo nome os organizadores do *corpus* omitiram, chamando-o apenas B, que se tornou bolsista após a morte do marido e as dificuldades pelas quais a família passou. Observemos que, para operar a mudança de tópico, a entrevistada também insere um segundo sujeito *yo (eu)*, oculto, cujo referente é distinto do anterior.

Correlacionando os fatores desse grupo com os critérios de marcação, verificamos a seguinte distribuição:

Quadro 34 – Marcação e uso de temporal intercalada por topicidade

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Temporal em contexto de mudança de tópico	- marcado	+	+	+
Temporal em contexto de continuidade tópica	+ marcado	-	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Os contextos de mudança de tópico são mais frequentes, apesar de serem marcados em termos de processamento cognitivo, por também introduzir sujeito diferente do anterior. Situações de continuidade tópica, apesar de serem menos marcadas em complexidade cognitiva, não são tão frequentes. Assim, atesta-se mais uma vez a função das intercaladas de funcionarem mais como ponto de inserção do que como ponto de incidência, postulado confirmado também na análise do grupo *Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal*, na seção 6.4.2.6, um pouco adiante.

6.4.2.2 Extensão da temporal

Os estudos de Lessa (2012), Paiva (2012) e Quirk *et alli* (1985) buscam relacionar ordem de orações e sua extensão. Por ser a estrutura com intercalação complexa cognitivamente, evitar-se-ia orações intercaladas com muitos vocábulos, o que constituiria também um arranjo complexo estruturalmente. Assim, hipotetizamos que as intercaladas seriam orações mais curtas do que as antepostas e as pospostas. Vejamos os resultados desse grupo na tabela 28:

Tabela 28 – Extensão da temporal e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Curta, até 4 vocábulos	33/177/18.6
Longa, mais de 4 vocábulos	35/212/16.5

Fonte: elaborada pelo autor.

As frequências (18.6% e 16.5%), muito aproximadas, pouco podem dizer acerca da atuação desse grupo de fatores. Ainda assim, nota-se uma tendência de intercaladas serem mais curtas. Esses resultados confirmam o princípio de marcação, cujas correlações podem ser observadas no quadro 35, a seguir:

Quadro 35 – Marcação e uso de temporal intercalada por extensão da temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Curta, até 4 vocábulos	- marcado	+	+	+
Longa, mais de 4 vocábulos	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

As orações curtas tendem a ser mais frequentes, porque, também, segundo um princípio de iconicidade, o que se refere às regras de espaçamento, termos mais próximos espacialmente também são mais relacionados cognitivamente. Tanto as intercaladas longas como as curtas, portanto, seriam marcadas por complexidade cognitiva. Porém, observando o número de traços, são mais marcadas ainda as mais longas, por distanciarem ainda mais termos que deveriam estar lado a lado.

6.4.2.3 Idade do falante

As intercaladas constituem uma quebra na estrutura canônica, tornando-se um padrão inovador e carregado de funções semântico-pragmáticas. Supomos, então, que esse padrão seria menos usado pelos mais velhos. Eis os resultados dessa correlação na tabela 29:

Tabela 29 – Idade do falante e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
35-54 anos	32/162/19.8
20-34 anos	17/102/16.7
Maiores de 55 anos	19/125/15.2

Fonte: elaborada pelo autor.

Como apontou a tabela 29, relacionar idade e intercalação revela resultados variados: a fatia mais jovem (20-34 anos), em relação às demais, apresenta percentuais medianos, enquanto os de meia idade (35-54 anos) apresentam frequência um pouco mais alta. Por fim, os falantes mais velhos (maiores de 55 anos) voltam a apresentar frequência reduzida. Os percentuais de velhos e jovens são os mais baixos. Tal fato se explica porque, como explicamos, os mais velhos tendem a preferir a posposição, por ser o padrão canônico; e os mais jovens, a anteposição, por ser o modelo inovador. Percebe-se, ao longo das faixas etárias, um deslocamento da oração cada vez mais à direita – enquanto se é jovem, utiliza-se mais anteposição; os de meia idade, intercalação; e os mais velhos, posposição. Ao longo da vida do indivíduo, ele experimenta cada padrão de acordo com seus propósitos comunicativos, que também vão mudando ao longo dos anos. Esse processo também faz com que a temporal se fixe em uma ou em outra posição, mas num processo de mutação até chegar ao extremo direito da sentença¹⁰⁸.

Em relação à marcação, como em todos os fatores extralinguísticos, apresentaremos, apenas, os traços relacionados à frequência, como mostra o quadro a seguir:

¹⁰⁸ Nossa análise nesse ponto se trata apenas de uma observação, na tentativa de explicar o fenômeno, pois não há como fazer afirmações categóricas, já que, para esse grupo, não há pesos relativos, e os percentuais são muito aproximados.

Quadro 36 – Marcação e uso de temporal intercalada por idade do falante

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>
35-54 anos	- marcado
20-34 anos	+ marcado
Maiores de 55 anos	+ marcado

Fonte: elaborado pelo autor.

Pelos resultados expostos, são menos marcadas as intercaladas entre os falantes de 35-54 anos por ser mais usada nessa faixa, pelos motivos acima expostos.

6.4.2.4 Tipo de oração e de conectivo

O tipo de oração e de conectivo também foi um dos grupos escolhidos para interagir com intercalação, porém não se mostrou significativo estatisticamente, conforme mostram os dados da tabela 30, a seguir:

Tabela 30 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Reduzida	5/23/21.7
Desenvolvida, com conjunção	55/308/17.9
Desenvolvida, com locução conjuntiva	8/58/13.8

Fonte: elaborada pelo autor.

Da mesma forma que os grupos não selecionados anteriormente, o programa não gerou pesos relativos, mas apenas percentuais, que apontam para uma tendência de intercalação às orações reduzidas. Percebe-se que, quanto menor ou menos complexa se mostra a oração, mais tende a ser intercalada. As reduzidas carecem de conectivo, as desenvolvidas crescem um pouco, em extensão, com conjunção simples, e mais ainda com locução conjuntiva. Assim, vão se tornando maiores e menos o falante quer intercalá-las, para que o entendimento da sentença não seja prejudicado em função de sua complexidade estrutural. Vejamos, abaixo, os exemplos (80), (81) e (82), que ilustram a discussão:

(80) (...) *yo terminando la prepa/ me fui a la facultad de filosofía y letras. ((...)) eu terminando a prepa¹⁰⁹/ fui à faculdade de filosofía e letras).*

(ENTREVISTA 24 – ME-259-32M-05)

¹⁰⁹ Provavelmente, uma escola preparatória.

(81) (...) *ella cuando llega a México*/// *ella cuenta* (...). ((...) *ela quando chega ao México*/// *ela conta* (...).

(ENTREVISTA 36 – ME264-33M-05)

(82) (...) *estoy desde que tengo trece años aquí* [trabajando]. ((...) *estou desde que tenho treze anos aqui* [trabalhando]).

(ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)

Nos exemplos acima, pode ser verificada relação conectivo, sua extensão e intercalação. Há casos, porém, que fogem a esse padrão. É possível que outras forças atuem no sentido de motivar essas aparentes contradições.

Nossa hipótese inicial quanto a este grupo era a de que as reduzidas, por serem menos presas, gozariam de maior mobilidade. Aconteceria o mesmo com as desenvolvidas com conjunção. Por outro lado, as desenvolvidas com locução não seriam intercaladas, por serem itens maiores e apareceriam mais frequentemente pospostas, presas ao verbo de sua principal. Vejamos, nas tabelas 12, 20 e 30, retomadas, como essas hipóteses se verificaram ou não:

Tabela 12 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal anteposta *versus* temporal intercalada e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Reduzida	15/23/65.2
Desenvolvida, com conjunção	175/308/56.8
Desenvolvida, com locução conjuntiva	30/58/51.7

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 20 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal posposta *versus* temporal anteposta e intercalada

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Desenvolvida, com locução conjuntiva	20/58/34.5
Desenvolvida, com conjunção	78/308/25.3
Reduzida	3/23/13.0

Fonte: elaborada pelo autor.

Tabela 30 – Tipo de oração e de conectivo e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Reduzida	5/23/21.7
Desenvolvida, com conjunção	55/308/17.9
Desenvolvida, com locução conjuntiva	8/58/13.8

Fonte: elaborada pelo autor.

Como mostram as tabelas, as reduzidas tendem a aparecer antepostas, porém também há dados para as demais variantes, o que mostra que são parcialmente livres, sem lugar necessariamente fixo, como previam as hipóteses iniciais. As desenvolvidas, com conjunção, têm valores medianos nos três padrões de ordenação, o que prova que também são itens mais livres e respaldam as hipóteses iniciais. Já as desenvolvidas, com locução, tendem a posicionar-se às margens, ainda que haja também dados de orações desse tipo nas intercaladas, porém em menor número.

Em relação à marcação, como na análise das pospostas e das antepostas, dividimos esse grupo em duas partes: por tipo de oração e por tipo de conectivo. Vejamos as correlações que envolvem o tipo de oração:

Quadro 37 – Marcação e uso de temporal intercalada por tipo de oração

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Reduzida	- marcado	+	+	+
Desenvolvida	+ marcado	-	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

As reduzidas são mais frequentes, apesar de serem mais complexas cognitivamente, e as desenvolvidas menos frequentes, apesar de menos complexas. Essa contradição pode se explicar pelo fator extensão, porque as reduzidas tendem a ser mais curtas, que, por sua vez, são tipos mais comuns. Já as desenvolvidas, mais longas, são evitadas em detrimento das reduzidas.

Agora, vejamos a divisão interna das desenvolvidas:

Quadro 38 – Marcação e uso de temporal intercalada por tipo de conectivo de temporais desenvolvidas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Desenvolvida, com conjunção	- marcado	-	+	-
Desenvolvida, com locução conjuntiva	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Analisando internamente, também temos outra parte das respostas das aparentes contradições narradas anteriormente: as desenvolvidas com conjunção tendem a ser preferidas no uso efetivo. Mais uma vez, o fator extensão é fundamental, pois as introduzidas por conjunção tendem a ser menores que suas respectivas encabeçadas por locução.

6.4.2.5 Relações lógico-semânticas

O grupo das relações lógico-semânticas aponta para as outras nuances semânticas da temporal, além do valor primeiro de indicação de temporalidade ou moldura para os eventos da principal. A tabela 31 mostra quais outras relações motivam a intercalação das temporais:

Tabela 31 – Relações lógico-semânticas e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

Fatores	Aplicação/Total/%
Tempo e Condição	16/77/20.8
Tempo e Motivo	14/72/19.4
Tempo prototípico	36/227/15.9
Tempo e Concessão	2/13/15.4

Fonte: elaborada pelo autor.

Os fatores *tempo e condição* e *tempo e motivo*, e *tempo prototípico* e *tempo e concessão*, apresentam, dois a dois, percentuais muito semelhantes, o que mostra que a noção de tempo das intercaladas tende a ser mais amalgamada com *condição* e *motivo* do que com *concessão*. Observemos, abaixo, os exemplos (83), (84), (76) e (81), os dois últimos retomados, que refletem, respectivamente, as relações de *tempo e condição*, *tempo e motivo*, *tempo prototípico* e *tempo e concessão*:

(83) (...) *la madera sí/ cuando es natural/ todavía tiene la posibilidad de regresar a su forma natural. ((...) a madeira sim/ quando é natural/ ainda tem a possibilidade de retornar à sua forma natural).*

(ENTREVISTA 61 – ME-144-23H-01)

(84) (...) *eran técnicos (...) ellos/ bien curioso/ cuando llegué yo/ se empezaron a cerrar un poquito. ((...) eram técnicos (...) eles/ bem curioso/ quando cheguei eu/ começaram a se fechar um pouquinho).*

(ENTREVISTA 6 – ME-197-31H-01)

(76) (...) *mi mamá/ cuando él empezó a estudiar medicina/ mi mamá/ él platicaba mucho con ella/. ((...) minha mãe/ quando ele começou a estudar medicina/ minha mãe/ ele falava muito com ela/ (...))*

(ENTREVISTA 31 – ME220-33M-02)

(81) (...) *yo cuando me fui no batallé nada*. ((...)) *eu quando fui não batalhei nada*).

(ENTREVISTA 37 – ME049-21H-99)

No exemplo (83), inferimos que, se a madeira é natural, tem a capacidade de voltar a seu estado natural/original. Em (84), os técnicos começaram a se fechar porque outra pessoa acabara de chegar. Em (76), é mostrado apenas o cenário temporal de quando a mãe conversava com o filho. Por fim, em (81), inferimos que, embora tenha ido, o narrador não batalhou nada.

Observemos, agora, as correlações dos resultados desse grupo com os critérios de marcação, no intento de ajudar a construir interpretações para as ocorrências:

Quadro 39 – Marcação e uso de temporal intercalada por relações lógico-semânticas

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Tempo e Condição	- marcado	+	+	+
Tempo e Motivo	- marcado	+	+	+
Tempo prototípico	+ marcado	-	+	+
Tempo e Concessão	+ marcado	+	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Como mostra o quadro, em termos gerais, todos os fatores são marcados, porém uns mais; e outros, menos. Assim, em ordem crescente de marcação, podemos elencar os fatores *tempo e condição* e *tempo e motivo*, juntos, *tempo prototípico* e, por fim, *tempo e concessão*, que seria o mais marcado de todos, por sê-lo em todos os critérios.

6.4.2.6 Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal

Observemos, na tabela 32, como a articulação Dado-Novo, já explicitada, motiva a intercalação das temporais:

Tabela 32 – Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Temporal e principal com sujeito novo	2/4/50.0
Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	7/35/20.0
Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado	3/15/20.0
Temporal e principal com sujeito dado	47/258/18.2

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os números demonstram que, ambas, temporal intercalada e principal, parecem tender a apresentar sujeitos novos, mas não se podem fazer afirmações categóricas, já que há apenas dois dados com esse traço nas intercaladas. Isso se deve à própria estrutura na qual a intercalada aparece – topicalização do sujeito da principal, suspensão da narração do fato com inserção da temporal, e retomada da narração dos eventos da nuclear. Os valores mostram que o sujeito topicalizado e o da intercalada tendem a ser elementos novos e diferentes um do outro. Nas palavras de Souza (2001), essas intercaladas tendem mais a funcionar como ponto de inserção do que ponto de incidência. Vejamos, no exemplo (87), esse tipo de ocorrência:

(87) (...) *el cartero/ o la gente que está trabajando esa correspondencia **cuando la lleva el usuario/ dicen** (...).* ((...) *o carteiro/ ou a gente que está trabalhando essa correspondência **quando a leva o usuário/dizem** (...)).*

(ENTREVISTA 60 – ME274-22M-06)

Os referentes *el cartero* e *el usuário* estão sendo introduzidos pela primeira vez na situação discursiva, pelo emissor da mensagem. Essa articulação Novo-Novo parece não confirmar o postulado de Halliday e nossas hipóteses iniciais. Uma dúvida, então, é instaurada: por que se produziu esse enunciado se ele não pode ser explicado a partir da articulação Tema-Rema?

A resposta a essa pergunta está no valor fórico da temporal, que não necessariamente se relaciona com o sujeito. Vemos que o item *esa correspondencia* é retomado pelo pronome complemento *la*, que está logo após, na intercalada. Assim, entendemos que estruturas cujas hipóteses não foram validadas estão sujeitas à atuação de outras forças para sua produção. Lembramos, uma vez mais, o postulado-central deste trabalho – a variação linguística não é aleatória, mas é motivada por fatores, de ordem linguística ou extralinguística.

Passemos a observar as correlações que se podem fazer entre os fatores desse grupo e os critérios de marcação, a partir dos dados apresentados no quadro 40:

Quadro 40 – Marcação e uso de temporal intercalada por estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>	<i>Complexidade Cognitiva</i>	<i>Complexidade estrutural</i>	<i>Geral</i>
Temporal e principal com sujeito novo	- marcado	+	+	+
Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	+ marcado	-	+	+
Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado	+ marcado	+	+	+
Temporal e principal com sujeito dado	+ marcado	-	+	+

Fonte: elaborado pelo autor.

Como vimos nas correlações desse grupo com os fatores da anteposição e da intercalação, temporais com sujeito dado são mais fáceis de codificar, o que deveria levar a alta frequência, o que não ocorre. Dessas, a mais frequente é a estrutura *temporal e principal com sujeito novo*. Isso mostra que as intercaladas são diferentes das outras duas variantes, pois apresentam comportamentos diversos, operando em contextos de mudança de tópico, apresentando sujeitos novos etc. E isso é permitido pela própria estrutura da intercalada, que interrompe a apresentação de um referente para situar o cenário na qual ele está inserido ou guiar o leitor para o que vai ser falado acerca desse referente.

6.4.2.7 Escolaridade do falante

O último grupo considerado não significativo para a intercalação de temporais foi o fator extralinguístico *escolaridade do falante*, cujos resultados podem ser vistos na tabela 33, a seguir:

Tabela 33 – Escolaridade do falante e uso de temporal intercalada *versus* temporal anteposta e posposta

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total/%</i>
Nível alto	40/215/18.6
Nível médio	28/174/16.1

Fonte: Elaborada pelo autor.

Nossas hipóteses iniciais pautavam-se em Votre (2012), com a proposta de que falantes escolarizados teriam a tendência de manter a proximidade especial entre verbos e seus argumentos, rejeitando a intercalação. Por outro lado, sabe-se que os mais escolarizados tendem a utilizar estruturas mais complexas e, então, deveriam preferir a intercalação.

Segundo a tabela, que mostra apenas uma sutil diferença, o segundo postulado parece ser mais adequado a esse tipo de estrutura, os falantes de nível alto de escolaridade apresentaram uma leve tendência a intercalarem suas orações.

Por fim, correlacionando esses resultados aos critérios de marcação, observamos as seguintes relações:

Quadro 41 – Marcação e uso de temporal intercalada por escolaridade do falante

<i>Fatores</i>	<i>Distribuição de Frequência</i>
Nível alto	- marcado
Nível médio	+ marcado

Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados apontam que essas estruturas são menos marcadas quando utilizadas por falantes de nível alto. Embora contrariando nossas hipóteses iniciais, é possível que falantes de nível alto utilizem mais intercalação por ter mais contato com textos de vários gêneros, inclusive os de cunho literário, nos quais essa ordenação é frequente.

6.4.3 Contextos prototípicos que favorecem intercalação das temporais

A exposição feita ao longo da última seção apresentou importantes características das temporais intercaladas. Vale a pena sintetizar as descobertas. Assim, as orações de tempo intercaladas:

- Operam, mais frequentemente, com outras pospostas no mesmo subtópico;
- Servem para topicalizar o sujeito da principal, guiar o leitor para a informação subsequente e também podem funcionar como figura, contribuindo para o desenrolar da narrativa;
- Estabelecem, com sua respectiva principal, relação cronológico-temporal de simultaneidade, validando princípios de iconicidade;
 - Sua extensão não constitui fator tão significativo, porém há uma leve tendência a serem orações curtas, com até 4 vocábulos;
 - Em relação ao grupo de fatores *idade do falante*, há, ao longo das faixas etárias da vida de um indivíduo, um deslocamento da oração à margem direita. A intercalação tende a ser preferida pelos indivíduos adultos;
 - Tendem a se apresentar em forma de oração reduzida e, em segundo lugar, como desenvolvidas com conjunção;

- Tendem a expressar, além da noção de tempo, mais nuances semânticas relacionadas à *condição* e *motivo* que *concessão*;
- Tendem a atuar como ponto de inserção de sujeitos novos e retomar itens;
- Ainda que suas ocorrências não sejam fortemente motivadas pela escolaridade do falante, há uma preferência de uso por parte daqueles que têm nível alto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs, inicialmente, a verificar os condicionamentos para a posição de orações temporais em Língua Espanhola, especificamente, no Espanhol falado na chamada Zona Pertinente da Cidade do México. Percebeu-se que as temporais, por constituírem satélites, trazendo informações adicionais (NEVES, 2006), poderiam posicionar-se antes, no meio ou depois da oração principal ou nuclear. A grande questão era quais fatores levavam essa oração a fixar-se em uma posição mais que outra. Assim, a partir de um ponto de vista Sociofuncionalista, a ordem das temporais foi analisada por dois vieses – o ponto de vista da Sociolinguística variacionista/Sociolinguística quantitativa e do Funcionalismo linguístico.

A primeira corrente de estudo, que tem como principal representante o linguista americano Labov (1972a, 1978, 1994, 2001, 2003, 2010), centra-se na heterogeneidade ordenada que rege a língua e investiga que condicionamentos favorecem determinados comportamentos linguísticos. Segundo Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade. Assumindo que anteposição, intercalação e posposição não alteram o estado de coisas da sentença, consideramos essas ordens alternativas como variantes de um mesmo fenômeno, a posição da temporal em relação a seu núcleo. Ainda segundo a escola americana, deu-se o devido lugar a condicionamentos de ordem extralinguística e, neste trabalho, foram considerados os fatores *idade e escolaridade* como possíveis condicionamentos extralinguísticos para a ordem das temporais. Quanto aos condicionamentos linguísticos, foi verificada a atuação dos fatores *relação cronológico-temporal, tipo de oração e conectivo, extensão da oração temporal, paralelismo sintático, topicidade, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal, relações lógico-semânticas e funções textual-discursivas*.

A corrente de Labov também forneceu todo o aparato metodológico de análise quantitativa dos dados. Foram analisadas 24 entrevistas do *Corpus Sociolinguístico da Cidade do México*, divididas ortogonalmente a partir dos fatores idade e escolaridade, tendo, cada célula, 4 informantes. Ao todo, coletamos 389 dados de temporais nas três posições em análise, que foram codificados de acordo com as variáveis linguísticas e extralinguísticas e receberam tratamento estatístico (*software Goldvarb*), gerando pesos relativos e percentuais, a partir dos quais pudemos mapear os fatores que mais seriam relevantes para explicar o posicionamento das temporais.

Além da Sociolinguística, também foi usado o aparato teórico do Funcionalismo linguístico, que considera as funções das formas da língua. Com base em estudos anteriores, prevemos que a temporal assumiria outras funções para além de funcionar como fundo, apontando, apenas, para as circunstâncias temporais nas quais se deram os eventos. Pressupomos que a cláusula temporal também poderia guiar o leitor, ser figura, servir para expressar avaliação etc. Além disso, ademais de expressar tempo, poderia estabelecer outras relações semânticas com a nuclear, a saber: condição, concessão, motivo, contraste etc. A corrente funcionalista também forneceu princípios que ajudaram a explicar os resultados quantitativos, a saber, marcação e iconicidade, segundo os postulados de Givón (1995, 2001).

Os resultados mostraram que os fatores *funções textual-discursivas*, *paralelismo sintático* e *relação cronológico-temporal* podem motivar fortemente a ordem das temporais, pois foram selecionados nas rodadas das três variantes em questão. Vejamos, então, detalhadamente, os resultados para cada posição da temporal.

Em linhas gerais, o critério frequência apontou para a anteposição como a forma menos marcada de posição das temporais (forma mais frequente – 220 dos 389 dados – 56.6% do total), ainda que marcada em termos de complexidade estrutural, por quebrar a ordem canônica. Quanto à complexidade cognitiva, essa posição pode ser mais ou menos marcada, a depender do contexto, como, por exemplo, as antepostas em função de guia (menos marcadas). No que tange a essa função, em termos de iconicidade, é mais natural que a oração se anteponha, para direcionar o leitor para as informações que virão a seguir. Já as temporais pospostas são marcadas por frequência (101 de 389 dados – 26% do total), porém menos marcadas em termos de complexidade cognitiva e estrutural, por ser o padrão canônico de ordenação, segundo a Real Academia Española (1781). Em relação à intercalação, é uma forma com o traço + *marcado* nos três critérios, por ter se mostrado a menos frequente (68 dos 389 dados – 17.5% do total), por ser o padrão mais complexo cognitivamente e estruturalmente.

Iniciamos pela anteposição, forma que pode ser mais ou menos marcada em relação à posição da temporal, a depender do contexto, ainda que tenha sido extremamente frequente nos dados. Percebemos, então, que o falante tem utilizado com frequência a temporal com função de guia, antepondo-a, para situar/direcionar/chamar a atenção de seu ouvinte, mais do que a típica função de *fundo/moldura*, que apresenta o cenário temporal das ações da principal. Os grupos considerados relevantes para motivar a anteposição da temporal foram os seguintes, em ordem de seleção: *funções textual-discursivas*, *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal*, *paralelismo sintático*, *escolaridade do falante*

e *relação cronológico-temporal*. Já os grupos descartados, estatisticamente, foram: *idade do falante, topicidade, extensão da temporal, tipo de oração e de conectivo e relações lógico-semânticas*.

Quanto às funções textual-discursivas, com os fatores *fundo guia, figura/temporal atípica, fundo moldura, fundo avaliativo*, mostrou-se mais relevante a função *fundo guia* (peso 0.715), como explicitamos no parágrafo anterior. A função *fundo avaliativo* não apresentou nenhuma ocorrência para temporais antepostas, o que mostra que o falante não costuma avaliar no início do período.

Em relação ao grupo *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal*, com os fatores *temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo, temporal e principal com sujeito dado, temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado e temporal e principal com sujeito novo*, o primeiro desses se mostrou mais relevante (peso 0.574), validando a articulação Tema-Rema, proposta por Halliday (1985).

O grupo *paralelismo sintático*, com os fatores *anteposição, posposição e intercalação*, tentava mostrar que o falante obedece a um paralelismo estrutural no mesmo subtópico, sem operar constantes mudanças de ordem na articulação temporal-principal. Os resultados apontaram que falantes que iniciam um subtópico com temporal anteposta tendem a manter essa posição (peso 0.585 para o fator anteposição).

O grupo *escolaridade do falante* rodou com os fatores *nível médio e nível alto*, sendo que o primeiro foi considerado mais relevante (peso 0.580), mostrando que os falantes de nível médio são mais propensos a antepor suas temporais.

Por fim, o grupo *relação cronológico-temporal*, com os fatores *simultaneidade, anterioridade e posterioridade*, foi relevante em relação aos dois primeiros fatores (peso 0.532 e 0.505, respectivamente), o que comprova a aplicação do princípio de iconicidade, que prevê que o falante tende a organizar suas orações conforme se deram no mundo real, ainda que as relações de simultaneidade, aparentemente, pareçam desconfirmar parcialmente a hipótese. Ainda assim, correlacionando os dados com o princípio da marcação, as relações de anterioridade foram consideradas as menos marcadas em relação a esse grupo.

Os demais grupos, não selecionados, apresentam apenas tendências de uso, que podem se confirmar em pesquisas com mais dados e que incluam outros fatores. Em relação à idade, jovens, adultos e velhos utilizam, com frequência, a anteposição, ainda que haja uma preferência pela parcela mais jovem (20-34 anos). Em relação à topicidade, as temporais em contexto de continuidade tópica tendem a serem antepostas. No que diz respeito à extensão, ambas, orações longas e curtas, vêm antepostas, ainda que haja uma tendência de uso de

orações mais longas. Isso se dá, provavelmente, por funcionarem como guia e necessitarem de mais material linguístico para orientar o leitor. De um ponto de vista icônico, mais informação costuma ser expressa com mais material linguístico. Os fatores do grupo *tipo de oração e de conectivo* também apresentaram altos percentuais, porém as reduzidas se mostraram as mais frequentes. Por fim, as relações lógico-semânticas de motivo, condição e tempo também se mostraram relevantes, por suas frequências acima de 50%, embora a primeira tenha sido a mais frequente (66.7%).

Em relação à posposição, embora seja a forma menos marcada em termos de complexidade cognitiva e estrutural, por ser o padrão canônico, não se mostrou tão frequente quanto a anteposição. Isso revela que as funções codificadas pela temporal posposta estão mais relacionadas à montagem de cenário/moldura/avaliação, não requerendo, para isso, posição prioritária, bem no início da sentença. Os grupos selecionados foram os seguintes: *relação cronológico-temporal, funções textual-discursivas, idade do falante, relações lógico-semânticas e paralelismo sintático*. Já os descartados foram: *escolaridade do falante, tipo de oração e de conectivo, topicidade, estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal e extensão da temporal*.

Os resultados do grupo *relação cronológico-temporal*, com os fatores *posterioridade, simultaneidade e anterioridade*, refletiram o princípio de iconicidade, ou seja, a posposição reflete relações cronológico-temporais de posterioridade (peso 0.758) em seu relacionamento com a principal.

O grupo *funções textual-discursivas*, com os fatores *figura/temporal atípica, fundo guia e fundo moldura* (amalgamados) e *fundo avaliativo*, revelou fortes motivações do primeiro (peso 0.588) e do último fator (100% de ocorrência). *Fundo avaliativo* apresentou uso categórico, pois todas as ocorrências dessa função foram encontradas apenas em dados de posposição. Por isso, esse fator foi considerado não marcado em todos os critérios.

Em relação à idade do falante, com as faixas etárias *maiores de 55 anos, 35-54 anos e 20-34 anos*, revelou forte motivação o primeiro fator, com peso (0.617). Isso confirma as hipóteses iniciais de que os mais velhos mantêm os padrões canônicos de ordenação.

No que tange às relações lógico-semânticas, com os fatores *tempo e concessão, tempo prototípico, tempo e condição e tempo e motivo*, os dois primeiros (pesos 0.688 e 0.576, respectivamente) demonstraram exercer maior influência. A motivação em relação ao traço semântico concessão pode ser explicada pelo fato de que é mais natural apresentar um fato em primeiro lugar para, apenas depois, contrariá-lo. Já a relação de *tempo prototípico* já é característica primeira e prototípica das temporais.

Os resultados do grupo *paralelismo sintático*, com os grupos *intercalação*, *posposição* e *anteposição* demonstraram que o falante, quando inicia um subtópico com posposição, costuma continuá-lo com intercalação. É provável, então, que haja uma relação entre intercalação e posposição, e haja características semelhantes entre elas, como, por exemplo, a função anafórica, operando no sentido de retomar itens anteriormente citados.

Assim como nas rodadas de anteposição, alguns grupos não foram considerados significativos estatisticamente: *escolaridade do falante*, *tipo de oração e de conectivo*, *topicidade*, *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal* e *extensão da temporal*. Por seus percentuais aproximados, não realçaram um fator em específico, mas apontam tendências de uso da posposição, que podem ser confirmadas em pesquisas posteriores. Em relação à escolaridade, o nível alto revelou certa preferência pela posposição. O grupo *tipo de oração e de conectivo* apontou sutil destaque para o fator *desenvolvida, com locução conjuntiva*. Em *topicidade*, revelou-se uma tendência para uso de pospostas em contextos de continuidade tópica. Em seguida, o grupo *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal* mostrou tendência de uso para o fator *temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado*. Por fim, em *extensão da temporal*, as orações mais curtas parecem tender a motivarem a posposição.

Encerrando o estudo da posposição, em último lugar seguimos para a análise das motivações para a intercalação, forma considerada marcada em todos os critérios, por ser pouco frequente, mais complexa cognitivamente e estruturalmente. Além do mais, em termos de iconicidade, a intercalação é a menos icônica, por interromper a sequência entre os argumentos verbais, interpondo-se à ordem canônica do enunciado. Após as rodadas estatísticas, foram selecionados os seguintes grupos: *topicidade*, *paralelismo sintático*, *funções textual-discursivas* e *relação cronológico-temporal*. Em seguida, foram descartados os seguintes: *topicidade*, *extensão da temporal*, *idade do falante*, *tipo de oração e de conectivo*, *relações lógico-semânticas*, *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal* e *escolaridade do falante*. Como se pode ter percebido, o grupo *topicidade* foi selecionado e, em seguida, descartado pelo programa. Segundo Guy e Zilles (2007), é possível que outro grupo tenha se sobreposto a ele, o que levou esse grupo a ser considerado entre os descartados, possivelmente por fatores do grupo *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal*.

Em relação a *paralelismo sintático*, com os fatores *posposição*, *intercalação* e *anteposição*, percebemos que intercaladas operam com outras pospostas em um mesmo subtópico (peso 0.670). Essa relação intercalação-posposição pode ter sido promovida pela

interação entre ordem e escopo, pois ambas podem funcionar para escopar itens anteriormente mencionados.

O grupo das funções textual-discursivas, com os fatores *fundo guia*, *figura/temporal atípica* e *fundo moldura* apresentou resultados que apontaram motivação dos dois primeiros (pesos 0.609 e 0.527, respectivamente). Percebemos, então, que as intercaladas apresentam características de antepostas e pospostas.

O último dos grupos selecionados para a intercalação foi *relação cronológico-temporal*, com os fatores *simultaneidade*, *posterioridade* e *anterioridade*. O primeiro fator mostrou-se como motivador de intercalação (peso 0.588), validando o subprincípio de iconicidade que se refere à ordem dos eventos e ordem reportada.

Assim como nas rodadas anteriores, alguns grupos também foram descartados, por não exercerem influência considerável em termos estatísticos: *topicidade*, *extensão da temporal*, *idade do falante*, *tipo de oração e de conectivo*, *relações lógico-semânticas*, *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal* e *escolaridade do falante*. Como dito, os grupos descartados apontam para tendências que podem ser confirmadas em pesquisas com mais dados ou com a inclusão de novos fatores.

Os resultados do grupo *topicidade* mostraram que as intercaladas tendem a aparecer em contextos de mudança de tópico. Em extensão da temporal, provamos que as intercaladas tendem a ser codificadas por orações curtas, para não operar ruptura tão brusca na constituição do enunciado. Em relação à idade, os percentuais mostraram que a intercalação tende a ser mais utilizada por indivíduos adultos. No que diz respeito ao tipo de oração e de conectivo, houve tendência de uso de reduzidas, provavelmente, por conterem menos material linguístico. No que tange às relações lógico-semânticas, as intercaladas tendem a expressar, além de tempo, condição e motivo. Em *estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal*, intercalada e principal tendem a expressar sujeitos novos. Por fim, em relação à escolaridade do falante, notamos que falantes de nível alto tendem a intercalar suas temporais.

Por fim, expomos um quadro que sintetiza os resultados:

Quadro 42 – Síntese dos resultados

Grupos de fatores	Posição da temporal em relação à nuclear		
	<i>Anteposição</i>	<i>Intercalação</i>	<i>Posposição</i>
<i>Escolaridade do falante</i>	Nível médio	*Nível alto ¹¹⁰	*Nível alto
<i>Estatuto informacional dos sujeitos da oração principal e da temporal</i>	Temporal com sujeito dado e principal com sujeito novo	*Temporal e principal com sujeito novo	*Temporal com sujeito novo e principal com sujeito dado
<i>Extensão da oração temporal</i>	*Longa, mais de 4 vocábulos	*Curta, até 4 vocábulos	*Curta, até 4 vocábulos
<i>Funções textual-discursivas</i>	Guia	Guia e figura	Figura e Fundo avaliativo
<i>Idade do falante</i>	20-34 anos	*35-54 anos	Maiores de 55 anos
<i>Paralelismo sintático</i>	Opera com outras antepostas no mesmo subtópico	Opera com outras pospostas no mesmo subtópico	Opera com outras intercaladas e pospostas no mesmo subtópico
<i>Relação cronológico-temporal</i>	Simultaneidade e anterioridade	Simultaneidade	Posterioridade
<i>Relações lógico-semânticas</i>	*Motivo, condição e tempo	*Condição e motivo	Concessão e tempo
<i>Tipo de oração e de conectivo</i>	*Reduzidas e Desenvolvidas com conectivo	*Reduzidas e Desenvolvidas com conjunção	*Desenvolvidas, com locução conjuntiva
<i>Topicidade</i>	*Contextos de continuidade tópica	*Contextos de mudança de tópico	*Contextos de continuidade tópica

Fonte: elaborado pelo autor.

Como mostra o quadro e a discussão ao longo deste trabalho, os grupos *funções textual-discursivas*, *paralelismo sintático* e *relação cronológico-temporal* são extremamente significativos para explicar a ordem das temporais, pois foram selecionados nas rodadas das três variantes em questão.

¹¹⁰ O quadro está organizado por ordem alfabética do nome dos grupos de fatores. Os fatores precedidos por (*) referem-se aos grupos descartados nas rodadas, e, portanto, indicam, apenas tendências de uso.

No intuito de dar continuidade às investigações sobre o comportamento das temporais, indicamos as seguintes sugestões de pesquisa:

- Considerar as demais entrevistas do *corpus* não analisadas, porque foram analisadas apenas 24 das 108 disponíveis;
- Incluir novos grupos de fatores, como, por exemplo, correferencialidade do sujeito e tipos de verbo.
- Realizar análises isoladas de conectivos prototípicos para determinadas funções;
- Analisar função(ões) de conectivos como o *quando*;
- Incluir, no grupo *Escolaridade do falante*, o fator *nível baixo*, que, possivelmente, estará disponível muito em breve;
- Testar números de vocábulos significativos a fim de observar se o grupo extensão pode tornar-se significativo;
- Investigar a ordem de temporais em outras línguas latinas ou não, correlacionando os dados com os do Espanhol;
- Investigar a ordem em textos escritos, numa perspectiva sincrônica ou diacrônica;

Enfim, são diversas as formas de contribuir com os estudos sobre a ordem de temporais, sem contar os que podem focalizar, também, a ordem de outros constituintes do enunciado. Esperamos, com esse estudo, ter contribuído para validar pesquisas anteriores sobre a posição das temporais e motivar novas investigações. Além do mais, contribuir com os estudos que focalizem o Espanhol e verificar a relevância de se estudar, também, motivações extralinguísticas para explicar os usos da língua. Por fim, também esperamos ter trazido dados que confirmam a aplicação de princípios funcionalistas, como iconicidade e marcação.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. 2. reimpr. Real Academia Española, Madrid: Espasa Calpe, 2000.
- ALCARAZ VARÓ, Enrique; MARTÍNEZ LINARES, María Antonia. **Diccionario de lingüística moderna**. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.
- ALONSO BELMONTE, Isabel. Un estudio pragmático-discursivo del orden de los constituyentes en la oración en español y en inglés. **Revista de Estudios de Adquisición de la Lengua Española (REALE)**, n. 8, p. 9-21, 1997.
- ANDERSEN, Henning. Markedness and the theory of linguistic change. *In: _____*. (ed.). **Actualization**. Linguistic change in progress. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 21-57.
- ARIZA, Manuel. Contribución al estudio del orden de palabras en español. **Anuario de estudios filológicos**, n. 1, p. 9-42, 1978.
- ASRATIAN, Arucia. Oraciones coordinadas que representan eventos temporales en el español hablado de Caracas. **Boletín de Lingüística**, v. 19, p. 3-19, ene./jul. 2003.
- BELLO, André. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Caracas: La Casa de Bello, 1995.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.
- BLUTEAU, Raphael. Subordinação. *In: _____*. **Vocabulário português & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. v. 7, p. 762. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/1/subordina%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 11 set. 2014 às 17h22.
- BRAGA, Maria Luiza. As construções causais. *In: NEVES, Maria Helena de Moura*. (Org.). **Gramática do Português Falado**. Volume VII: Novos Estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 461-496.
- _____. Variáveis discursivas sob a perspectiva da Teoria da Variação. *In: _____*;
MOLLICA, Maria Cecilia. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012. p. 101-116.
- BRASIL, Ângela Varela. **Ordenação de circunstanciais na escrita**: um estudo contrastivo entre PB e PE. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005, 180 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BÜHLER, Karl. **Sprachtheorie**. Jena: Fischer, 1934.
- BUTRAGEÑO, Pedro Martín; LASTRA, Yolanda. (Org.). **Corpus sociolingüístico de la ciudad de México**. Disponível em: <<http://lef.colmex.mx/Sociolingüística/CSCM/Corpus.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2012.

CAMACHO, Roberto G. O papel da estrutura argumental na variação da perspectiva. *In*: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**. Vol. VI. Campinas: Editora da UNICAMP – FAPESP, 1996, p. 253-274.

CANALE, Michael. From communicative competence to communicative language pedagogy. *In*: RITHARDS, Jack; SCHMIDT, Richard. (Eds.). **Language and communication**. New York: Longman, 1983.

CARRASCO GUTIÉRREZ, Ángeles. El tiempo verbal y la sintaxis oracional. La *consecutio temporum*. *In*: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Dirs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española** – Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa Calpe, S. A., 1999. v. 2, p. 3061-3128. (Colección Nebrija y Bello).

CHEDIER, Carolina Moreira. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1965.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. 1. ed. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. v. 1. 172p. Disponível em: <http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf>. Acesso em: 24 set. 2014.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

DANES, Frantisek. On Prague School Functionalism in Linguistics. *In*: DIRVEN, Rene; FRIED, Vilem (eds.). **Functionalism in Linguistics**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 3-38.

DANTAS, Marcelo; CAVALCANTE, Vanessa. **Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quantitativa**. 2006. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/14344653/Pesquisa-qualitativa-e-quantitativa>>. Acesso em: 07 dez 2012.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: _____; SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; LIBERATO, Yara Goulart (Orgs.). **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. 1. ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001, v. 5, p. 103-166.

DELANCEY, Scott. An interpretation of split ergativity and related patterns. **Language**, Baltimore, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.

DELBECQUE, Nicole. La enseñanza del orden de las partes de la oración en francés y en español. **Lenguaje y textos**, n. 1, p. 59-73, 1992.

DEVÍS MÁRQUEZ, Pedro Pablo. El concepto de subordinación. Criterios para la clasificación de las denominadas oraciones subordinadas en español. **Contextos**, n. XII, v. 23-24, 1994.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español** - Desarrollos teóricos. Ejercicios. Soluciones. Buenos Aires: Edicial, 1997.

DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. **The theory of functional grammar**. 2. ed. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1997. 2v.

DUBOIS, John. Wayne. Competing motivations. *In*: HAIMAN, John (Org.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1985.

FERNÁNDEZ, Jesús; FENTE, Rafael; SILES, José. **Curso intensivo de español: gramática**. 7. Ed. Madrid: Sociedad General Española de librería, 1996.

FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, Inés. Orden de palabras, tópicos y focos en la prosa alfonsí. **Alcanate**, n. 6, p. 139-172, 2008-2009.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. Sobre el orden de palabras en español. **Dicenda: Cuadernos de filología hispánica**, n. 11, p. 113-152, 1993.

FIGUEROA, Esther. **Sociolinguistic Metatheory**. Language & Communication Library, vol. 14. Oxford: Pergamon, 1994.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 115-132, 2009.

_____. O social da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 43-58, 2011.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Faperj/DP & A, 2003.

_____. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 157-176.

GALÁN RODRÍGUEZ, Carmen. **Las oraciones subordinadas adverbiales: temporales, locativas y modales**. Madrid: Liceus, Servicios de Gestión y Comunicación S. L., 2005.

GARCIA DE PAREDES, Elena Mendéz. Sobre el orden de palabras en español: la colocación de la subordinada temporal en castellano antiguo. **Verba**, n. 20, p. 199-219, 1993.

GARCÍA FERNÁNDEZ, Luis. Los complementos adverbiales temporales. La subordinación temporal. *In*: BOSQUE MUÑOZ, Ignacio; DEMONTE BARRETO, Violeta (Dirs.).

Gramática Descriptiva de la Lengua Española – Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales. Madrid: Espasa Calpe, S. A., 1999. v. 2, p. 3129-3208. (Colección Nebrija y Bello).

GARVIN, Paul. An Empiricist Epistemology for Linguistics. *In*: PARADIS, Michel. **The Fourth LACUS Forum**. Columbia, SC: Hornbeam Press, 1978, p. 331-351.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILI GAYA, Samuel. **Curso Superior de Sintaxis Española**. Barcelona: Bibliograf, S.A., 2000.

GIVÓN, Talmy. Historical syntax and synchronic morphology: An archaologist's fiel trip. **Papers from the Chicago Linguistic Society**, v. 7, p. 394-415, 1971.

_____. Topic, pronoun and grammatical agreement. *In*: LI, Charles (Ed.). **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976.

_____. **On understanding grammar**. Nova York: Academic Press, 1979.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

_____. **Functionalism and grammar**: a prospectus. University of Oregon, 1991a.

_____. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. **Studies in language**, v. 15, n.1. Philadelphia: J. Benjamins, 1991b.

_____. Markedness in grammar: distributional, communicative and cognitive correlates of syntactic structure. **Studies in Language**, v. 15, n. 2, p. 90-98. Oregon: University of Oregon. 1991c.

_____. **English grammar**: a function-based introduction. Amsterdam: John Benjamins. v.1, 1993.

_____. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____. **Syntax**: an introduction. Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GONÇALVES, Sebastião Carlos. Orações subjetivas e mudança de padrões na história do português. *In*: SOUZA, E. R. (org.). **Funcionalismo linguístico** – Análise e descrição. São Paulo: Contexto, 2012, p. 93-118.

GÖRSKI, Edair Maria. Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. **Letras de Hoje**, PUC-RS. Porto Alegre, v. 35, p. 97-120, 2000.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires de. A interferência das variáveis semânticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 89-100.

GUTIÉRREZ BRAVO, Rodrigo. La identificación de los tópicos y los focos. **Nueva revista de filología hispánica**, v. 56, n. 2, p. 363-401, 2008.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolingüística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to funcional grammar**. Australia: Edward Arnold, 1985.

_____. **Explorations in the Functions of Language**. Londres: Edward Arnold, 1973.

HARRIS, Martin. Concessive Clauses in English and Romance. *In*: HAIMAN, Jonh; THOMPSON, Sandra. (eds.). **Clause Combining in Grammar and Dicourse** Amsterdan: John Benjamins, 1988.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HUNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago/London: The University of Chicago, 1991, p. 6-26.

HENGEVELD, Kees. **The architecture of a functional discourse grammar**. Preliminary version. Amsterdam, 2000.

_____; MACKENZIE, Jonh Lachlan. **Fuctional Discourse Grammar**: a typologically based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. **Berkeley Linguistics Society**, v. 13, p. 139-157, 1987.

_____. On some principles in the grammaticalization. *In*: TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; HEINE, Bernd (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991, p. 17-35.

_____; THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio (Ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. Disponível em: <<http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

HYMES, Dell. On Communicative Competence. *In*: PRIDE, John; HOLMES, Janet. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e poética. *In*: _____. **Linguística e comunicação**. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1969, p. 118-162.

JIMÉNEZ FERNÁNDEZ, Rafael. Sobre el uso de las oraciones circunstanciales en niños de 11 a 13 años. **Cauce**, n. 20-21, p. 813-844, 1997-1998.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Arlington: Washington Center of Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

_____. The boundaries of words and their meanings. In: BAILEY, Charles-James; SHUY, Roger (Orgs.). **New ways of analyzing variation in English**. Washington: Georgetown University Press, 1973.

_____. Where does the Linguistic variable stop. A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Paper**, 44. Texas, 1978.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov (eds.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1982.

_____. **Modelos Sociolinguísticos**. Tradução de José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1983. Tradução de: **Sociolinguistic Patterns**, 1972.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, Christine Bratt; TUCKER, G. Richard (orgs.) **Sociolinguistics**. The essential readings. New York: Cambridge, 2003.

_____. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. v. 3. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LAVANDERA, Beatriz. **Where does the sociolinguistic variable stop?** Paper presented at Linguistic Society of America Meeting, Chicago, December 1977.

LESSA, Márcia da Silva Mariano. **Ordenação de circunstanciais temporais e locativos na escrita jornalística contemporânea**. 2012. 139 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LYONS, John. **Lingua(gem) e Linguística** – uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LOBO, Maria. **Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística/Sintaxe) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINET, André. Qu'est-ce la linguistique fonctionnelle? **Alfa**, v. 38, 1994, p. 11-18.

MARTÍNEZ LINARES, María Antonia. La oración compuesta por subordinación en la gramática de Eduardo Benot. **ELUA. Estudios de Lingüística Universidad de Alicante**, n. 5, p. 191-199, 1988-1989.

MATHESIUS, Vilém. **Jazyk, kultura, a slovesnost (Língua, cultura e literatura)**. Josef Vachek, Praga: Odeon, 1982 [1923].

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *In*: _____. **Linguistique Historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1948 [1912], p. 130-148.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: _____. BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-14.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-50

_____. A extensão da análise dos elementos adverbiais para além da oração. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, v. 14, p. 125-137, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções condicionais. *In*: _____. (Org.). **Gramática do Português Falado**. Volume VII: Novos Estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 497-544.

_____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. Estudar os usos linguísticos. Ou: A visão funcionalista da linguagem. *In*: _____. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 15-34.

NICHOLS, Johanna. Functional Theories of Grammar. **Annual Review of Anthropology**, v. 43, 1984, p. 97-117.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Considerações sobre o funcionalismo linguístico – principais vertentes. *In*: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Linguística funcional – a interface linguagem e ensino**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2006, v. 1, p. 23-40.

OLIVARES PARDO, María Amparo. El tiempo y los tiempos en las subordinadas temporales. Estudio de casos. *In*: FIGUEROLA CABROL, María Carme; PARRA, Montserrat; SOLÀ, Pere. (eds.). **La lingüística francesa en el nuevo milenio**. Lleida: Editorial Milenio, 2002, p. 541-550.

OLIVEIRA e SILVA, Gisele Machline. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 117-133.

PADILLA GARCÍA, Xosé. **El orden de palabras en español coloquial**. Barcelona: Ariel, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição de. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, Sebastião Votre; RONCARATI, Cláudia (Org). **Anthony Naro e a linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 254-264.

_____. Restrições à posição de Spreps temporais na modalidade falada. **Alfa**: Revista de Linguística, v. 56, n. 1, UNESP, São José do Rio Preto, 2012.

_____; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 131-151. Tradução de: Empirical Foundations for a Theory of Language Change, 1968.

PEREIRA, Marli Hermenegilda. Fatores inibidores da flexibilidade de ordenação das orações temporais. **Estudos Linguísticos**, v. 32, São Paulo, 2004.

_____; BRAGA, Maria Luíza; PAIVA, Maria da Conceição de. Gramaticalização das construções (PREP1) + (DET) + N + (PREP2) + QUE. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. (Org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português**: metodologias e aplicações. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 173-200.

PIATTI, Guillermina Inés. Algunas observaciones sobre el orden sintáctico en la oralidad. **Plurentes**, ano 1, n. 2, p. 1-22, 2012.

PILAR GARCÉS, María. **La oración compuesta en español, estructuras y nexos**. Madrid: Verbum, 1994. 189 p. (Colección Cervantes).

PORROCHE BALLESTEROS, Margarita. **Aspectos de gramática del español coloquial para profesores de español como L2**. Madrid: Editorial ArcoLibros, 2009.

PORTILLA, Mario. Las oraciones circunstanciales en español. **Filología y Linguística**, Costa Rica, v. XXXV, n. 2, p. 191-205, 2009.

QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LEECH, Geoffrey; SVATRVIK, Jan. **A comprehensive grammar of the English language**. Londres: Longman, 1985.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gramática de la lengua castellana**. Madrid: Real Academia Española, 1771.

_____. Subordinación. In: **Diccionario de la lengua española**. 22. ed. Madrid: Real Academia Española, 2001. Disponível em:
<<http://lema.rae.es/drae/?val=subordinaci%C3%B3n>>. Acesso em 09 set. 2014 às 15h31.

_____. *Quelite*. In: _____. 22. ed. Madrid: Real Academia Española, 2001. Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=quelite>>. Acesso em 26 jan. 2015 às 17h32.

_____. **Nueva gramática de la lengua española**: manual. Madrid: Asociación de Academias de La Lengua Española, 2010. 993 p. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=JtsFAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=es&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 06 dez. 2012.

RIVAROLA, José Luis. Observaciones sobre la hipotaxis y la parataxis en español. **Lexis**, v. 5, n. 1, p. 21-29, 1981.

ROMERO GUALDA, María Victoria. Orden de los elementos oracionales en español. **Rilce - Revista de Filología Hispánica**, v. 1, n. 1. p. 91-111, ene./jun. 1985.

SANTIAGO GUERVÓS, Javier de. Sobre terminología, rentabilidad y criterios de enseñanza-aprendizaje de los nexos más frecuentes del español en las oraciones subordinadas adverbiales. En: **Actas del II Congreso Internacional de Lengua, Literatura y Cultura de E/LE: Teoría y práctica docente, celebrado en Valencia, del 15 al 17 de mayo de 2008**. Onda: JMC, 2008, p. 47-74.

SARMIENTO, Ramón; SÁNCHEZ, Aquilino. **Gramática básica del español**: norma y uso. 14. ed. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 2007. 336 p.

SAUSURRE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

_____; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 147-177.

SILVA, Sílvio Ribeiro da. Da abordagem estrutural ao gerativismo chomskiano. **Soletras**, São Gonçalo, ano IX, n. 18, p. 83-95, 2009.

SILVA, Cristiany Fernandes da; SALLES, Heloísa. Orações temporais iniciadas por *quando*: uma comparação entre o português e o espanhol. In: CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17., 2014, João Pessoa, Paraíba. **Anais...** João Pessoa: ALFAL, 2014, p. 3923-3933. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0185-1.pdf>>. Acesso em 10 set. 2014 às 23h56.

SILVEIRA, Elisabeth. **O aluno entende o que se diz na escola?** Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997.

SOUZA, Maria Suely Crocci de. O papel discursivo e coesivo das orações temporais. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Descrição do Português**: definindo rumos de pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001, p. 67-78.

_____. Menino saía da praça quando foi atingido por uma bala perdida: a cláusula temporal atípica. **Estudos Linguísticos**, n. 35, p. 1413-1422, 2006.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TORRES, Fábio Fernandes. **Os domínios funcionais do gerúndio em Língua Portuguesa**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

VIEIRA, Maria Hermínia Cordeiro. **Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 51-57.

WEIL, Henri. **De l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes**. Monograph. 1844. Amsterdam: John Benjamins (Trans.), 1978.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, 1968.

APÊNDICE A – QUADRO-SÍNTESE DE OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

Problema: Investigação da atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos na ordenação de orações temporais.		
Objetivo geral: Analisar, à luz de pressupostos sociofuncionalistas, a variação na ordenação de orações temporais em relação à oração principal no Espanhol mexicano falado, considerando-se motivações linguísticas e extralinguísticas.		
OBJETIVO	QUESTÕES	HIPÓTESES
<p>1. Examinar os condicionamentos linguísticos relação temporal, tipo de oração e de conectivo, extensão da oração, paralelismo, continuidade tópica, relevo discursivo e estatuto informacional. (1/2)</p>	<p>a) A ordem das orações é motivada pela relação temporal que se estabelece entre ela e a nuclear?</p>	<p>Há uma relação entre ordem dos eventos e ordem de disposição das orações temporais no enunciado, um reflexo do princípio de iconicidade (conforme GIVÓN, 2001). Segundo o subprincípio de sequência, o falante ordena as sentenças de acordo com a ordem dos eventos. Portanto, relações temporais de anterioridade seriam marcadas por anteposição; relações de simultaneidade, por intercalação; e relações de posterioridade, por posposição da temporal.</p>
	<p>b) O tipo de oração e de conectivo (reduzida, sem conectivo; desenvolvida, introduzida por conjunção; ou desenvolvida, introduzida por locução conjuntiva) é fator que influencia a ordem das orações?</p>	<p>Há fatores que restringem a flexibilidade das temporais (PEREIRA, 2004). Sendo assim, a presença ou ausência de conectivo determinaria padrões de ordenação. As orações desenvolvidas introduzidas por locução conjuntiva apareceriam, com mais frequência, pospostas à nuclear, próximas do verbo, reafirmando seu estatuto de modificador verbal. Essas locuções conjuntivas, por serem itens maiores, não apareceriam em temporais intercaladas, para não quebrar a sequência narrativa. Por outro lado, as orações introduzidas por conjunções simples teriam padrões mais livres de ordenação. Oração reduzidas, sem conectivo, são menos presas à nuclear e, portanto, gozariam de maior mobilidade (GALÁN RODRÍGUEZ, 2005; PEREIRA, 2005), aparecendo em qualquer uma das três posições.</p>

1. Examinar os condicionamentos linguísticos relação temporal, tipo de oração e de conectivo, extensão da oração, paralelismo, continuidade tópica, relevo discursivo e estatuto informacional. (2/2)	c) A extensão da oração temporal é fator que motiva determinada posição em relação à nuclear?	Orações com mais de 4 vocábulos formais ¹¹¹ (orações mais extensas) evitam as posições mediais, entre sujeito e verbo ou entre verbo e demais complementos. As orações longas, mais pesadas, ficariam situadas à margem direita em relação à principal (LESSA, 2012; PAIVA, 2012; QUIRK et alli, 1985).
	d) Paralelismo com orações anteriores determina padrões de ordenação da oração temporal?	A repetição de variantes de uma mesma variável se apresenta como uma restrição importante no que diz respeito à análise de fenômenos variáveis (SCHERRE, 1998). É possível que o falante utilize, em novas orações, a mesma sequência de ordenação que utilizou em orações anteriores, dentro do mesmo subtópico.
	e) A ordem das orações é determinada por contextos de continuidade tópica e/ou mudança de tópico?	O falante utiliza a anteposição para marcar fronteiras entre tópicos e/ou subtópicos distintos (BRASIL, 2005).
	f) O relevo discursivo motiva a ordem?	Orações temporais do tipo fundo 1 (CHEDIER, 2007), cujas características semânticas as aproximam do status de figura, tal como as nucleares, seriam pospostas, expressando uma ordenação icônica (SOUZA, 2006).
	g) O estatuto informacional influencia a ordem?	O estatuto informacional determina padrões de ordenação (HALLIDAY, 1985). As informações novas são as últimas a serem narradas, portanto, orações com sujeito novo apareceriam pospostas à nuclear.
2. Investigar a atuação dos condicionamentos extralinguísticos idade e escolaridade.	a) A ordem de orações é motivada pela idade do produtor da sentença?	Falantes de mais idade têm a tendência de não quebrar a sequência entre os verbos e seus

¹¹¹ Número de vocábulos pensado a partir da escala proposta por Paiva (2012), mencionada na Fundamentação teórica deste trabalho, quando da explicação de fatores de ordem estrutural.

		argumentos, e dispor as orações de uma forma mais canônica, do tipo SVO(C), por terem uma tendência a manter as variantes mais conservadoras (LABOV, 2001; NARO, 2012).
	b) A ordem de orações é motivada pela escolaridade do falante?	Falantes mais escolarizados têm a tendência de manter a proximidade espacial entre verbos e seus argumentos, e dispor as orações de uma forma mais canônica (VOTRE, 2012).
3. Analisar os contextos prototípicos de uso no que tange à posição das orações temporais em relação à oração principal. (1/2)	a) Quais são os contextos prototípicos no que tange à ordem de orações temporais no espanhol falado? (1/2)	A investigação da atuação dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos explica os padrões de ordenação de orações temporais, conforme contextos descritos abaixo: As orações temporais antepostas encerrariam relação temporal de anterioridade; seriam orações reduzidas/sem conectivo; havendo conectivo, seriam introduzidas por locuções conjuntivas; seriam mais curtas; apareceriam em conjunto com outras antepostas no mesmo subtópico; operariam em contexto de mudança de tópico; seus sujeitos codificariam referentes dados na situação comunicativa; expressariam relações de tempo, condição e/ou concessão; funcionariam, na sentença, como guia; seriam utilizadas por falantes mais novos e de nível médio de escolaridade;
3. Analisar os contextos prototípicos de uso no que tange à posição das orações temporais em relação à oração principal. (2/2)	a) Quais são os contextos prototípicos no que tange à ordem de orações temporais no espanhol falado? (2/2)	As adverbiais temporais pospostas apresentariam relação temporal de posterioridade; seriam orações desenvolvidas/com conectivo; havendo conectivo, seriam introduzidas por locuções conjuntivas; seriam orações extensas; apareceriam em conjunto com outras pospostas no mesmo subtópico; seriam frequentes em contexto de continuidade tópica; teriam sujeito codificando informação nova;

		<p>encerrariam relações textual-discursivas de motivo; serviriam a funções de figura – temporal atípica ou moldura, adendo, avaliação ou motivo; seriam utilizadas por falantes mais velhos e de nível alto de escolaridade.</p> <p>As temporais intercaladas introduziriam relação temporal de simultaneidade; seriam orações reduzidas/sem conectivo; seriam orações curtas; apareceriam em conjunto com outras intercaladas no mesmo subtópico; operariam em contexto de continuidade tópica; apresentariam sujeito codificando informação nova; encerrariam relação de concessão; serviriam para retomar informações; seriam utilizadas por falantes mais novos e de nível médio de escolaridade.</p>
<p>4. Correlacionar os resultados obtidos aos princípios givonianos de iconicidade e marcação.</p>	<p>a) De que maneira os princípios funcionalistas de iconicidade e marcação estão correlacionados com a ordenação de orações temporais?</p>	<p>As orações temporais na fala, contrariando a tradição gramatical, teriam a anteposição como ordem não marcada (GÖRSKI, 2000; PAIVA, 2008), tendo em vista sua alta frequência. A hipótese é a de que primeiro o falante monta o cenário espaço-temporal para, somente depois, narrar as ações realizadas pelos actantes. Os contextos mais ou menos icônicos seriam determinados pela relação temporal estabelecida entre temporal e nuclear. Nesse sentido, sempre que a posição da temporal reflita a ordem em que os eventos sucederam¹¹², verificar-se-ia a aplicação de um subprincípio de iconicidade (GIVÓN, 2001).</p>

¹¹² Por exemplo: uma temporal anteposta expressar, com a nuclear, relação de anterioridade. A hipótese, segundo o subprincípio de sequência, postulado por Givón (2001) é a de que o falante ordene as orações de acordo com a ordem em que os eventos expressos por elas aconteceram.